OS SOLSTÍCIOS

HISTÓRIA E ACTUALIDADE

JEAN MABIRE e PIERRE VIAL

Jean Mabire
Pierre Vial

OS SOLSTÍCIOS

HISTÓRIA E ACTUALIDADE

1995

OS SOLSTÍCIOS - História e actualidade

de JEAN MABIRE e PIERRE VIAL

Editor: *Hugin - Editores, Lda.*

Tradução: *Nuno de Athaíde*

Impressão, montagem e acabamento: *Rolo & Filhos*

Distribuição: *Diglivro, Lda.*

ISBN: 972-8310-02-1

Depósito Legal: 93934/95

ÍNDICE

A história
do mundo
não é senão
a história
do Sol

RENAN

e

Diante do país dos Celtas, a pouca distância em direcção ao Norte, existe uma ilha tão grande, pelo menos, como a Sicília. Os seus habitantes são os Hiperbóreos porque estão fora do alcance do vento do norte (...) Há nesta ilha um bosque sagrado duma beleza total dedicado ao Sol, assim como um templo estranho de forma circular... Em cada 19 anos, quando o sol e a lua reencontram as suas posições relativas, Apolo faz a sua entrada na ilha.

DIODORO de SICÍLIA
citando um texto de HÉCATE de ABDERE

STONEHENGE
alto lugar do culto europeu

Madrugada de 21 de Junho. A noite desaparece diante do dia nascente. Lá em baixo, na direcção do leste, o céu cobre-se de verde esmeralda, como um oceano tranquilo. A seguir, tudo passa ao rosa, como se mil flores de pétalas delicadas resplandecessem no meio de nuvens cinzentas.

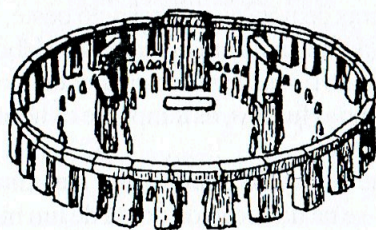
Enfim, do solo mesmo da velha Inglaterra parece ter surgido o disco do sol, vermelho vivo. Com ele, o fogo e o sangue abrasam o céu. Vai cumprir-se hoje o seu curso mais longo. Nunca, a não ser no solstício de verão, ele se demora tanto entre os homens, com semelhante calor, tamanha força, tal poder.

O sol cumpre finalmente a promessa dos longos meses de inverno. Volta para o meio de nós. Aquece-nos e ilumina-nos. Protege o oceano das searas e anuncia o ouro das ceifas.

Nesta manhã sagrada estamos em Stonehenge, nas terras altas e nuas da planície de Salisbury, no condado de Wiltshire. Ao norte, o País de Gales e as suas colinas verdes. Ao sul, a península da Cornualha e os seus rochedos ruivos. Atrás de nós, na direcção do oeste, o oceano onde vai, esta noite, no termo da sua mais longa jornada de labor, afundar-se o sol. Quando tiver terminado o seu curso, desaparecerá no mar onde dormem para sempre, nos grandes fundos, os templos e os homens da Hiperbórea.

Da pedra do altar, no centro do monumento megalítico de Stonehenge, vemos o Sol erguer-se na direcção da ponta de um menir chamado Heel Stone, levantado no prolongamento da avenida principal.

As pedras ainda de pé, no lugar que ocupavam aquando da sua construção, permitem fazer uma ideia bastante nítida do conjunto na sua origem. Imaginemos, para começar, um círculo de pedras erguidas, de 4,15 m de altura acima do solo, duas a duas reunidas nos seus topos superiores por lintéis. No interior, um segundo círculo de pedras mais pequenas, isoladas, estas, porque nenhum lintel corre ao longo da sua circunferência. No interior ainda deste segundo círculo, dez blocos enormes, reunidos dois a dois, elevando-se a, pelo menos, 6,70 m do nível do terreno. Cada par é encimado por um lintel, de modo a formarem cinco trílitos dispostos em ferradura. Inscritas na figura desenhada por estes cinco trílitos, dezanove pedras, análogas em natureza e dimensão às do segundo círculo, desenham igualmente uma ferradura. Enfim, perto do centro do monumento, uma longa pedra plana, rectangular, chamada «pedra do altar», estava pousada no próprio solo.
O círculo exterior tem um diâmetro de cerca de 31 m.
Stonehenge compunha-se, possivelmente, de 125 pedras erguidas, no mínimo, não compreendidos aqui os lintéis...
Uma avenida de acácias balizada por alguns menires, determinava o eixo do monumento, orientado com toda a exactidão para o sol nascente no solstício de verão.

Fernand NEIL
Dolmens et Menhirs

Aqui, desde há trinta ou quarenta séculos, vieram homens, neste dia único do ano, assistir ao nascer do sol criador do sol invencível, do sol soberano.

Enigma da história, sem cessar examinado pelos arqueólogos e pelos astrónomos desde que uma curiosidade necessitante lançou os homens sobre as marcas dos seus antepassados, Stonehenge não deixou nunca de intrigar e apaixonar. De emocionar, também. Descortinou-se ali um observatório, descobriu-se lá um cemitério. Chegou mesmo a pensar-se que este monumento pode ter sido um gigantesco calculador calendário. Mas volta-se sempre à mesma evidência: Stonehenge é, para começar, um alto lugar do culto solar europeu.

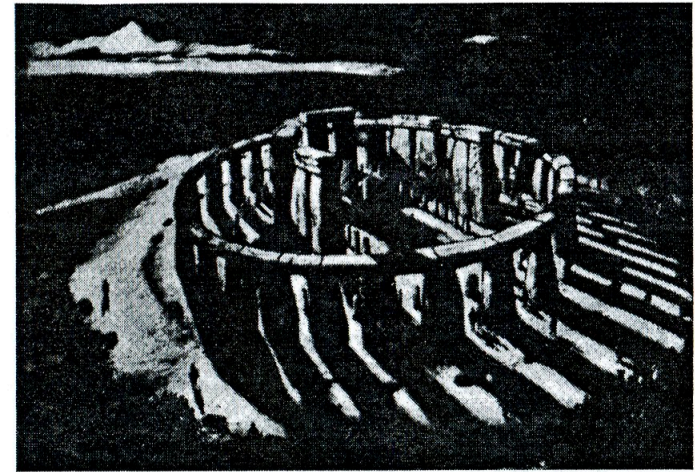
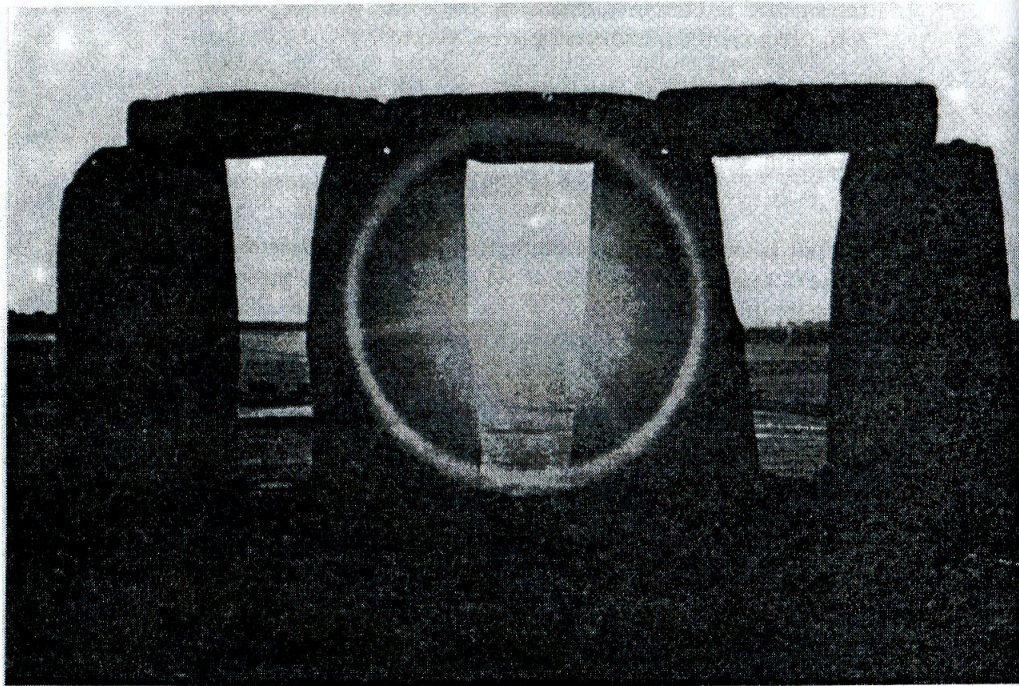
Nenhuma descrição pode substituir um plano, nenhuma evocação pode rivalizar com uma fotografia, nenhuma imagem pode transmitir a comoção inolvidável dos que, pela primeira vez, descobrem estas imensas pedras levantadas.

Templo mutilado de imagens desaparecidas e blocos caídos, Stnohenge contava, pelo menos, com 125 pedras que erguiam para o céu a grande certeza dos homens de então na promessa e na fidelidade do sol.

Sabe-se hoje que esta construção extraordinária foi edificada em três grandes etapas, entre -2.800 e -1.700 (segundo os trabalhos do Prof. Colin Renfrew). A sua construção estende-se desde o Neolítico até à Idade do Bronze, da noite da História ao aparecimento destes homens de quem somos, através da cadeia das gerações, os herdeiros directos.

A invasão indo-europeia dos guerreiros portadores da acha de combate, vindos do Continente ancestral, modificou profundamente a situação de Stonehenge.

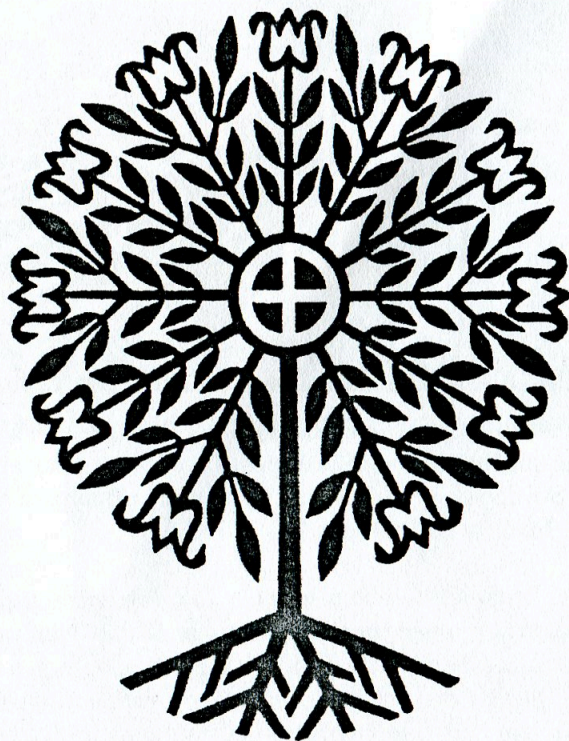
Neste templo a céu aberto que não tinha outro deus senão o Sol, os que nos precederam celebravam o grande matrimónio da Terra e do Fogo, o grande culto telúrico da única força que não mente e da única via que é eterna.

Oh Sol, a roda gira entre as nossas mãos
Onde vou, hoje não sei
Oh Sol, a roda gira entre as nossas mãos
Mas quero reencontrar os pioneiros.

A Ciência não se opõe à Fé. Pelo contrário, ilumina-a e até a reforça. Sabe-se hoje que Stonehenge não é apenas um monumento erigido para descobrir o Sol do Solstício de Verão no Nordeste, mas para saudar o do Solstício de Inverno no Sudoeste.

O arqueólogo britânico escreveu: «*Ao pôr do sol do Solstício de inverno, quando alguém permanece perto do centro de Stonehenge, pode ver-se o sol precisamente à esquerda da pedra mais alta, ou seja na direcção precisa em que se encontrava a abertura praticada entre os dois extremos do grande trílito central*». Esta observação foi confirmada pelos trabalhos dos Prof. Thom e Renfrew.

O passado e o futuro avançam com passo igual. A vida parece morrer no Solstício de inverno para renascer no Solstício de verão. Stonehenge não é o testemunho impressionante de um culto desaparecido, mas o ponto preciso onde poderão ancorar a nossa certeza e a nossa esperança.

O que os homens percebem da *Sun Stone*, a Pedra do Sol, não é o signo maldito do fim do mundo, é a presença viva do Eterno Retorno.

Jean MABIRE

**É cinzenta toda a teoria,
verde e florescente
a árvore da vida**

GOETHE

SÍMBOLOS SOLARES E CONCEPÇÃO DO MUNDO

Partidos da Europa do norte, os povos indo-europeus que estão na origem da nossa civilização traziam com eles uma concepção do mundo específica que se descobre em cada uma das componentes da civilização europeia antiga: do Império celta à Grécia, do Latium à Pérsia, da Germânia à terra dos Arianos. Esta concepção do mundo exprime-se através dos símbolos. Muitos têm um significado solar.

Para os Indo-Europeus, o sol é a fonte da luz, do calor e da vida. Os textos arianos fazem do sol a origem de tudo o que existe, o princípio e o fim de toda a manifestação: é chamado «o alimentador» (Savitri). A alternância vida-morte-renascimento é simbolizada pelo ciclo solar: diária (muito frequentemente evocada nos textos védicos) e anual. O sol é um aspecto da Árvore do mundo — da Árvore da vida — que se identifica ela mesma ao raio solar (raios solares que fazem a ligação entre estes dois aspectos de uma mesma realidade, que são a terra e o céu).

O sol é luz de conhecimento e fornalha de energia. O nome de Heliópolis (ou Cidade do Sol) é dado, nos recitais míticos, aos centros de tradição espiritual. É a sede do legislador dos Arianos, Manu.

Saído do mundo hiperbóreo, Apolo é para os gregos o deus solar por exce-lência, o deus iniciador cuja flecha se parece com um raio de sol, em har-monia com o seu cabelo louro, com a lira dourada com a qual encanta o Olimpo e o ouro do seu carro que percorre o céu puxado por três cavalos brancos.

ARQUEOLOGIA E SÍMBOLOS SOLARES

A arqueologia fornece ilustrações precisas da importância dos símbolos solares entre os indo-europeus.

Datando da Idade do Bronze, o carro solar de Trundholm (conservado no museu de Copenhague) e descoberto na Dinamarca a sudoeste de Seeland, é constituído por um conjunto dotado de seis rodas puxado por um cavalo. Suporta um grande disco dourado cujas faces ostentam um desenho formado por espirais e círculos concêntricos. Representa um dos elementos essenciais do culto solar: o simbolismo do percurso do sol no espaço.

Conhecem-se no mundo grego símbolos solares comparáveis aos do carro de Trundholm. Num friso de prata historiada da época micénica encontrado na ilha de Syros, figuram rosáceas precedidas de um cavalo que traz uma gargantilha. É, segundo Déchelette, a representação de um disco solar. Vêm-se suásticas nas alegorias de Hissarlik. Num vaso de uma época posterior, a Suástica acompanha a representação antropomórfica de Hélios.

A roda solar é frequente nos monumentos egeus. O sol é representado em argolas descobertas em Micenas. A barca do sol é representada na Grécia e na Itália pelo cisne, o mesmo que se encontra na lenda apolínea. Encontra-se, na Itália como na Escandinávia, a barca solar enquadrando o disco solar provido em cada extremidade de um colo de cisne.

Princípio activo, como a lua, que reflectindo a sua luz, é princípio passivo, o sol torna-se para os celtas o deus Lug (o Luminoso). É necessário notar que a raiz que designa a palavra «deus» é praticamente a mesma entre os indo-europeus: os italo-celtas *(deus)*, os helenos *(theos)*, os arianos *(deiwos)*, tendo o termo sempre um duplo sentido original de ser solar e luminoso). A mesma raiz encontra-se particularmente nos nomes de deuses personificando o céu-pai: em latim, Júpiter *(dius pater)*, em grego Zeus-pater, em védico dyauh-Pitâ.

Nos textos irlandeses e galeses, onde é utilizado mediante comparações e metáforas, o sol serve para caracterizar, não somente o brilhante ou o luminoso, mas tudo o que é belo, amável, explêndido.

Os textos galeses designam muitas vezes o sol segundo a metáfora «olho do dia» e o nome de olho em irlandês *(sul)*, equivalente ao nome britânico do sol, sublinha o simbolismo solar do olho. Os Vedas falam também do sol como «olho do mundo» ou como «coração do mundo». Como tal, é por vezes representado no centro da roda do Zodíaco.

A roda é símbolo do sol raiante. Reportando-se ao mundo do porvir, da criação contínua, simboliza os ciclos, os recomeços, as renovações. Nas tradições europeias a roda é frequentemente utilizada para celebrar as grandes festas solares: rodas incendiadas postas a rolar das alturas no Solstício de verão, procissões luminosas desenrolando-se nas montanhas no Solstício de Inverno, rodas transportadas nos carros dos cortejos festivos, rodas esculpidas nas portas das mansões familiares.

Nos textos védicos, a roda tem uma significação cósmica: a sua rotação permanente simboliza a renovação; dela nascem o espaço e todas as divi-sões do tempo. Como a iconografia o mostra, a roda tem muitas vezes doze raios, número do ciclo solar; quando tem quatro raios representa a expansão segundo as quatro direcções do espaço, mas também o ritmo quaternário das estações. «*Um corcel único no séptuplo nome move a roda no triplo meio, a roda imortal que ninguém pára, sobre a qual repousam todos os seres*», dizem os Vedas.

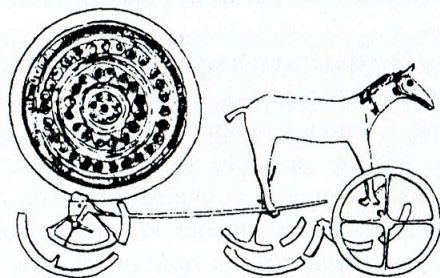
Taranis lança a sua roda inflamada
Hélios, no seu carro de ouro, prossegue a viagem.

O Sol sobe no firmamento.
Durante a noite mais curta que vem
Nós o saudaremos.

Perto do fogo,
Símbolo de força e luz,
Se elevarão os cantos de alegria.
Longe dos rumores da cidade,
Longe das fealdades do tempo...
Estaremos calmos e alegres.

Junto do fogo,
Símbolo do combate mais antigo,
Encontraremos com que regenerar a grande saúde
Que palpita nas nossas veias e fustiga as têmporas.

Perto do fogo
Sonharemos ao longo da Vida
Que amamos
E nesse reencontro com a Morte...
Que não receamos.

Hans ZORN

Na outra extremidade do mundo indo-europeu, entre os celtas, a roda está presente em toda a parte. Figura nas esculturas galo-romanas em companhia do Júpiter celta, comumente chamado deus da roda ou Taranis, ou ainda do cavaleiro ao gigante anguipède. Os testemunhos disso são inumeráveis e atestam uma extensão ao nível popular: terracotas, bronzes. A roda é também e sobretudo uma representação do mundo: *«Se nos reportarmos à comparação irlandesa da roda cósmica do druída mítico Mag Ruith ("servidor da roda", roda feita de madeira de teixo) o deus da roda céltica é o motor imóvel no centro do movimento, que é o eixo»*.

Uma placa do caldeiro de Gundestrup representa um homem movendo a roda cósmica, enquanto o deus é representado em busto de braços levantados. A roda é também símbolo da mudança e do retorno das formas da existência. Uma espada de Hallstatt representa dois jovens (semelhantes aos Dióscuros?) fazendo andar a roda que devem simbolizar a sucessão do dia e da noite. Uma deusa gaulesa citada no Mabinogui de Math, filho de Mathonwy, tem por nome Arianrhod, «roda de prata». Um dos seus filhos, Llew, tem um nome que corresponde ao do irlandês Lug. Entre os jovens guerreiros de Cuchulainn figura o da roda: o jovem herói contorce-se de maneira a formar com o corpo uma roda animada de grande velocidade. Pode notar-se que o tema *roto*, «roda», é largamente representado na toponímia gaulesa, sendo o exemplo mais conhecido o de Rotomagus (Rouen).

Rodas solares, suásticas espiraladas, *triskelos* representam desde a mais alta Antiguidade a força criadora, a energia vital do sol. O cristianismo tomou à sua conta, desviando-o em seu proveito, este simbolismo: o monograma do Cristo, assim como as rosáceas das catedrais góticas, o nimbo que rodeia a cabeça dos santos e mesmo a própria cruz, sobretudo a grega, são igualmente imagens solares.

Eu Te saúdo, Alma do Mundo,
Sol sagrado, Astro de Fogo!
Fonte fecunda de todos os bens...
Sol, imagem do meu Deus!

MALFILATRE
poeta normando
(1733-1767)

O sol é o símbolo do princípio gerador masculino e do princípio de autoridade, de que o pai é para o indivíduo a primeira encarnação. Representado pela imagem solar, o papel do adestramento, da educação, da consciência, da disciplina, da moral é experimentado com força nas sociedades patriarcais dos povos indo-europeus. O sol traduzia a exigência da superação do eu próprio, a aspiração à nobreza, a individualização relativamente à monotonia da massa. É a marca do herói e do soberano.

Compreende-se porque é que os indo-europeus, atentos ao curso do sol no céu, celebravam com fervor o Solstício de inverno e com magnificência o Solstício de verão. Os solstícios representam, com efeito, dois momentos privilegiados no desenrolar do ciclo anual. Ao longo dos meses, a lenta e profunda respiração da Natureza une a terra e o céu na mesma transformação. Durante todo o percurso do verão e do outono, os dias encur-tam progressivamente, o sol vai permanecendo cada vez menos a iluminar as actividades do homem. Parece que se dirige para a morte. Ora, todos o sabem, o desaparecimento do sol seria o fim de toda a vida.

No Solstício de inverno, na noite mais longa do ano, os homens encetam uma longa velada na qual, mantendo a chama na lareira familiar, depositam a sua confiança na perenidade da vida. Com recolhimento.E o sol não ilude a sua esperança: retoma o seu fulgor no céu do inverno antes de subir, dia após dia, sempre mais alto, no céu da primavera. Desde que chega o verão, o Solstício marca o triunfo da luz e do calor. Os homens celebram na alegria o poder do sol.

Os povos indo-europeus ilustravam a sua fé no sol e a sua veneração do fogo – imagem do sol que o génio do homem foi capaz de criar – em mitos exemplares. Tais como o de Balder entre os nórdicos e o de Prometeu entre os gregos.

Pierre VIAL

Era no tempo em que florescem árvores,
Matas frondosas, prados que verdejam.
E as aves em seu latim
Docemente cantam matinas...
A alegria inflama o universo.

CONTO DO GRAAL

A SAGA DE BALDER

Filho do deus Odin e de Frigg, raínha dos Ases, Baldr, a quem os germanos do mar chamam Balder e os germanos da terra Baldur, possui uma qualidade que, ao longo dos anos, se tornou num verdadeiro mito: a juventude.

Balder é jovem, como outros são grandes, bravos ou fortes. Tem a idade do entusiasmo. Possui o mais mágico de todos os poderes: o futuro pertencer-lhe-á. Cedo ou tarde. Ele tem tempo. A menos que a morte venha quebrar o seu destino.

Possui mais virtudes que nenhum outro: a sabedoria, a eloquência, a sensibilidade. Se Thor é um deus da guerra, Balder é um deus da paz. Mas a paz na ordem, na submissão às leis do mundo, na fidelidade à criação divina sobre a qual reina Odin o zarolho dos corvos.

Balder é um deus romântico. Acredita que o mundo encerra poesia e luz. Permanece na idade das ilusões, dos entusiasmos, das imprudências. Ignora a maldade e o fealdade. Ama as aves e as flores. Mais que nenhuma outra, a primavera é a sua estação.

O jovem deus aparenta tanta beleza, que raios de luz parecem surgir do seu rosto, dos seus cabelos, do seu corpo. Finalmente, não se parece com o sol. Ele é, verdadeiramente, o próprio sol, no seu esplendor e na sua eternidade. Balder é louro. Como o ouro? Melhor ainda: como o trigo.

Tem em si mesmo a promessa das espigas, a certeza das auroras, a alegria das ceifas. Ilumina o mundo e resume-o num sorriso. Não é alegre, ele é a alegria mesma.

Salvè, dia!
Salvè, filho do dia!
Salvè, noite e irmã da noite!
Olha-nos
Com olhar benévolo
E dai vitória aos que aqui 'stão!

Salvè, deuses Ases!
Salvè, deusas!
Salvè a ti, terra generosa!
Dai-nos eloquência e sabedoria
A nós, plenos de glória!

EDDA
Poema da walkyria Sigrdrifa e do herói Sigurd

É o deus da saúde perfeita, do meio-dia, da grande promessa: o sol não pode morrer. Um dia, na terra grega arcaica e bárbara, um outro deus hiperbóreo retomará este simbolismo e esta mensagem. Em Apolo, Balder vai ressuscitar tão invencível como o seu sol.

Mas antes de viver o eterno retorno, é preciso morrer.

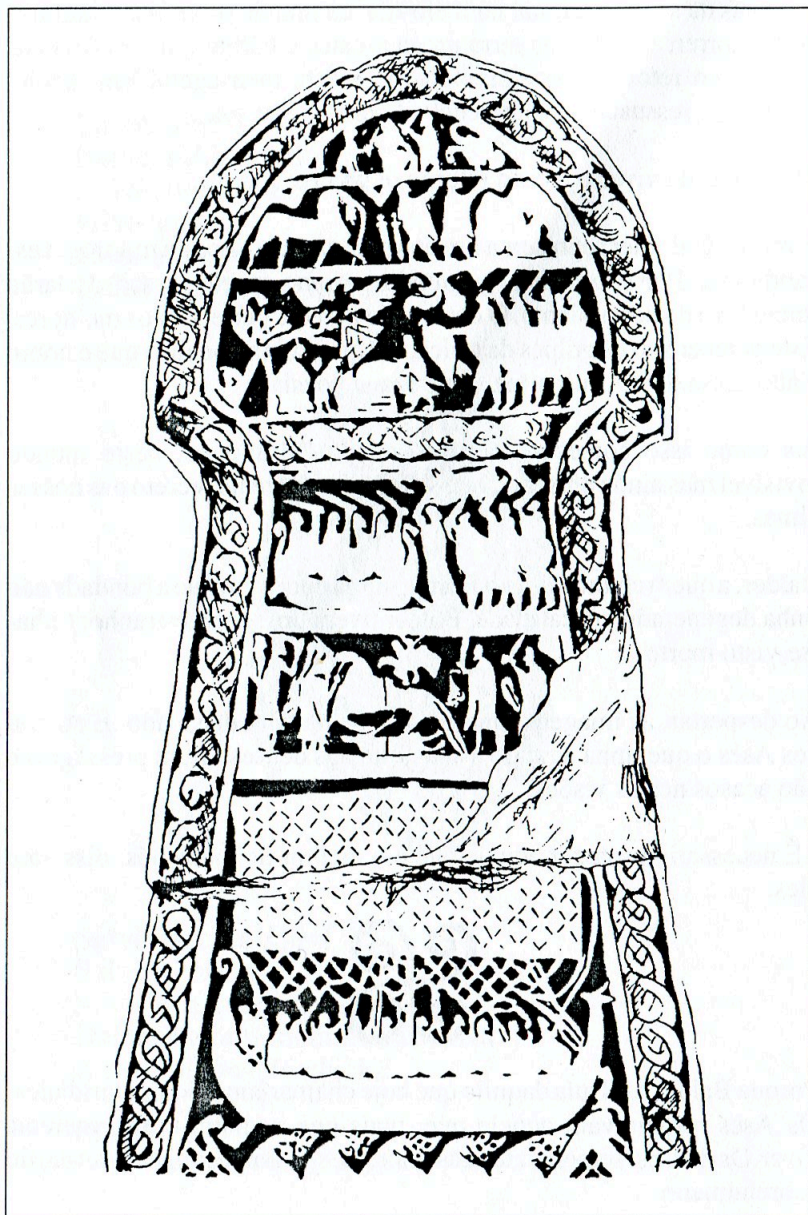
A morte de Balder representa um dos pontos mais altos da mitologia escandinava. Por causa dela, o mundo norreno revela-se sob o clarão impiedoso do pessimismo. O destino de perecer pertence aos melhores. E de perecer sob os golpes da traição. O que é baixo odeia o que é nobre e não cessa de destruir a luz, a pureza, a poesia.

Eis como isso começou, outrora, no país dos Ases, neste mundo invisível mas ainda presente, que se refugiou no mais secreto das nossas almas.

Balder, a quem chamavam «o Bom», numa época em que a bondade não tinha degenerado em caridade, Balder tivera um sonho estranho: tinha-se visto morto.

Ao despertar, as imagens funestas não se haviam dissipado. E contou aos Ases o que tinha agitado a sua noite. Os deuses viram presságios e não acasos nestas visões.

- É necessário proteger aquele que é o melhor de todos nós, disseram eles.

Porque Balder usufruía daquilo que hoje chamaríamos «popularidade». Os Ases respeitavam aquele que, mais que nenhum outro, merecia viver.Os deuses, semelhantes aos homens, sabiam reconhecer a face do sobrehumano.

Era preciso proteger Balder, acumular sobre si as salvaguardas e as barreiras. O que é belo, justo e bom não deve morrer. A sua mãe, Frigg, recebeu, enfim, a resposta do Destino, que preside a todas as coisas neste mundo e no outro:

- O teu filho Balder será poupado pelo fogo e pela água, pelo ferro e por todas as espécies de metais, pelas pedras, pela terra e pela madeira. Será poupado pelas doenças. Será poupado pelos quadrúpedes, pelas aves, pelo peixe e pelas serpentes.

Assim foi decidido num mundo onde os compromissos são coisa sagrada. Nem os homens nem os deuses podem transgredir um juramento porque a palavra jurada é mais forte que toda a lei escrita.

— Balder foi tornado invulnerável!

Que alegria entre os Ases! E, de seguida, alguns imaginaram um jogo. Colocou-se o filho de Odin e de Frigg num sítio alto. Surgia, em plena luz do sol, com os cabelos louros caídos sobre as espáduas, no centro do Thing, onde se reuniam, como os homens livres, os deuses do Walhalla.

Para se divertirem, os Ases lançaram pedras, dardos, flechas contra Balder. Mas ele parecia protegido por uma armadura invisível. Sorria, ao abrigo de uma promessa mais intransponível que uma parede de vidro. Nada o podia atingir.

Loki era também jovem e belo como Balder. Enfim, quase tão jovem e quase tão belo. A diferença parecia ínfima, mas chegava para encher o seu coração de ciúme e de amargura. Não podia suportar este jogo que aumentava ainda a glória do seu rival.

Mas que fazer contra o Destino?

Loki transformou-se até tomar a aparência de uma velha. Irreconhecível assim, chegou a casa de Frigg, esposa de Odin e mãe de Balder. Contou--lhe o que se passava no Thing e disse-lhe: – Não estais inquieta pelo vosso filho?– Nada poderá atingir Balder. Recebi o juramento disso. – Todas as coisas juraram poupá-lo? – Todas, menos uma, respondeu Frigg.

Ah, se ela tivesse visto o clarão de interesse cruel que fulgurou nos olhos de Loki, o Maléfico!

– Cresce um rebento a oeste do Walhalla, diz Frigg. Chama-se visco. É uma planta sem importância a quem não pedi o juramento de poupar o meu filho.

Loki sabia o que queria saber. Só lhe restava agir. Dirigiu-se ao local indicado pela deusa Frigg e colheu um ramo de visco que talhou com a forma e a dureza de uma flecha. Depois foi ao Thing.

– Porque não lanças nada? perguntou Loki a um As que se mantinha àparte, longe do círculo dos deuses que rodeavam Balder.
– É-me impossível, respondeu ele. Sou cego e não tenho arma.

Era um dos irmãos de Balder, chamava-se Höder e olhava o mundo com os seus olhos brancos sem o ver. Não imaginava as armadilhas que ele encerra. Höder ignorava o mal e confiou-se a Loki.

– Faz como toda a gente, diz-lhe Loki. Honra Balder atirando sobre ele. Não tens arma? Vou dar-te uma vara de visco. Não vês? Eu mesmo guiarei a tua mão.

Hölder segurou o visco. Loki guiou a sua mão. A vara feriu Balder. Olhou subitamente para todos os deuses com uma intensa surpresa.

**A morte não é
senão uma transferência
de individualidade.
A hereditariedade
faz circular
as mesmas almas
através da sucessão
das gerações
da mesma raça.**

Gustave LE BON

Depois, a dor deformou o seu rosto. E dobrou-se sobre si mesmo no centro do Thing.

O seu corpo imobilizou-se sobre a erva sempre verde. Uma brisa ligeira agitava ainda os seus cabelos da cor das searas. Mas estava morto.

Balder morto. A maior desgraça que chegou aos deuses e aos homens.

Os Ases rodeiam-no. Estupefactos e silenciosos. Mantinham-se imóveis.Olhavam-se, mais incrédulos que tristes. Nem um ousava tocar o corpo do invulnerável. Nenhum ousava acusar o seu assassino.

O Thing foi colocado sob a salvaguarda das leis. Loki tinha cometido o seu crime num local sagrado. Não se podia aí exercer vingança. De resto, nenhuma vingança teria podido ressuscitar o filho de Odin e de Frigg.

Só o silêncio podia exprimir a dor dos Ases. E das lágrimas que corriam sobre as suas faces. Nenhuma lamentação, nenhum grito. Os deuses do norte sofrem sem gemer.

De todos, o mais silencioso e mais dilacerado era Odin. Em Balder perdia o seu filho preferido. Com ele morria a juventude do mundo. Loki, dirigindo o braço de Höder, quis matar a esperança.

Os Ases, enfim, aproximaram-se do cadáver de Balder, levantaram-no sobre os seus ombros e dirigiram-se para a margem onde batiam, com um longo e ritmado arquejo, as vagas do mar.

O barco de Balder chamava-se «Hringhorni». Era o maior de todos os batéis dos deuses. A bordo, Balder reinara sobre as ondas e tinha pintado na vela o próprio signo do sol.

Centelha da minha alma
Vagueio, não sei onde ir sem ti.
Contigo, vejo o caminho do Fim.

Chama da minha alma,
Sem ti tudo é assombrado.
Contigo, tudo se torna claro e quente.

Fogo da minha alma,
Sem ti, tudo é vão!
Contigo, eu sei PORQUÊ.

Fred Rossaert

Os Ases, segundo o uso do norte, queriam depositar o corpo de Balder a bordo do seu corcel das vagas, sobre uma pira funerária.

O cadáver de Balder foi levado a bordo do «Hringhorni». Nanna Nepsdottir, a mulher do jovem deus, assistia à cerimónia. A sua tristeza fez estalar o seu coração de desgosto e ela tombou, morta, sobre o corpo do esposo. Foi levada para a pira, ao lado de Balder. Estavam reunidos na morte, como reunidos tinham estado na vida.

A chama expande-se. Um archote incendeia a palha da pira. Um fumo pesado e escuro eleva-se para o céu. As achas põem-se a crepitar, lançando clarões e libertando um calor intenso.

Somente Thor ousa avançar até à proximidade da pira funerária que as chamas rodeiam. Abençoa os dois cadáveres e os fogo que os devora com um grande gesto do seu martelo «Mjöllnir».

Atrás de si, estão todos os deuses do norte. Primeiro os pais de Balder, o zarolho Odin e sua mulher Frigg. O rei dos Ases traz nos seus ombros os dois corvos Hugin (Reflexão) e Munin (Memória). As Walkyrias rodeiam-no com as suas lanças e os seus escudos pintados com as runas mágicas. Njörd, deus do mar, e Frey, deus da fecundidade, assistem a esta cerimónia fúnebre. Também Freya, a deusa do amor. Heimdal, montado no cavalo Gulltropp (Crinas de Ouro) levou à boca o seu corno de ouro e arrancou-lhe sonoridades trágicas.

O cavalo de Balder, selado e arreado, foi conduzido até à fogueira. Deverá seguir o seu dono na morte. Sacrificado, tombou na ponte do navio «Hringhorni» num charco de sangue. Mas já as chamas começavam a devorar os painéis de bordo e os bancos dos remadores.

**Morro. Escoa-se-me o espírito por vinte feridas.
Cumpri o meu tempo. Bebei, oh lobos, o meu sangue rubro.
Jovem, bravo, risonho, livre e sem infâmia,
Vou sentar-me entre os deuses em frente ao sol.**

LECONTE DE LISLE

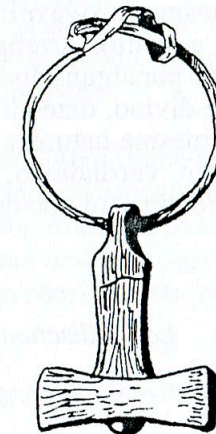
Os Ases empurram suavemente o batel em fogo para o largo. As chamas reflectem-se nas vagas do fiorde. Todo o Walhalla parece iluminado por este incêndio fúnebre que o mar começa a tomar no seu balancear lento.

O fogo desapareceu no horizonte, devorado pelo mar e pela noite. O deus da juventude chegou a Hel, o reino dos mortos.

A primavera não pode morrer. O grande sol de verão abrasa a terra; o vento furioso do outono agita as árvores, o impiedoso gelo do inverno congela as ribeiras. Depois, regressará a primavera. E o sol retomará o seu curso para o apogeu do Solstício.

As estações sucedem às estações. Os deuses mortos reviverão quando os homens o pedirem. As lendas tornam-se mais verdadeiras que as estatísticas. «*O passado não é senão um sono*», escreveu um dia La Varende. Balder não morreu, dorme no mais secreto do Hel.

Um dia, regressará para junto de nós.

Jean MABIRE

Apolo é o contrário dum aventureiro. É um profeta. Não é impossível que Apolo tenha, realmente, vivido. Isso parece-me mesmo provável: personalidade radiosa de beleza e génio, arrebatadora, com o sentimento partilhado por alguns discípulos de ter em si qualquer coisa de divino, dizendo-se e crendo-se filho de Zeus, e da mesma natureza de seu pai. Em suma, um Olímpico verdadeiro, encarnado na humanidade e assumindo a missão de voltar a erguer a raça dos homens.

Alfred POIZAT
La Civilisation et ses Tournants

O CULTO DE APOLO

Como Balder é filho de Odin, Apolo é filho de Zeus. Nascido dos amores do rei dos deuses e da deusa Latona, nasceu em Delos onde «*de ouro eram os terraços, de ouro a vaga do mar, de ouro a folhagem da oliveira, de ouro as esteiras dos rios, de ouro a terra. Toda a ilha floria uma seara de ouro*».

Jovem imortal de lira comovente, Phoebus-Apolo ganha o Olimpo, onde se torna o deus da luz e do sol.

Depois de vencer a serpente Python, como Siegfrid venceu o dragão Fafnir, adquiriu nomeada considerável. Os gregos organizam o seu culto e o seu oráculo em Delfos. Um filho, Esculápio, o médico exemplar, nascerá da sua ligação com a ninfa Coronis e oporá, desde a mais alta antiguidade, os rigores da ciência exacta aos delírios do charlatanismo metafísico.

Em rebelião contra sem pai, Apolo foi condenado por Zeus a viver nove anos na Terra. Acaba de estabelecer-se no meio dos homens, com o seu arco e as suas flechas. Pastor, profeta, músico e construtor, viveu na Tessália, em Troade e na Hiperbórea.

Reconciliado com o criador, Apolo torna-se Phoebus, isto é, Luz e Vida. Chamam-lhe também «*Chrysocomos*» (o deus dos cabelos de ouro). Em nada se distingue de Helios, o deus grego do sol. Apolo vem a ser o condutor do carro solar, atrelado aos quatro cavalos sagrados. É também um deus guerreiro: no decorrer dos combates de Tróia, intervem a favor dos troianos.

Como Balder, Apolo surge como deus da juventude, da música e da poesia.

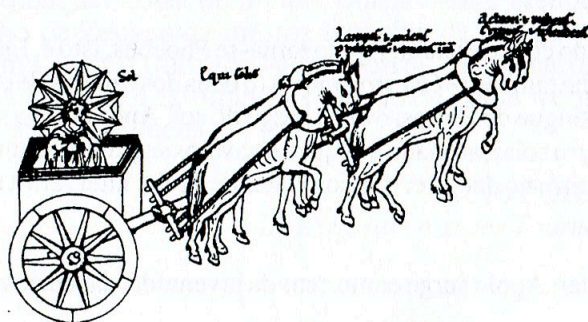
APOLO E BALDER

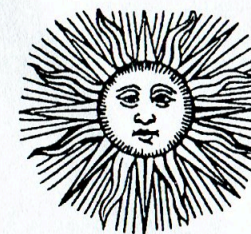
É deslumbrante verificar como toda a literatura grega, de Aristóteles a Clemente de Alexandria, coloca a morada dos deuses – especialmente de Apolo – numa longínqua e misteriosa região do norte, a Hiperbórea.

Apolo, dizem, residira aí durante o seu exílio terrestre. Encantado pela piedade e singeleza dos habitantes, teria decidido voltar periodicamente e lá estabelecer o seu «reino terrestre».

Há semelhanças impressionantes entre Apolo e a divindade mais atraente do Panteão nórdico: Balder, deus da Suprema Beleza, da Sabedoria, da Força, da Justiça, da Pureza, do Amor. Cognominado «o Cristo Branco», poderia ser também o «Apolo escandinavo».

Quando se observam de perto as representações iconográficas de Apolo, pensa-se mais imediatamente num tipo nórdico que num tipo grego. Como se o Balder primitivo tivesse servido de arquétipo ao Apolo mediterrânico.

O Retorno de Apolo

Apolo é, antes de tudo e sobretudo, um deus solar. Mas, mesmo na lenda, o deus de Delfos não se confunde com o sol material. Não é senão o condu-tor do carro do sol.

Autores antigos e modernos concordam no reconhecimento em Apolo de uma manifestação da Força solar muito diferente da expressa por seu irmão Dionísio e, anteriormente, por Helios.

A alma do deus sol, de início alojada no interior da massa desta luminária, foi depois transferida para a sua superfície, a seguir personificada com o nome de «Phoebus», torna-se um homem jovem e belo de cabelos radiantes.

Enquanto que Dionísio personifica o calor do Sol, Apolo recebeu de seu pai, Zeus, o mistério e o ministério da Luz.

Na prática, Apolo parece concretizar as relações funcionais e solares quotidianas com a Terra-mãe que os transforma segundo processos vitais quotidianos.

Apolo é, em qualquer caso, a energia solar sublimada, dominada, tranquilizada, posta à disposição dos homens para o seu desabrochar físico em primeiro lugar, para a sua elevação, o seu aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual, depois.

O deus de Delfos é, sem a menor dúvida, o «Verbo Solar». Mas é também «Pensamento Divino».

Robert MERCIER

O ARCHOTE

O archote passa de mão em mão...
Quando a morte arrebata uma,
A mais próxima vem retomá-lo.
Para que o render dos archotes
Prossiga.

O tempo escoa-se rapidamente e ninguém pergunta
Quanto tempo o levará.
É necessário, só, que arda puro e cintilante
E que um coração arda com ele!
Isso sim, é importante.

Durante uma parte do caminho
A horizontes longínquos
Tu e eu levaremos também
Esse archote.
Possa ele claramente resplandecer!
Na obscuridade, diante de nós, já outros
O esperam.

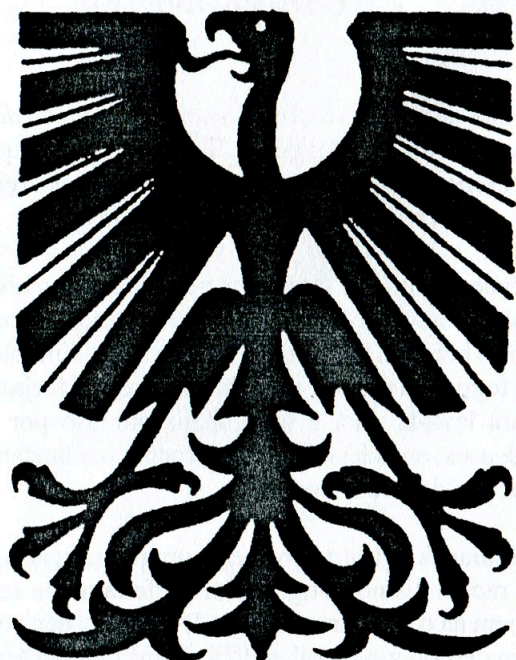
Heinrich ANACKER

O MITO DE PROMETEU

Sublinhando que «*nos seus traços essenciais, faz parte do património comum indo-europeu*», o historiador J. Toutain faz notar que «*o mito de Prometeu apresenta analogias com os mitos arianos de Agni nos Vedas, de Loki entre os germanos, de Lug entre os celtas*».

O mito de Prometeu situa-se numa perspectiva de uma história do universo concebida como evolutiva: marca o advento da consciência, o aparecimento do homem. Prometeu roubou a Zeus, símbolo do espírito, a progénie do fogo, seja tirando-a à roda do sol, ou da forja de Hefaístos--Vulcano, para levá-la para a terra. Zeus puniu-o por este desafio lançado aos deuses, encadeando-o a um rochedo e lançando sobre ele uma águia que lhe devora o fígado.

Os gregos atribuíam à figura de Prometeu uma significação mítica, logo exemplar. O racionalismo antigo tinha perfeitamente reconhecido a acção do homem na descoberta do fogo. Demócrito pensava que os homens o tinham descoberto recolhendo a chama de uma árvore atingida por um raio; o seu discípulo, Lucrécio, indicava como origem os seus ramos que, friccionando-se entre si ou entrechocando-se batidos pelo vento, tinham feito compreender aos homens, «*os mais engenhosos e os mais sábios*», o partido que podiam tirar de tal fenómeno; para Diodoro da Sicília, Prometeu é o iniciador do antigo processo de obter a chama pelo processo de fazer girar com velocidade uma vara de madeira dura na cavidade de uma matriz de madeira mais macia.

Esta exploração racional da nascença do fogo não deixa de estar em harmonia com a significação simbólica do mite prometeico. Este exprime o desafio lançado às forças da natureza e do destino pelo homem indo-europeu. Desafio que traz em si o ser que sabe servir-se do pensamento como arma privilegiada em face dos deuses.

O homem
é
exactamente
tão grande
como a chama
que lhe arde
dentro.

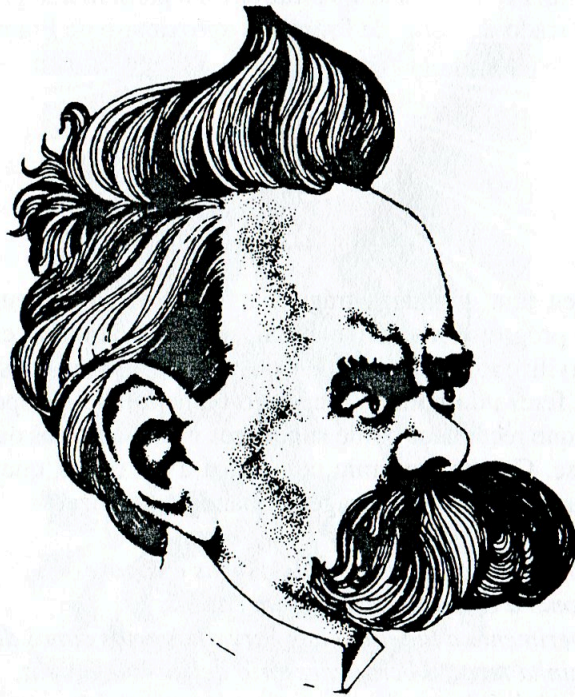
BISMARCK

O próprio nome de Prometeu, deriva da raiz indo-europeia «man», por extensão «mandh», que responde a uma ideia de pensamento, reflexão ou sabedoria: Prometeu é «o que traz em si o pensamento previdente». Este significado do nome de Prometeu aproxima-o de Pramath, o que prevê, sobrenome frequente de Agni — o fogo do céu — na lenda védica.

Ésquilo deu uma grandeza trágica à figura de Prometeu, primeiro artesão do progresso material e moral, promotor de toda a civilização: o herói civilizador, desafiando o destino e procurando subjugá-lo, exprime a fereza do homem grego, do homem indo-europeu, face às potências que reconhece como superiores mas diante das quais recusa humilhar-se. Goethe exprimiu com força a confiança que Prometeu depositava na sua própria coragem, quando o faz dizer:

Cobre o teu céu, oh Zeus, de núvens e vapores,
E como a criança que decapita cardos,
Experimenta a tua força nos carvalhos e nos cimos dos montes!
A minha terra, é bem necessário deixar-ma em paz,
E a minha choupana, da qual nada construíste,
E a minha lareira, de que me invejas a chama!
. . . .

Olha, eis-me aqui: formo
Homens à minha imagem
Uma raça que se me assemelha,
Feita para sofrer, para chorar,
Para fruir, para conhecer a alegria
E para te desprezar
- Como eu.

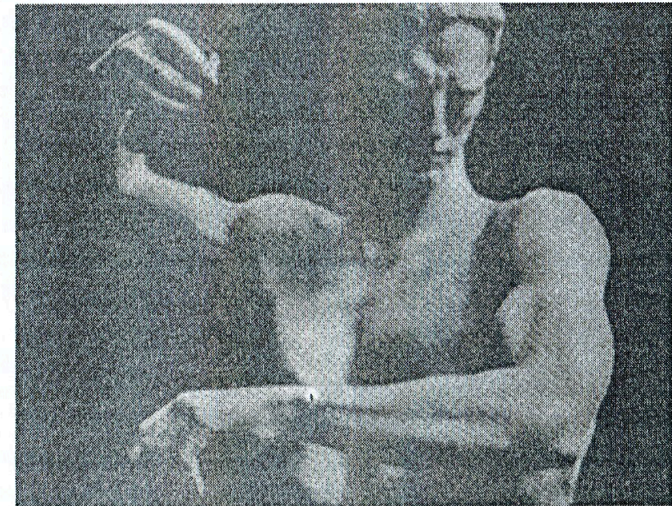
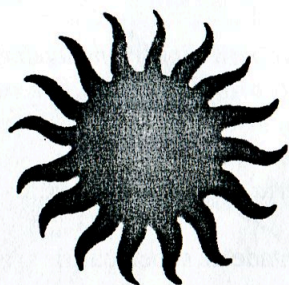
Quando, aprisionado no seu rochedo, recebe a visita de Hermes que o

Sei de onde venho!
Insaciável como a chama,
Ardo, devoro-me a mim mesmo.
Tudo o que toco se torna luz.
Tudo o que abandono se faz em cinza...
Sou uma chama!

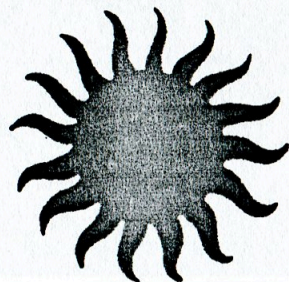
Friedrich NIETZSCHE

intima a inclinar-se diante da vontade de Zeus, sob pena de sofrer as piores torturas, responde com uma determinação tranquila:

Nenhuma força saberá ditar os meus discursos.
Assim, deixa Zeus brandir o seu raio e os seus relâmpagos
E confundir o mundo com as asas brancas da neve,
Com o trovão e os tremores de terra.
Nada disso poderia contrariar a minha vontade.

Prometeu encarna a vontade de superação de si mesmo que se encontra subjacente na cultura europeia e que está no centro da obra de Nietzsche. Foi isto que Gaston Bachelard viu bem quando afirma que se encontram no mito prometeico «todas as tendências que nos impulsionam a saber tanto como os nossos pais, mais que os nossos pais, tanto como os nossos mestres».

Pierre VIAL

Prometeu (Arno Breker)

Conhece os dois sóis. Admira, mesmo sem adorar,
o que te foi guardado num cristal de inverno.
O outro, inferno desencadeado,
funde como cera o coração do homem branco
que esqueceu a sua bravura.
Foge dos trópicos surdos e dos ritos pérfidos,
homem alto e louro da cor do mel!
Despreza as baixezas, os incensos mórbidos,
Só no cume,
junto ao céu,
darás o coração aos deuses.

Drieu LA ROCHELLE

O SOL E O FOGO ENTRE OS NOSSOS ANTEPASSADOS

Na Antiguidade, os povos indo-europeus celebravam os Soltícios com grandes festas cujo elemento central, simbólico, era sempre o fogo. Fogo no astro no Solstício de inverno, com as fogueiras de Jul que reuniam à sua volta o clã familiar. Grande fogueira acesa no coração da quinta, na praça da aldeia, nas clareiras ou no cimo das colinas no Solstício de verão.

Rodas incendiadas descendo pelas encostas, archotes empunhados pelo braço, velas fixadas nos candelabros de Jul: a chama foi sempre a expressão mais visível da celebração solsticial. Símbolo da vida que luta por perpetuar-se no meio dos elementos hostis, no coração das noites frias de Dezembro, a vela que arde lentamente no candelabro e que se extingue depois de ter acendido uma vela nova, simboliza a morte do ano e o nascimento de um novo ano, de um novo sol. Glória triunfante do sol e desabrochar da vida: tal é o sentido das altas chamas, dos feixes de centelhas que sobem a crepitar no céu de Junho.

Os fogos eram destinados a proteger a vida dos homens, do gado e das culturas contra as potências nefastas, a honrar os antepassados, a acolher as crianças e a favorecer, pelo nascimento de novos descendentes, a via da linhagem.

Assegurar a permanência, a continuidade do fogo, no seio da família, do clã, da cidade: é um cuidado comum a todos os povos indo-europeus.

Para os arianos, o princípio propriamente dito da vida é Agni, o fogo divinisado. Este fogo divino está na origem de todas as coisas: o sangue, na sua acepção mais alargada, provém dele. Princípio inicial, origem de toda a vida, é também a alma dos antepassados transmitida, de descendente

JUL ENTRE OS VIKINGS

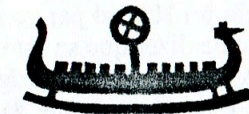
«Finalmente tudo ficou preparado para a festa do Natal no grande salão do rei Harald e os homens tomaram os seus lugares nos bancos. As mulheres não eram admitidas nestas reuniões onde se bebia muito: já era difícil, dizia o rei Harald, fazer reinar a paz entre apenas homens; como isso teria sido mais difícil ainda se houvesse mulheres na frente de homens que, sob o império da embriaguês, quisessem fazer-se valer! Depois de todos instalados, o escudeiro do rei proclama as tréguas de Cristo e do rei Harald no salão: nenhuma lâmina cortante seria utilizada senão para cortar a carne; as feridas de espada e de outros gumes afiados ou qualquer outro ferimento sangrento causado por um jarro de cerveja ou um osso do assado, por uma concha de sopa ou por um punho fechado seriam considerados como um homicídio, uma falta de respeito à face de Cristo e um acto inexpiatório: o culpado seria atirado às águas profundas com uma pedra amarrada no pescoço. Todas as armas, com excepção das facas de mesa tinham sido deixadas à entrada; só os hóspedes que tinham lugar à mesa do próprio rei Harald possuíam o direito de cingirem as suas espadas, porque se considerava que seriam capazes de se dominar depois de terem bebido.

O salão estava calculado para que 600 pessoas aí pudessem permanecer sem apertos; no meio encontrava-se a mesa do rei Harald onde estavam abancados os trinta hóspedes mais honrados. As outras mesas estavam dispostas perpendicularmente ao salão e até às duas extremidades. Havia seis lugares de honra na mesa do rei, três de cada lado... O bispo recita uma oração, que o rei pedira que fosse breve, depois do

(continua na pág. 54)

em descendente, até nós. Pelo fogo é celebrado o deus-sangue, cadeia que une antepassados, membros da família presente e os descendentes a vir.

Na área de expansão céltica, em presença dos numerosos monumentos megalíticos que estão ligados ao culto solsticial, os celtas retomaram por conta própria e adaptaram às suas crenças locais utilizados em épocas anteriores à sua chegada. Na Inglaterra, entre os celtas insulares e entre os povos autóctones que os tinham precedido, os santuários solares de Stonehenge, de Avebury, de West Kenneth Long Barrow, Silbury Hill, Windmill Hill, atestam a importância do Solstício.

Para os germanos, o fogo que arde eternamente no lar simboliza a continuidade no sangue da família ou da tribo do sangue herdado de um longínquo antepassado divino. A família existe por a esta continuidade do sangue, do solo e do fogo. Casa, fogo do lar, sangue, família não são senão um.

Graças às sagas, encontramos numerosas informações sobre a celebração dos solstícios entre os vikings.

Para os escandinavos, como para os outros povos europeus, um ciclo de doze dias marca a celebração do Solstício de inverno: é o período de Jul (pronunciar «*iul*»). Durante estes doze dias é como se o sol tivesse parado, como se hesitasse em retomar o seu curso anual. A natureza retem o seu sopro, à espera do renascimento solar. Vivendo em harmonia com a natureza, os homens devem também repousar durante doze dias, abandonar os seus trabalhos quotidianos e, sobretudo, evitar todos os «movimentos rotativos». Entre os camponeses, o malho, instrumento que não pára de girar, deverá terminar o seu trabalho. Devem terminar também os «movimentos rotativos» que fazem parte das tarefas femininas:

(continuação da pág. 52)

que se esvaziam três copos, o primeiro à glória de Cristo, o segundo em intenção da felicidade do rei Harald, e o terceiro pelo regresso do sol. Alguns não cristãos esvaziavam o copo do Cristo, porque tinham sede, mas outros fizeram o signo do martelo sobre o copo e murmuravam o nome de Thor antes de beberem...

De lá de cima chegou o toucinho de Natal; guerreiros e che-fes calaram-se à sua vista, soltando um suspiro de conten-tamento e rindo de prazer; um grande número de entre eles alargaram em um ou dois furos os seus cinturões. Alguns pretenderam que, nos seus dias, o rei Harald se mostrava avaro de ouro e de prata; nunca ninguém disse que o era na questão da comida e da bebida, sobretudo os que tinham assistido na sua casa ao festim do Natal.

Quarenta e oito porcos, alimentados a glande e muito gor-dos, eram sacrificados pelo rei Harold para o repasto natalício, e ainda tinha o costume de dizer que se este nú-mero não fosse suficiente sempre era um bom começo; depois, contentar-se-iam com carneiros e bois. As pessoas da cozinha entravam duas a duas, numa longa fila, trazendo grandes caldeiros fumegantes, enquanto outras que os se-guiam com selhas cheias de chouriças. Criados munidos de longos garfos bifurcados acompanhavam-nos. Os caldeiros ao lado das mesas, os criados mergulhavam os seus garfos no caldo e pescavam grandes pedaços, servindo os hóspedes cada um por sua vez, a fim de que não houvesse injustiças; a seguir, para cada um, juntavam um bom palmo de chou-riço, ou mesmo mais, se alguém pedisse. Migalhas de pão e rábanos cozidos em travessas de barro guarneciam a me-sa, e, em cada uma das pontas, cubas de cerveja, que permi-tiam ter cheios cornos de beber e cântaros...»

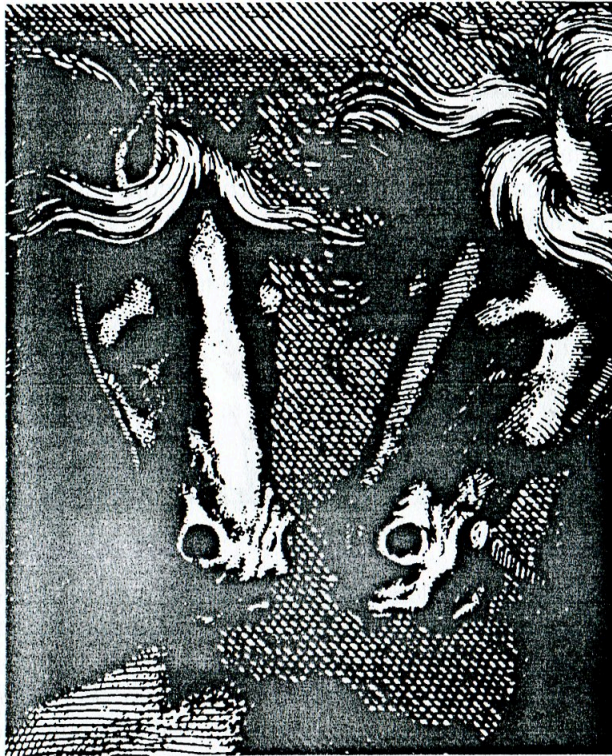
Frans G: BENGTSSON
Orm le Rouge

o do moínho de rodas, cujas mós giram em círculo para moer a farinha de cereais (na época viking), das rocas de fiar e das dobadouras, rodando em cada noite para fazer o fio destinado aos agasalhos e aos cobertores.

Festa da abundância e da distracção, Jul é celebrado pelos banquetes on-de o porco, animal consagrado a Freyr [1] tem um lugar de destaque. A cabeça, defumada, é ornamentada com bonitas decorações e metem-lhe uma maçã no focinho. As pessoas presentes, com as mãos sobre o animal, pronunciam votos solenes [2].

Presunto frio, chouriço, geleia de carne e numerosa pastelaria guarnecem as mesas. O banquete é acompanhado de cerveja, que convém beber pro-nunciando votos. Bebe-se primeiro a Odin pela vitória e prosperidade do rei, depois a Njörd e a Freyr pelas estações prósperas e, finalmente, a Bragi. Quando o corno cheio de cerveja é elevado em honra de Bragi, promete-se solenemente cumprir qualquer acção notável no ano que vem.

---

(1) Freyr, deus da fecundidade, cujo javali Gullinsborsti possuía dentes de ouro tão brilhantes que, de noite, iluminavam tudo à sua volta.
(2) Este «culto» verdadeiro do porco parece-se, bem entendido com o do javali, que não é mais que um porco selvagem... Animal hiperbóreo, o javali era considerado no mundo indo-europeu como o símbolo da classe sacerdotal. Em relação estreita com a floresta, como o druída e o brâmane, o javali alimenta-se com glande de carvalho, e a javalina, rodeada dos filhotes, pisa a terra junto da macieira, a árvore da imortalidade. Animal consagrado a Lug pelos celtas e a Freyr pelos escandinavos, figurando como tal nas insígnias militares gaulesas (Arco do Triunfo de Orange) e em moedas da independência, o javali foi tornado odioso para os cristãos, que fizeram dele o símbolo do demónio (tentação de Sto. António)

A mais nobre conquista feita pelo homem foi esse fero e fogoso cavalo, que partilha as fadigas da guerra e a glória dos combates.

BUFFON

Na partida dos convidados, são distribuídas prendas: anéis de ouro apresentados e recebidos na ponta de uma espada. Negligenciar usá-los ou recusar estes presentes é considerado como uma marca de hostilidade.

Dois animais, tendo na mitologia nórdica uma significação particular, desempenham um papel na festa de Jul: trata-se do bode e do cavalo. Consagrado a Thor, a quem puxa o carro, o bode é apresentado sob a forma de um espantalho de palha ou na forma de pão no meio de outros pães de especiarias. Recordação da época viking, o bode foi durante muito tempo um distribuidor de presentes: no século XIX era ainda mimado por dois rapazes vestidos com peles de animais e exibindo cornos de bode. Um texto assinala que este costume era já praticado em 1543. Em 1695, em Malmö, foi severamente proibido «*entregar-se ao jogo do bode de Jul e de passear com o animal, visto que uma figura tão horrível e as outras práticas imodestas que têm lugar nesta ocasião ameaçam o absurdo puro e o escândalo*».

O cavalo, animal envolvido de um tal prestígio no conjunto do mundo indo-europeu que era a vítima preferida dos deuses para os grandes sacrifícios, via, na Idade Média, o segundo dia da oitava de Natal colocado inteiramente sob o seu signo. Os servos levantavam-se muito cedo nessa manhã, selavam os cavalos e atravessavam campos e florestas numa corrida selvagem. Os corpos dos cavalos ficavam cobertos de suor, as narinas fumegantes na noite glacial. O objectivo da corrida era uma fonte situada ao norte na qual se lançava uma moeda como oferenda, para que os corcéis bebessem «sobre a prata». Reentrava-se à mesma velocidade nas quintas e se um dos servos tinha dormido demais a ponto de não tomar parte na cavalgada, tanto pior para ele! Os servos das outras quintas voltavam a meter-lhe à força de forquilha montanhas de estrume dentro do estábulo e selavam-lhe os animais ao contrário. Mas os cavalos que tinham tocado na água fresca da fonte, sobretudo o que tinha bebido primeiro, deviam sentir-se satisfeitos

durante todo o ano novo [3].

O carácter familiar da festa de Jul traduz-se pelo lugar que é reservado, no decurso da festa, aos parentes defuntos. Uma magnífica mesa de Jul era colocada fora sobre os túmulos dos parentes. Na sala que servia de *toilette* aquecia-se o banho de vapor; preparavam-se camas e os camponeses deitavam-se por terra, em cima de palha, para que «os outros» entrassem no quarto, se reconfortassem, se aquecessem e se apoderassem de todas as iguarias preparadas.

Muitas vezes se encontram nas lendas estes costumes. Os «convidados» chegam dos seus túmulos, são cobertos de terra, molhados e ensopados se pereceram no mar. Sentam-se na companhia dos vivos e ficam noite após noite, tanto tempo quanto durar o Jul. Há por vezes casos excepcionais, por exemplo quando os convidados ficam sentados nem falar, como profetas de desgraça que, depois de secarem as roupas no fogo, regressam à tumba sem terem aberto os dentes.

Eric Oxenstierna nota o seguinte: «*A Igreja cristã mostrou-se de uma severidade rigorosa em relação a esta forma que enchia o espírito comunitário do clã. Não conseguiu, entretanto, extirpar as suas raízes profundas e contentou-se em lançá-las no domínio dos costumes supersticiosos e da baixa bruxaria. Assim, depois de séculos, a divisão da casa onde se festeja o Natal é, crê-se, frequentada pela ronda interminável dos espíritos, dos duendes, dos 'trolls' (gnomos) e dos antepassados. Oferece-se-lhes de comer, e eles recebem a sua comida, a sua paveia e o seu pão. O duende da herdade, com a sua barba e o seu barrete vermelho, transformou-se, nem sequer há cem anos, no bonacheirão Pai Natal*».

---

(3) Para cristianizar este costume, a Igreja atribuiu-o a Sto. Estêvão (Étienne). Nas pinturas de certas igrejas medievais encontra-se Sto. Estêvão representado na sua principal função: a de rapaz de estrebaria. O cavalo foi sempre distinguido com um grande prestígio entre os povos indo-europeus. O sol é representado nos hinos védicos sob a forma de um cavalo de brancura resplandecente. Na Grécia eram oferecidos a Helios cavalos brancos. No mundo romano os grandes festejos do Natalis Invicti compreendiam corridas de carros. Na Idade Média o costume de comer carne de cavalo foi severamente proscrita pela Igreja como manifestação evidente de paganismo.

Como tesouro guardado
Esperava-nos o fogo
Onde ardia a lenha verde dos nossos anos tenros.
Depois da caminhada,
Maravilhados de mil descobertas,
Ébrios de telhados nobres e pedras antigas,
No fim do verde caminho,
O fogo esperava-nos
Brilhante como ouro.
Inflamava a nossa vida em feixes de centelhas
Que os olhos reflectiam...
Como estrelas na noite
O fogo esperava-nos
Quente. E vivo. E forte.
E as nossas mãos reviviam nestas mãos estendidas.
Nos nossos corações
Brilhava como chama a amizade.

O fogo esperava-nos
Guardado como um tesouro.

François LE CAP

Ao Solstício de verão ligam-se também crenças populares vindas da época viking. Assim, quando se põe um ramo de nove espécies de flores campestres, de perfume delicado, debaixo da travesseira de uma rapariga, esta descobre em sonhos os traços fisionómicos do seu futuro marido. O orvalho dessa noite é o fermento que, nas mãos do lavrador, fará levedar o pão mais delicioso. É somente neste preciso momento que aparecem as gigantescas flores vermelhas e colhê-las sem pronunciar uma palavra permite realizar o voto mais desejado.

Na noite do Solstício de verão, enquanto ardem as fogueiras chamadas ainda hoje Balders Bal, os túmulos abrem-se, erguem-se sobre colunas e os seus habitantes passeiam com toda a liberdade no meio de elfos, duendes e homens.

Com a mesma significação que entre os antigos arianos, germanos, celtas e escandinavos, a celebração do Solstício esteve presente entre os gregos e os latinos, herdeiros, é bom recordá-lo sempre, do mundo nórdico primitivo.

O culto do fogo, familiar ou cívico, comportava na Grécia regras severas. Não se podia alimentar o fogo sagrado com qualquer espécie de madeira, nada se lhe podia lançar que fosse impuro, todo o acto culpável na sua presença se revestia de um carácter sacrílego. Havia a obrigação de o manter dia e noite. Oferecia-se-lhe incenso, azeite, gordura das vítimas, e faziam-se-lhe invocações para que concedesse saúde e felicidade. A sua protecção, entretanto, estendia-se até ao suplicante refugiado na proximidade. Era à volta da sua chama que no dia da Amphidromia, que se seguia logo ao nascimento, se trazia a criança recém-nascida.

Que as chamas
dancem alto
E reaqueçam os nossos corações.
Que as centelhas irrompam
E tragam luz às nossas almas.
Que as crepitações nos despertem
Da nossa dormência.
Que o fumo suba alto
Como saudação ao Senhor
No céu estrelado.

FRED ROSSAERT

Perto do fogo, ou confundidos com ele, residiam os deuses tutelares da casa, que Agaménon saúda no seu regresso de Tróia, Hestia principalmente, a «soberana» diante da qual se prosterna Alceste e a quem implora para os seus no momento de morrer.

Periodicamente, o fogo era renovado para lhe restituir a pureza original, para revivificar a sua potência catársica e propiciatória. Um episódio contado por Plutarco é muito revelador. No dia seguinte ao da batalha de Plateias, Apolo ordenou aos gregos que erigissem na praça um altar a Zeus libertador, mas que não fizessem aí sacrifícios antes de terem acendido uma chama pura proveniente do lar délfico, e de extinguirem todos os fogos na província, profanados pelos bárbaros. Prescreveu-se então a extinção geral, e Euquides, um dos de Plateias, ofereceu-se para trazer sem demora o gérmen novo do altar de Apolo. Ao alvorecer correu para Delfos, purificou-se, tomou o fogo sagrado e, sem parar um instante, regressou a correr para Plateias, onde chegou antes do pôr-do-sol, tendo feito, num só dia, 1.000 estádios. Saudou os compatriotas, entregou-lhes a preciosa semente e, desfalecendo, extenuado, soltou o último suspiro.

A prática religiosa da renovação do fogo esteve na origem das corridas helénicas de archotes, sendo estas primitivamente celebradas em honra das divindades do fogo e das artes do fogo. Nos três lampadódromos mais famosos e mais antigos realizavam-se as corridas de archotes atenienses da Pan-Atenas, da Hephaisteia e da Prometeia. Tratava-se, para os corredores destas três festas, de trazer rapidamente um fogo puro e sagrado. As dez tribos tomavam parte no concurso, cada uma representada, na época clássica, por uma dezena de corredores colocados como estafetas para a transmissão da chama. Se cada corredor da fila vitoriosa podia ser recompensado, a vitória oficial pertencia solidariamente à tribo que, em primeiro lugar, tinham alcançado a chama viva: cada um tinha cumprido da melhor maneira a sua missão,

Homem, não haverá felicidade para ti
Senão no dia em que estejas
De pé, no sol, ao meu lado.
Vem, espalha a boa-nova em teu redor.
Vem, vinde todos.

Jean GIONO

segundo o lugar que ocupara na cadeia, e a vitória pertencia a todos, tanto ao primeiro com ao último da fila triunfante. Platão serviu-se algures da imagem dos corredores passando a tocha em turnos para evocar a solidariedade das gerações na história de uma mesma linhagem.

A celebração da festa do sol revestia-se de uma solenidade particular quando, em cada cinco anos, tinham lugar em Rodes as Alieia. Consagradas a Helios, eram uma das festas maiores do mundo grego.

Segundo Cosmas, festejava-se correntemente na Grécia, dois séculos antes da nossa era, o nascimento, no dia do Solstício de inverno, de Helios (o Sol).

Em Roma, o fogo é o próprio símbolo da vida, do devir da cidade. As vestais são encarregadas de manter um fogo permanente: jamais a chama deverá morrer. Chama da comunidade, chama da família: no atrium de cada casa encontra-se o lararium, altar em cujo alto é aberta uma lareira onde arde permanentemente o fogo sagrado.

O fogo-sol traz a força aos jovens romanos, a chama encontra-se muito naturalmente associada ao sangue, em Roma como nas outras partes do mundo indo-europeu.

Todos os anos, no fim da campanha militar anual, era organizada uma corrida de carros. O cavalo direito do vencedor era sacrificado no Campo de Marte; o seu sangue ia ser vertido no lar nacional e guardava-se mesmo sangue coagulado para os Fordicidia (festa agrária celebrada a 15 de Abril) do ano seguinte. O sangue do cavalo devia ser entornado sobre feixes de palha inflamados sobre os quais os jovens romanos saltavam para se fortificarem.

Volto a atar metais e vida vegetal às luzes das abóbadas estreladas. Sou um sol de bronze, a alma própria da aliança. Sou quem volta a unir a alma e o corpo, a planta e o astro, quando ardo nos cumes da chama eterna, imagem da imortalidade, o Fogo.

Henri BOSCO

No Solstício de inverno tinham lugar as Saturnais. Saturno, deus das sementes enterradas no solo, era celebrado para ajudar o sol a subir no céu.

Na época imperial, um culto essencialmente solar, o de Mithra, conheceu uma grande difusão na maior parte das regiões dominadas pelas legiões romanas. Na sua origem, Mithra não é mais que um dos protagonistas da religião mazdeísta, indo-persa, da qual Zoroastro (Zaratustra) foi o fundador. Não tardou, porém, que o zoroastrismo tivesse declinado até suscitar um culto só seu. Deus da terra e dos mortos, do céu e da luz, procede do sol e sobrevive ao seu desaparecimento. Preside também à saída do ano. O culto de Mithra conheceu o seu apogeu no século III: o Império é então presa de dificuldades interiores e de ataques exteriores, e este deus eminentemente guerreiro que é Mithra, apraz aos legionários encarregados de velar pelas fronteiras e de reprimir a anarquia.

Em 274, Aureliano construiu um tempo ao Sol no Campo de Marte.

Em 307, nas fronteiras, Diocleciano consagra na conferência de Carnunthum um altar a «Mithra, protector do Império». É conhecida a frase de Renan no seu livro sobre Marco Aurélio: «*Se o cristianismo tivesse sido travado no seu crescimento por qualquer doença mortal, o mundo teria sido mithraísta*».

A maior festa mithraísta era celebrada em 25 de Dezembro, a meio do período do Solstício. Nesse dia, na Mithrea que se estendia da Pérsia à Dura-Europus (desconhecido na Gália ocidental e na Grécia, o culto de Mithra ia ao norte até Londres, Mayence e Bingen), os oficiantes comemoravam *Natalis Solis Invicti*. Em recordação de um dos feitos do deus, era solenemente sacrificado um touro durante a noite. Por ordem de Aureliano, chegou a ser afectado ao rito um colégio sacerdotal: «Em 25 de Dezembro celebra-se a vinda da luz nova e o nascimento do deus».

P. V.

A Igreja corrompeu as festas: é preciso ser grosseiro para não sentir que a presença de cristãos e de valores cristãos é uma opressão funesta contra tudo o que constitui a atmosfera moral de uma festa.

Uma festa comporta orgulho, exuberância, alegria, a galhofa contra tudo o que é grave, burguês, uma divina afirmação do si nascida dum sentimento de plenitude e de perfeição animais — estados que o cristão não consegue admitir sinceramente.

Toda a festa é pagã na sua essência...

Friedrich NIETZSCHE

A CRISTIANIZAÇÃO DOS SOLSTÍCIOS

No seu dicionário de arqueologia cristã, Dom Leclercq escreve: «*Sendo o Cristo considerado como o verdadeiro deus da luz e o criador do sol, no qual estabeleceu a sua morada, vê-se nos primeiros séculos da era cristã o Deus Sol tornar-se o Cristo*». Assim, o dia do nascimento de Mithra foi celebrado no dia que é hoje o do nascimento de Jesus.

Justino nota que «*os cristãos usurparam o dia do Sol*» para recitarem orações e distribuirem pão e água aos assistentes. E Victor Duruy assinala que «*Constantino compôs, para ser recitada ao domingo pelas legiões, uma oração que tanto podia satisfazer os adoradores de Mithra, como os de Serapis, do Sol e do Cristo*».

Esta assimilação é muito característica da técnica empregada pelo cristianismo para implantar a sua influência e impôr depois o monopólio no espírito dos povos europeus.

No seio do mundo romano, a instalação macissa de orientais, escravos e mercadores, na parte ocidental do Império correu a par da difusão de religiões orientais. Entre estas, a que mostraria mais eficácia na sua propaganda e na sua organização foi a religião cristã. Apoiando-se em elementos marginais da sociedade seduzidos pelo seu carácter simultaneamente utópico e subversivo, mas desenvolvendo paralelamente uma política de implantação sistemática nos meios influentes, em particular na corte imperial, o cristianismo revelou-se, na confusão das guerras civis que opunham entre si vários candidatos ao poder, um factor político de peso.

No início do século IV, Constantino jogou a cartada cristã para se impôr aos rivais. A partir do seu reino, salvo raras excepções (o de Juliano), o cristianismo recebeu a ajuda do poder romano. Em troca do apoio político da Igreja, o imperador ajudou esta a suplantar e depois a eliminar as religiões orientais rivais, mas também — e sobretudo — o paganismo.

OS ÚLTIMOS PAGÃOS DA EUROPA

Em Zapiskis, na Lituânia, nas margens do Niemen, encontra-se a mais antiga igreja ogival do país, contruida em 1502. Quando foi edificada, a população encontrava-se ainda dividida entre o paganismo e o cristianismo. Também Perkunas, senhor todo poderoso da religião balta primitiva, atingirá por duas vezes a nova igreja com a sua cólera. Perkunas era o deus do fogo e tinha o clarão por símbolo. A sua chama não parava de brilhar sobre os altares, mesmo após a conversão dos Lituanos ao catolicismo. Dependiam de si o sol e a lua que tinham as estrelas por crianças. Dia e noite, o sol chora lágrimas preciosas que se transformam em flores. Assim nasce a margarida, de coração dourado, com as pétalas irradiando como raios, imagem do deus ao qual ela deve a vida.

O fogo tem um desempenho fundamental na religião primitiva dos camponeses baltas. Mesmo após a cristianização, nenhum deles ousava lutar contra um incêndio, não obstante fosse uma casa ou uma quinta que se inflamava. A vítima do sinistro respeitava o fogo que a arruinava. A única defesa permitida consistia em construir, perto do braseiro, em honra do elemento destruidor, uma mesa coberta com uma toalha branca, ornada de flores e folhagens e sobre a qual eram colocados pão e sal. Se as chamas não viessem consumar as oferendas, uma mulher deveria dançar nua em redor da mesa, na esperança de que Perkunas, insensível aos alimentos, fosse atraído pela mulher e deixasse a casa que consumia...

Jean MAUCLERE
Soleil pâle de Lithuanie

A persistência das tradições pagãs revelar-se-ia entretanto muito tenaz, em particular nas zonas rurais (a palavra paganismo procede de alguma forma do latim *«paganus»*, paisano, o que habita o *«pagus»*, o país). A Igreja desencadeia contra o paganismo um duplo ataque: no século IV, os éditos imperiais sucedem-se para interditar as tradições pagãs, culminando com o édito de Teodósio de 392 que coloca o paganismo completamente fora da lei. Um ataque indirecto: trata-se de recuperar as tradições pagãs, que se mostram desenraizáveis, integrando-as no cristianismo com um significado novo, oposto ao seu significado original.

No quadro desta recuperação, as festas dos Solstícios de inverno e de verão foram integradas no calendário cristão, no ciclo anual que devia no futuro ritmar a vida dos homens da Europa sob a férula da Igreja. O Solstício de inverno transformou-se em Natal e o Solstício de verão na festa de S. João.

A decisão de fixar o nascimento do Cristo a 25 de Dezembro foi objecto de controvérsias acesas no seio da Igreja. O Abade Duchesne reconheceu em *Origens do Culto Cristão* que «não há a mínima tradição sobre o dia do nascimento de Cristo. O próprio ano do nascimento é incerto (...) Quanto ao mês e ao dia, são absolutamente desconhecidos (...) O livro intitulado *De Pascha Computus*, publicado em 243, quer na África quer na Itália, diz que Nosso Senhor nasceu em 28 de Março.

«Estes factos provam que, em meados do século II, a festa de Natal era ainda desconhecida no Ocidente. A sua presença mais antiga encontra-se no calendário filocaliano, aparecido em Roma em 336. Foi, no início, uma festa própria da Igreja latina. S. João Crisóstomo atesta numa homilia de 386 que não tinha sido introduzida em Antióquia senão uns dez anos antes, ou seja em 375. Ao tempo em que ele falava, a festa não era ainda observada em Jerusalém nem em Alexandria. Nesta última metrópole só foi adoptada cerca de 430. Os arménios, depois de terem-na admitido, repudiaram-na quando se separaram da comunhão católica.

ESTA CHAMA

Esta chama não é a chama do sacrifício. É, para nós, o símbolo sensível da vida, o sorriso de Deus sobre a terra, de um Deus que chamou a criação à vida e não à morte...

Através da noite cintila a chama!

Para nós, esta hora da noite não é feita de nenhuma obscuridade mágica. Não, esta chama que se projecta sob a abóbada estrelada é para nós o símbolo da unidade da natureza e da vida. O dia e a noite, o corpo e a alma, a luz e as trevas, tudo é Uno no círculo eterno da fecundidade dos tempos...

Velai pela chama, camaradas, porque fogo, luz e sol são os mais sagrados dos nossos bens. E não esqueçais a pressa com que a cinza abafa a chama...

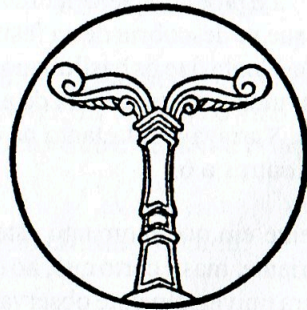
As Igrejas tinham entretanto uma festa do mesmo sentido ou de sentido análogo ao da festa latina de 25 de Dezembro; aquela a que chamavam a desta "das aparições", a Epifania, que celebravam a 6 de Janeiro. O vestígio mais afastado que se descobriu desta festa é-nos fornecido por Clemente de Alexandria. Conta que os basilidianos celebravam o dia do baptismo do Cristo com uma festa precedida de uma vigília ou velada, passada a ouvir leituras. Variavam entretanto na data; uns celebravam a festa a 10 de Janeiro, outros a 6.

Não se sabe precisamente em que momento este uso foi aceite pelas Igrejas ortodoxas do Oriente, mas é certo que, no decurso do século IV, a festa de 6 de Janeiro era universalmente observada; celebrava-se uma tripla comemoração, a do nascimento de Cristo, a da sua adoração pelos Magos e, enfim, a do seu baptismo (...)

Em Roma e em África não se conhecia a festa de 6 de Janeiro, como os orientais não conheciam a de 25 de Dezembro (...)

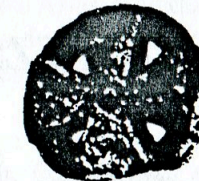
Perto do fim do século III, o uso de celebrar o aniversário do nascimento de Cristo estendeu-se a toda a Igreja; mas não se adoptou o mesmo dia em toda a parte. No Ocidente escolheu-se o 25 de Dezembro, no Oriente o 6 de Janeiro. Os dois usos, inicialmente distintos, acabaram por combinar-se, de modo que as duas festas foram observadas por todo ou quase todo o mundo».

Por que razão escolheu a Igreja de Roma a data de 25 de Dezembro? O Abade Duchesne, corroborado pelo *Dicionário de Teologia Católica*, explica que o 25 de Dezembro foi escolhido porque correspondia à festa do *Natalis Invicti*: «O *Invictus (o invencível)*, escreve ele, *é o sol, cujo nascimento coincide com o Solstício de inverno, isto é, 25 de Dezembro, segundo o calendário romano*».

Fazendo coincidir as suas grandes festas com as do paganismo, o cristianismo arrebatou-lhe assim e em proveito próprio, o seu simbolismo. O simbolismo do fogo, tão importante na tradição pagã, foi integrado na liturgia cristã. Hoje ainda a sequência própria aos Dominicanos na missa de 25 de Dezembro canta:

A NOSSA FÉ

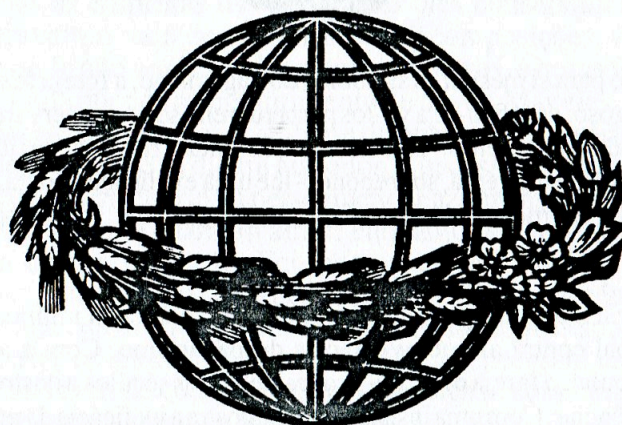
A nossa fé é a submissão ao divino no seu sentido de vida e fecundidade. Mas eles não viram e não vêm o divino senão no absurdo. A nossa fé é a inserção do ser na comunidade fraternal do princípio vivente. Mas eles pregaram e continuam a pregar a solidão da morte não resgatada. A nossa fé é a vitória da vida sobre todas as empresas da morte. Mas eles conservam e cultivam o vale de lágrimas das decomposições. A nossa fé não nos leva a batalhar com outros, a nossa fé é vivida por nós no cumprimento do dever. Mas eles... é necessário que eles discutam e disputem, é necessário que ataquem e se digam atacados, é necessário que se refugiem no delírio da perseguição. Fazem um dogma daquilo a que chamam amor, enquanto nós fazemos um dogma da acção. Foi-lhes necessário esperar e continuar a esperar uma ordem imperativa do seu céu; a nós, cada dia que passa, cada novo dia, com as suas tarefas, religa-nos ao eterno. Não temos necessidade de leis nem de códigos, não temos outra necessidade além dos deveres da nossa vida.

O Anjo do Conselho
Nasceu da Virgem
O Sol de uma estrela;
Um Sol que ignora o declínio,
Uma estrela sempre resplandecente,
Sempre resplandecente.
Como o astro o raio,
A Virgem produz o Filho
De igual maneira.

A Igreja estendeu aos ritos litúrgicos do ciclo da Páscoa o simbolismo do fogo: extinção dos quinze círios durante o ofício das Trevas, supressão de toda a luz durante a Semana Santa, finalmente a iluminação fora do santuário de um fogo tirado de uma pedra abençoada, desse fogo que serve para acender os círios, em particular o círio pascal.

Tomando para si mesma os símbolos do paganismo, a Igreja fez um «jogo» perigoso: arriscou-se a vê-los perpetuarem-se e a conservarem o seu significado primigénio. Era necessário então fazer o vazio a esta significação primigénia, sobrepondo-lhe uma explicação cristã, ou seja, se aquela se mostrava demasiado tenaz, dar-lhe uma explicação «enegrecida».

Suprimir a interpretação pagã das tradições solsticiais implicava uma luta global contra as sobrevivências do paganismo. Com a ajuda do poder secular, a Igreja dedicou-se durante vários séculos a destruir essas sobrevivências. Com uma insistência que mostra a ineficácia da repressão, os concílios ordenaram a perseguição ao paganismo: os cânones dos concílios de Vannes em 491, de Orléans em 541, de Tours em 567, de

Eu que nasci
sobre a terra,
experimento
as enfermidades do sol
como um obscurecimento
de mim mesmo
e um dilúvio
da minha própria alma.

Friedrich NIETZSCHE

Auxerre em 605, de Clichy em 627, de Toledo em 693, de Leptines (Hainaut) em 743, de Mayence em 813, retomam as mesmas interdições em termos cada vez mais próximos.

Os solstícios são particularmente visados, porque parece terem permanecido muito populares. O bispo de Arles, Césaire, num sermão pronunciado nos princípios do século VI, interdita aos provençais de se *«banharem nas fontes, nos pântanos e nos rios na noite de S. João e na madrugada do dia seguinte»*. Porque, afirma o prelado, *«este costume nefasto ressuscita o paganismo»*. Da mesma maneira, no século VII, Santo Elói ordena: *«Que ninguém, na festa de S. João ou em certas solenidades dos santos, se exercite na observação dos Solstícios, das danças e dos cantos diabólicos»*.

Os clérigos não conseguiram com as suas maldições desenraizar os costumes do Solstício. Publicado em Lyon em 1544, o *Tractatus de Superstitionibus* de Martin d'Arles, arquidiácono de Pamplona, descreve com reprovação os fogos do Solstício de verão que fazem parte dos costumes da Gasconha nesta época.

O Concílio de Trento, em face da vaga da Reforma, recomenda aos bispos manter sob vigilância os hábitos colectivos locais, para comprometer sentimentalmente as populações ao catolicismo. É necessário, entretanto, que o clérigo local enquadre cuidadosamente uma festa como a de S. João para lhe eliminar todo o espírito pagão.

Muito instrutivas a este respeito são as *Constituições,* redigidas por S. Francisco de Sales, bispo de Génova no início do século XVII, destinadas a guiar os curas saboianos na sua acção pastoral. Exortando-os a organizar e a valorizar o fogo de S. João, conduzindo até à fogueira a procissão das autoridades locais e da população e dirigindo pessoalmente o desenrolar da festa, o autor explica que esta acção é *«o que julgámos tanto mais necessária, uma vez que não encontrámos um meio mais apropriado nem mais suave de extirpar as danças e as imodéstias que fazem degenerar uma festa pública tão antiga, tão justa e tão santa numa ocasião de deboche e de pecado»*.

Os inquisidores quiseram quebrar-nos os corpos
E roubar-nos as almas.
Instaram-nos a renegar os pais
E a maldizer o sangue.
Destruíram as nossas casas
Queimaram as nossas mulheres.
Quiseram matar a esperança,
E disseram-nos que estavas morto.
Que jamais regressarias.
Que o frio e a noite
Te amortalhavam.

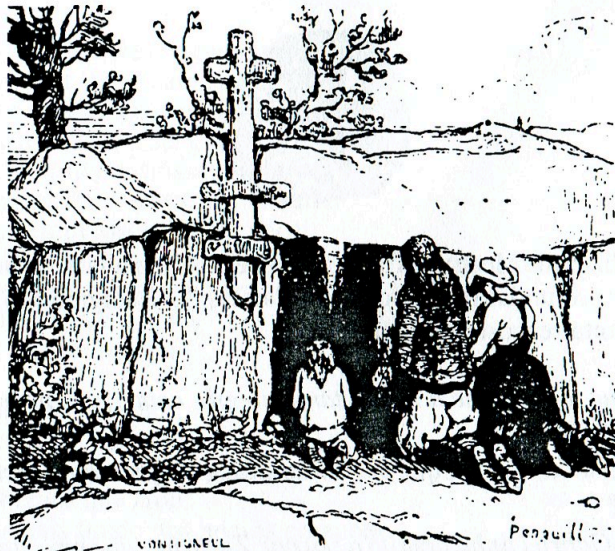
Mas nós sabemos, nós,
Que estás bem vivo.
Que regressarás triunfante.
Sabemos que ardes
No mais fundo dos nossos corações.
E que arderás
No mais fundo dos corações dos nossos filhos
E dos filhos dos nossos filhos,
Eterno.
Porque és a força que nos guia os braços
E que empunha o gládio.
És a mensagem de liberdade
E o signo de toda a vida.

Por isso que,
Através da chama e do rochedo erguido,
Através da fonte e da árvore,
Nós te saudamos.
A ti, em direcção de quem sobe o voo dos gansos
selvagens.
A ti, refúgio de sacerdotes, amado dos guerreiros.
A ti, irmão nosso, no repouso e no combate.
A ti, o invencível.
A ti, o SOL.

Eric DUCHESNE

Bossuet, bispo de Meaux, esforça-se também em canalisar as tendências populares profundas por meio de um Catecismo. Redigido sob a forma de «pergunta-resposta» contém:

«P. Porque testemunha a Igreja tanta alegria com o nascimento de S. João Baptista?
R. Porque nada mais faz que perpetuar a alegria que o anjo predissera.
P. Como?
R. O anjo Gabriel tinha predito a seu pai, Zacarias, que haveria grande regozijo com o seu nascimento.
P. É por isso, então, que se acendem fogos de alegria?
R. Sim, é por isso.
P. A Igreja toma parte nestes fogos?
R. Sim, uma vez que em várias dioceses, particularmente nesta, várias paróquias fazem um fogo que se chama eclesiástico.
P. Qual a razão de se fazer um fogo de uma maneira eclesiástica?
R. Para banir as superstições que se praticam com os fogos de S. João.
P. Quais são essas superstições?
R. Dansar à volta do fogo, jogar, fazer festins, entoar canções desonestas, lançar ervas para cima do fogo, apanhá-las antes do meio-dia ou em jejum, trazê-las consigo, conservá-las durante o ano inteiro, guardar tições ou pedaços de carvão do fogo».

Estas explicações, fornecidas pelo episcopado, encontram-se em numerosas dioceses. Para sistematizar estas ensinanças, apareceu em 1665 uma *Instrução popular tratando da origem e da maneira de fazer o fogo da natividade de S. João Baptista para obstar os abusos e as superstições.*

No seu sermão sobre as superstições, Santo Eloi levantava-se contra o culto que os cristãos do seu tempo prestavam aos astros do dia e da noite: «Que ninguém, dizia ele, chame seu mestre ao Sol ou à Lua ou jure por eles».

No século XV, voltam a encontrar-se diversos traços que demonstram que as defesas eclesiásticas não tinham conseguido destruir inteiramente as antigas crenças.

Na farsa de Maître Pierre Pathelin, o fabricante de panos jura:
«Pelo sol que brilha!»

Mr. Filleul Petigny ouviu um dia no tribunal correcional de Nogent le Rotrou um homem proferir um juramento análogo: *«Juro-o pelo sol!»*.

Redigida também sob a forma de catecismo, com perguntas e respostas, esta obra foi destinada a todas as dioceses da França e precisa, por sua vez, a interpretação e a técnica litúrgicas:

«P. Que é o fogo de S. João?
R. É a marca de regozijo por S. João.
P. Quando começou este regozijo na Igreja?
R. Crê-se que teve a sua origem desde os primeiros séculos, uma vez que S. Bernardo testemunha que era mesmo praticado entre os pagãos.
P. É então um costume louvável acender o fogo na véspera de S. João?
R. Sim, na condição de se refrearem os abusos e as desordens.
P. Quais são os abusos que, com o tempo, foram introduzidos nesta cerimónia?
R. 1) A violação do jejum substituído pelas ceias públicas na rua; 2) as superstições, como as de descrever certas voltas ou círculos à volta do fogo e de fazer a mesma coisa aos animais, de recolher pequenas brasas, carvões, cinza, de trazer cintos feitos com ervas, de lançar e passar sobre o fogo feixes de ervas; 3) as dissoluções que se passam na noite por oca-sião do fogo, seja em actos ou em palavras, dos jovens que abusam desta luz para cometer insolentemente obras de trevas e de pecado; 4) as dansas e cantos que o autor de impurezas introduziu neste dia».

Esta alusão ao diabo é muito característica. Desde a Idade Média que as tradições e símbolos pagãos foram catalogados automaticamente como «demoníacos». A descrição do mundo da bruxaria aparece, pela pluma dos clérigos, carregada de símbolos cujo sentido foi «enegrecido». O próprio diabo é o «príncipe das trevas». Se é portador de luz (Lucifer) é de uma luz infernal, a das chamas onde ardem os danados. Os fogos aos quais ele preside são os do sabbath, sob a forma de um «grande bode fétido», imagem «negativa» do bode de Thor e do deus Pan ou de um

grande cervo, recordação do deus celta Cernunnos. O caldeirão sagrado dos druídas tornou-se o caldeirão das bruxas. Já não serve para fabricar a bebida da imortalidade, mas para fabricar filtros de morte. Os sabbaths desenrolam-se no coração das florestas, lugar de predilecção da espiritualidade pagã, e a bruxa, votada ao diabo, está rodeada de animais satânicos: os negros corvos (companheiros de Odin) e as corujas (aves de Atena, aves de sabedoria).

Assim, a política da Igreja relativamente às tradições herdadas do paganismo foi sempre ambivalente: repressão e recuperação. Mas nem uma nem outra conseguiram acabar com os Solstícios. Há raízes muito difíceis de extirpar...

P. V.

INVERNO

Com que medis a plenitude da vida e o seu valor? Com a distância do tempo? Não, com o seu clarão, porque a vida é luz.

Cyriel VERSCHAEVE

DO JUL NÓRDICO AO NATAL

O sol regressa sempre, e com ele a vida sobre a terra.

No coração do inverno é o fogo que substitui o sol. Aquece e ilumina. É a própria vida.

Outrora, o fogo conservado na lareira dos velhos nórdicos simbolizava a continuidade da vida através dos diversos elos da cadeia familiar. A casa estava no coração da terra, do domínio. O fogo estava no coração da casa, do lar. As gerações sucediam-se e transmitiam a herança.

Hoje ainda, o fogo continua a guardar o seu símbolo eterno. No mais profundo do inverno, permanece como uma imagem do sol, uma imagem do ritmo das estações e do ritmo da vida. Sem cessar, estações substituem estações. Gerações sucedem a gerações.

A natureza do fogo não muda. Vela humilde na mão de uma criança, grande fogo de alegria acesa no cimo de uma colina, fogueira do átrio familiar, círio de lutos, tição de alegria, o fogo é sempre a via que sobe em direcção ao céu.

As chamas torcem-se, as achas abatem-se com girândolas de centelhas, o fumo foge diante do sopro do vento. Um fogo extingue-se, dez outros se acendem. O vento sopra uma chama, a morte sopra num homem. Uma brasa se aviva, uma criança nasce. A vida está ali.

Cristianizada com o nome de Natal, a festa nórdica de Jul não fica limitada a um dia só. O Solstício de inverno não representa senão o ponto culminante, a noite sagrada entre todas.

O SOL E O NORTE

Os nossos antepassados desceram das regiões nórdicas onde a única hipótese de viver consistia no combate diário contra o frio, combate que tinha como único aliado o sol. Foi desta luta que retiraram a sua concepção de vida. A sua vida era uma luta, renovada todos os anos, contra a obscuridade e o frio.

O sol elevava-se dia após dia, para além dos nevoeiros, dando-lhes durante curtos meses maravilhosos dias de verão, quentes e claros. O sol tornou-se, assim, para os nossos antepassados o símbolo da sua própria força e o espírito de Deus que sentiam dentro deles próprios. O destino do sol, seguindo a sua curva ascendente até brilhar no maravilhoso dia de S. João, depois dissipando-se na sombria noite de inverno, tornou-se no símbolo de vida considerado como uma grande tarefa, como o dever de lutar contra as forças maléficas da obscuridade e da morte que ameaçam em nós esse espírito.

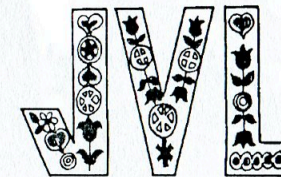
É portanto natural que esta evolução do sol e dos dias se tenha revestido de uma grande importância. O dia em que cessava a invasão da noite era considerado como uma grande festa, que marcava também a mudança de ano, dando à sua concepção de vida un sentido profundo e verdadeiro. Pode facilmente imaginar-se a alegria daqueles que habitando no norte da Escandinávia e na Islândia, para os quais o sol desaparecia completamente, vê-lo reaparecer, por alguns minutos, por detrás das montanhas, em direcção ao sul. Com reconhecimento e com desejos de vitória, saudavam esta primeira aparição do seu poderoso aliado! Sentiam despertar neles o espírito de Deus e voltavam a enfrentar, plenos de alegia e coragem, o combate diário e os seus trabalhos.

Jeannine BOULET

O Natal não é a festa da velhice e do desespero, mas a da infância e do porvir.

Festa do combate contra as trevas e festa das sementes invisíveis, o Natal pertence aos que lutam no silêncio, na sombra e na solidão. O Natal é a festa da esperança invencível.

Os homens de hoje, se ignoram o sentido verdadeiro destes dias de festa, não deixam de intuir que se trata de uma tradição que mergulha as suas raízes no que há de mais sagrado dos nossos povos.

O Natal é a velha festa do Solstício de inverno. Na noite mais longa do ano, igual ao inverno, ao frio, à neve, ao gelo, que parecem não ter fim, nesta noite única e terrífica, os nossos antepassados recusaram acreditar na morte do sol. Traziam no coração a certeza da primavera. Sabiam que a vida continuava, que as flores iriam furar a neve, que as sementes germinariam debaixo do gelo, que as crianças iriam tomar a sua parte na herança e que os seus clãs e as suas tribos iam conquistar todas as terras de que tinham necessidade para viver, todos os mares onde iam estabelecer um domínio sem limites.

No momento em que os glaciares recuavam pouco a pouco diante das florestas, milhares de anos atrás, uma imensa velada de armas reunia-nos à volta dos fogos, através de toda a Europa, então sem nome. Os nossos antepassados surgiam das trevas e das brumas. Iam a descobrir o mar imóvel e erguer pedras verticais, ao sol da Grécia. Sabiam que triunfariam sobre o inverno, sobre o medo e sobre aquela sageza atroz dos velhos que paralisam a gente jovem impaciente.

O nosso mundo está prestes a nascer. Invisível como as flores e as sementes de amanhã, faz o seu caminho debaixo da terra. Temos já as

nossas raízes solidamente enterradas na noite das idades, ancoradas no solo dos nossos povos, alimentadas com o sangue dos nossos antecessores, ricas de tantos séculos de certeza e de coragem que somos os únicos a não renegar. Entrámos no inverno integral, onde se obrigam os filhos a terem vergonha dos altos feitos de seus pais, onde se prefere o estrangeiro ao irmão, o vagabundo ao camponês, o renegado ao guerreiro. Entrámos num inverno onde se constroem casas sem chaminés, aldeias sem jardins, nações sem passado. Entrámos no inverno.

A natureza morre e os homens tornam-se todos iguais. Já não há paisagens, já não há rostos. Vivemos em cubas. Com um pouco de química, iluminamo-nos, alimentamo-nos, não temos crianças a mais, esquecemos a luta, o esforço e a alegria. Sim, apesar das luzes de néon, das montras e das imagens do cinema, apesar das festas do Natal, das grinaldas, das missas e dos abetos, entrámos num inverno muito longo.

Somos só alguns que trabalham para o regresso da primavera.

J. M.

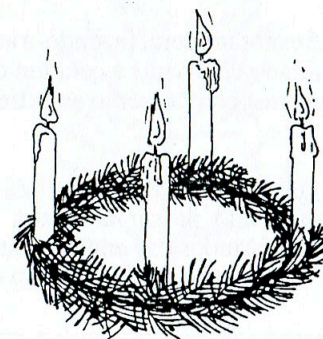
A mãe entrançou a coroa do Advento,
Entrançou-a com ramos bem verdes,
Que tirou do grande abeto sempre verde.
Uma vela arde na coroa. Todos meditam.
Certamente tudo irá bem, porque assim o desejamos,
Como os pais o desejaram e como desejarão
os de amanhã.
Sabem que, apesar de tudo, a vida é assim.
É o dia mais curto do ano.
O de amanhã será maior, o sol regressará.
É a grande festa do inverno, dia de alegria,
Alegria calma, penetrante, que cada um encontra no fundo de
si
Diante da pequena chama que bruxuleia no candelabro.
Cada um refaz o caminho percorrido.
A inquietação nasce no coração do homem se ele esquece
As grandes leis da vida.
Um grande silêncio. Uma força enorme.
Como uma grande espera.
Diante da chama que cintila agora sobre o candelabro de
pedra,
Cada um reencontra a confiança na sua força.
Alegria triunfante de quem guarda a esperança.
O sol triunfará.
O pai acende a fogueira de Natal e, nos seus olhos,
Há também uma grande chama.
O fogo claro sobe na lareira.
A casa está cheia de calor e luz.
Todos meditam.
Todos prometem guardar a fé em si mesmos
E na vida.
Em todos se eleva uma força nova.
A vida triunfará.

Jean FAVRE

A COROA DO ADVENTO

Por simbolizar o tempo do Advento, um costume que vem dos países escandinavos e parece uma incontestável herança da época pagã tende, cada vez mais, a espalhar-se pela Europa.

Quatro semanas antes do Solstício de inverno, confecciona-se com ramos de abeto uma coroa que pode ser suspensa no centro da sala principal da casa. Pode também ficar pousada sobre um móvel ou numa mesa.

Esta coroa é feita com uma armação circular rígida, o círculo da base de um *abat-jour* ou o arco de madeira com que brincam as crianças.O seu diâmetro pode variar entre 0,50 e 1,50 m, segundo o tamanho da sala onde vai ser disposta. A armação é guarnecida com palha (a que é utilizada em garrafas, por exemplo) ligada com canutilho ou arame de latão usado pelas floristas. É depois decorada com a folhagem verde: ramos de abeto ou de azevinho. Os ramos são igualmente ligados com o canotilho e atados com fitas vermelhas muito estreitas.

FABRICAÇÃO DE VELAS

Eis uma maneira original de fabricardes as vossas velas do Solstício de inverno. Tão boas como outras, são correntemente utilizadas na Escandinávia.

É necessário o seguinte:

– 60 cm de cordão entrançado, de malha muito apertada.
– 1 bloco de parafina e 1/2 bloco de estearina.
– corante à escolha.
– uma caçarola pequena.
– uma faca de lâmina arredondada.

Fazei fundir em fogo muito lento os dois blocos de parafina e de estearina na caçarola e juntai o corante.

Quando a cera se tornar líquida e a cor uniforme, inclinai a caçarola para fazer chegar o líquido até ao bordo e agitai-a lentamente num movimento rotativo para que se forme uma camada fina na sua parede.

Quando esta começar a endurecer, descolai-a delicadamente com a ajuda da faca e enrolai-a rapidamente à volta da mecha (nos 22 cm de cada uma das pontas do cordão medidos a partir das extremidades: os 16 cm do meio ficam nus).

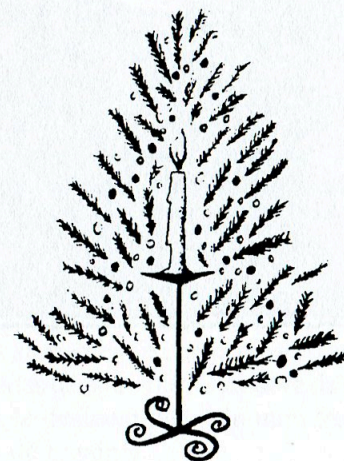
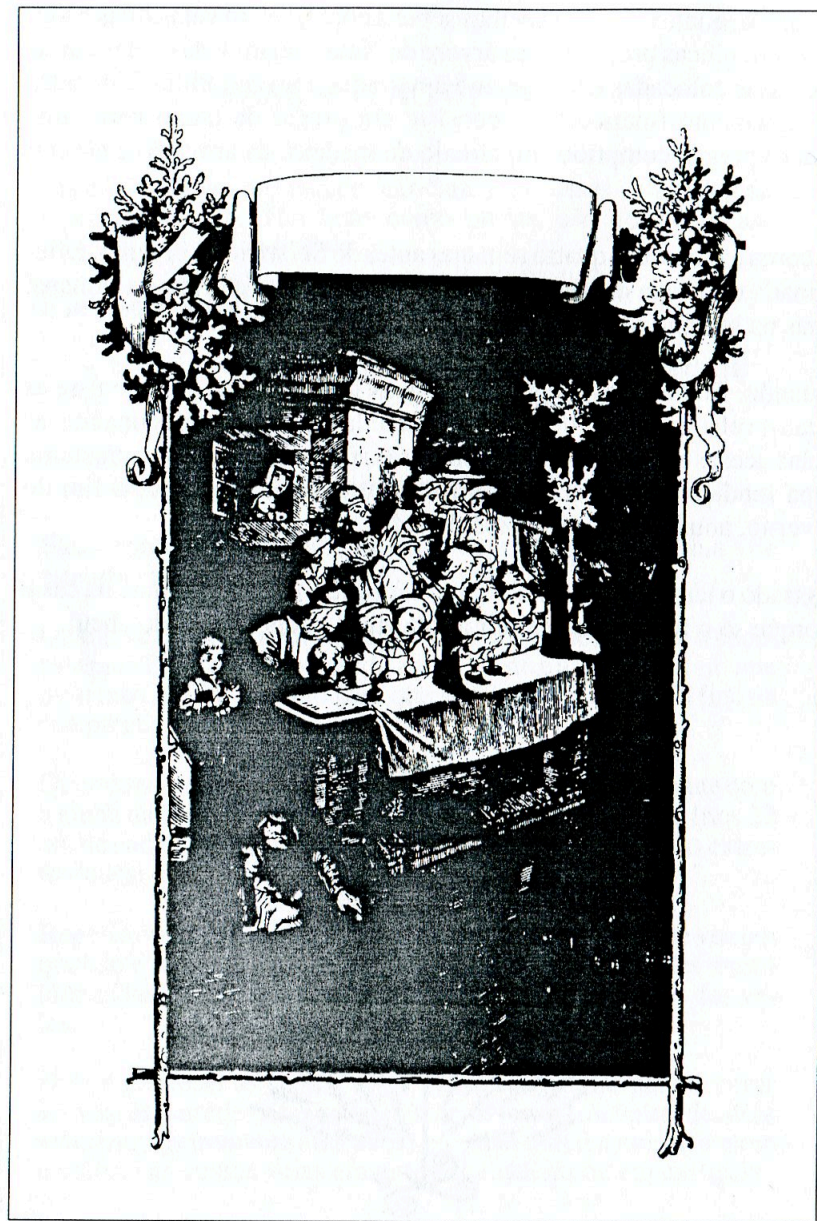
Repeti a operação até esgotar a cera, fazendo-a aquecer de vez em quando e tendo o cuidado de dividir a cera em dois cones muito alongados cujas bases respectivas serão as extremidades das velas.

Deixai arrefecer as vossas velas. Podeis utilizá-las para decorar as vossas paredes (fazendo passar a mecha à volta de dois *punaises* ligeiramente afastados) ou então cortai a mecha a meio e colocai as vossas velas em bases de madeira ou em castiçais.

Fixam-se quatro velas vermelhas sobre a coroa, sejam velas finas e longas com pinças próprias para árvore de Natal, sejam velas velas curtas e grossas colocadas em copelas e amarradas com canotilho. Um outro procedimento (mais difícil) consiste em pregar de baixo para cima quatro pregos compridos no círculo de madeira da armação e espetar neles as velas.

A coroa é preparada quatro semanas antes do Solstício de inverno. É iluminada uma vela durante alguns instantes durante a primeira semana, duas na semana seguinte, depois três na terceira semana.

Quando, finalmente, chega a noite mais longa do ano, acendem-se as quatro velas em conjunto. Assim, à medida que o sol vai declinando, as velas acesas vão sendo mais numerosas, fazendo, de alguma maneira, uma rendição. Simbolizam, durante a velada do Solstício, o fim do inverno, anunciando o regresso do sol.

Passado o tempo das festas, a coroa será queimada na chaminé da casa. Porque só o fogo deve destruir a folhagem sempre verde do abeto.

O PAI NATAL

Em muitas regiões europeias o ciclo do Natal começa em 6 de Dezembro, dia de S. Nicolau, para terminar em 6 de Janeiro, dia dos Reis.

S. Nicolau percorre as terras para distribuir guloseimas e prendas às crianças. O costume continua vivo da Picardia à Renânia, passando por Champagne e pela Lorena. A Flandres, Wallonia e a Holanda parecem ser as suas terras de eleição.

As crianças que esperam a visita de S. Nicolau colocam na véspera, 5 de Dezembro, um tamanco ou um sapato na chaminé e vão na manhã do dia seguinte, numa grande alegria, descobrir os presentes trazidos pelo lendário velhote. Algumas vezes, este não está só e dá a sua volta ladeado por «Père Fouettard». Renasce assim a justiça do legendário Carlos Magno «de barba florida»: as crianças simpáticas são recompensadas, os maus são punidos.

O S. Nicolau representa, sem dúvida, a cristianização de um costume muito antigo. Certos estudiosos do folklore quiseram ver no burro cinzento que lhe serve de montada uma reminescência de Sleipnir, o cavalo mágico de Odin-Wotan. O mito pode aparentar-se, por isso, ao da «caça selvagem». Mas como a roda das crenças e das tradições gira sem cessar, S. Nicolau foi, por sua vez, laicisado para se tornar o Pai Natal.

Esta personagem muito pouco cristã frequenta as lojas de brinquedos dos grandes centros comerciais e chega mesmo a distribuir prendas em habitações desprovidas de chaminé. Conserva da sua longínqua origem nórdica o hábito de se deslocar pelo céu num trenó puxado por renas, vindo directamente da Lapónia.

VOTOS PARA O SOLSTÍCIO DE INVERNO DO TRANSVAAL À UCRÂNIA

em afrikander .... *Een pleisierige Kerfees*
em alemão .... *Fröhliche Weihnachten*
embúlgaro .... *Chestita Koleda*
em checo .... *Vesele Vanoce*
em croata .... *Sretan Bozic*
em dinamarquês .... *Glaedelig Jul*
em eslovaco .... *Vesele vianoce*
em espanhol .... *Feliz Navidad*
em estoniano .... *Room said Joulu Puhi*
em finlandês .... *Iloista Joulua*
em francês .... *Joyeux Noël*
em gaulês .... *Nodolig Llawen*
em grego .... *Hristos Se rodi*
em holandês .... *Vroolijk Kerfeest*
em húngaro .... *Kellemes karacsonyi unnepeket*
em inglês .... *Merry Christmas*
em italiano .... *Buone Deste Natalizie*
em letão .... *Priecigus Ziemassvetkus*
em lituano .... *Linksmu Kaledu*
em norueguês .... *Gledelig Jul*
em polaco .... *Wesellych Swiat*
em português .... *Boas Festas*
em romeno .... *Sarbatori vesele*
em sérvio .... *Cestimano Bozic*
em sueco .... *God Jul*
em ucraniano......................... *Srozhdestvom Kristovym*

A SANTA LÚCIA

Na Suécia festeja-se o tempo do Solstício de inverno desde o dia de Santa Lúcia, 13 de Dezembro.

A aproximação Lúcia-*lux*-luz parece bastante evidente para justificar esta escolha. Para festejar Santa Lúcia, as raparigas, vestidas com um longo vestido branco, evocam as antigas camisas de noite das suas avós e trazem sobre os cabelos louros, soltos, uma coroa ornada com quatro velas acesas. Esta coroa lembra a coroa do Advento, dada a sua forma e o seu simbolismo.

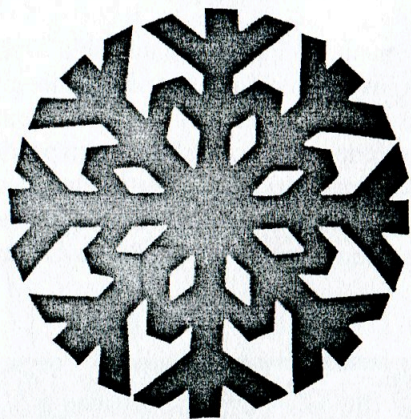
Na alvorada de Santa Lúcia as jovens assim adornadas dão a volta aos aposentos das suas casas, para acordar toda a gente. Oferecem a cada um dos membros da família uma chávena de café e pãezinhos.

Nestas oferendas, de forma muito particular, pode descobrir-se a roda do sol, tal como figura nas gravvuras rupestres dos antigos escandinavos da era pagã.

A festa de Santa Lúcia, cuja origem parece muito afastada no tempo, tomou depois da última guerra uma considerável — e, algumas vezes, lamentável — extensão: Santa Lúcia tornou-se em algumas cidades (Estocolmo, em particular) uma espécie de «Miss Luz». Eleita num concurso de beleza ao pior estilo americano, recebe os presentes publicitários dos comerciantes antes de dar a volta à cidade num luxuoso automóvel descapotável. O vestido virginal foi substituído por uma espessa peliça branca debaixo da qual Santa Lúcia veste um fato de banho, quando não um monokini.

Não é possível desnaturar mais uma tradição maravilhosa [1]. Entretanto, esta degenerescência não afectou em nada o conjunto da Suécia.

Na Alsácia vamos encontrar também Santa Lúcia. Durante o período de Natal aparece uma jovem vestida de branco, a cabeça guarnecida com uma coroa de velas. Repetidamente vai tangendo uma sineta e anuncia com badaladas o período consagrado. Da cintura pendem, por vezes, de cada lado do vestido, fitas multicolores. Perto dela encontra-se frequentemente outra personagem: Hans Tropp. Este costume do *Christkindl* existe também na Alemanha, em especial no Odenwald (bosque de Odin).

(1) Nos países onde o Advento começa com Santa Lúcia, o tempo do Solstício de inverno termina um mês mais tarde, a 13 de Janeiro. Neste dia, a árvore de Natal é despojada de todos os seus ornamentos e lançada fora pela janela.

O gelo congelou formas para as transmitir intactas. O ar é seco e frio. Eis o inverno que morde a pele e conserva o espírito. Eis a beleza do frio que se prolonga antes de consentir no degelo. Eis sulcos profundos no sol enferrujado, como na argila se grava a passagem dos homens. Eis a terra endurecida por onde regressarão. Tudo está alerta, tudo é promessa de alegria, toda a alegria é eternidade. E tudo está lá. Um tecto condensado de vapor, gelo que range e se funde nos dentes, o vime mais verde, a lareira do regresso, as pegadas dos animais, a recordação dos fogos, tudo está lá. O nosso mundo espera-nos aqui. A Natureza retém o seu sopro. O som pára e vibra lentamente. Promessas do sol muito cedo mantidas. Sufocada por doze meses, a vida parou um instante. Maravilha-se, respira, retoma o seu alento. Chega o ano: ei-lo de volta.

Alain de BENOIST

TRADIÇÕES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO ATRAVÉS DA EUROPA

Na Noruega os camponeses conservaram o hábito de plantar nas suas propriedades, durante o Advento, mastros e ramos carregados de feixes de aveia. O antigo uso sobreviveu, substituindo, como presente, a máscara em forma de cabeça de bode e cornos guarnecidos de palha. Trata-se de uma indiscutível alusão ao animal sagrado que puxava o carro de Thor, o deus do martelo.

Na Suécia, também descobrimos este bode... Sob a forma de um *Julbock* (bode de Jul) feito com palha entrançada guarnecida de fitas e colocado na sala principal da casa ou na cozinha que se torna, no momento do ciclo de Jul, a divisão principal. Há-os em todos os tamanhos. Alguns, minúsculos, são dispostos junto da árvore de Natal; outros têm as dimensões de um animal verdadeiro, com que as crianças se divertem e se sentam às cavalitas.

Na Dinamarca toda a gente deve participar na festa do Solstício de inverno, até os animais! Em 24 de Dezembro, cavalos, vacas, porcos, recebem uma ração dupla na manjedoura. Este costume imemorial manteve-se até aos nossos dias em todas as herdades da Fionie e da Jutlândia. As aves pequenas, as mais atormentadas pelo duro inverno nórdico, não são esquecidas: sempre encontram uma caixa de aveia colocada em sua intenção no exterior de muitas habitações.

Na Pomerânia os jovens cavalgam bodes *(Julbock)* a toda a velocidade, batem nas portas aos gritos de *«Julklapp»* (*Klapp*, corruptela de *Klopfen*, é sinónimo de bater) e lançam para o interior da casa presentes embrulhados em embalagens variadas que trazem escrita, à maneira de um signo distintivo, uma frase espirituosa ou uma palavra de amor. Depois fogem a toda a pressa, para não se deixarem apanhar ou reconhecer. A alusão ao deus Thor está aí presente com toda a evidência.

Na Alemanha do norte encontra-se o cavaleiro branco*(Schimmelreiter)* que, só ou acompanhado de outras personagens, galopa nas ruas, bate às portas e faz uma grande algazarra antes de ir pelas casas dentro. É seguido de uma cabra ou de um bode, de um urso ou de uma cegonha ou de máscaras cobertas de seda e ornamentadas com chifres.

Em Bremen o costume estipula que as crianças passeiem com lanternas de papel na ponta de uma vara, cantando quadras em louvor desta luz que ilumina o caminho. Estes tocheiros são decorados com azevinho e heras, aos quais se juntam, por vezes, espigas de trigo e a palha do último molho que se tinha conservado. Assim se efectua a ligação verão-inverno, indissoluvelmente ligados ao ciclo das estações e ao curso do sol.

Na Baixa Saxónia chama-se «Tunscheer» a uma árvore de Natal de onde emerge uma tranca recentemente cortada, cujas fibras são em parte desembaraçadas da casca e três maçãs ali espetadas, sendo este pau rodeado por um arco primitivo em forma de ferradura, amuleto do arco solar crescente. Este bastão tem toda a espécie de símbolos como o homem, a mulher, as runas, etc..

Nos Países Baixos franceses (Flandres e Artois) as crianças confeccionam lanternas com beterrabas escavadas no centro, nas quais colocam uma vela. Este costume assemelha-se de muito perto ao de Bremen, na Alemanha (ver mais acima) e, provavelmente, também à «torre de Jul» (simbolismo da luz prisioneira).

Na Inglaterra, principalmente no Devonshire, celebram-se, em pleno inverno, as macieiras, consideradas como árvores da imortalidade. Os camponeses vertem cidra nas raízes de cada uma das árvores e colocam um pedaço de pão num dos ramos maiores. Depois dansam uma ronda no pomar acompanhada de um canto salmodiado que sugere um verdadeiro encantamento. Na Cornualha e no Sussex esta tradição singular é ritmada com tiros de espingarda.

Na Itália brandões e fogos aparecem por vezes no fim do ciclo do Sols-

VELADA NA PROVENÇA

Fiel aos velhos costumes, para o meu pai a grande festa era a velada de Natal. Nesse dia, os arados desatrelavam-se cedo; a minha mãe dava a cada um, num guardanapo, um belo bolo de massa folhada, uma rodela de nogado, uma mancheia de figos secos, um queijo do rebanho, uma salada de aipo e uma garrafa de bom vinho. Mais daqui, mais d'acolá, os servidores iam-se embora para «lançar a mecha ao fogo» nas suas terras e nas suas casas. No Mas não ficavam senão alguns pobres-diabos que não tinham família; e, às vezes, os parentes, algum solteirão, por exemplo, chegavam à noite a dizer: «Boas festas! Viemos, primos, para ajudar a acender o fogo». Todos juntos, íamos procurar alegremente a «fogueira de Natal» que — era de tradição — devia ser uma árvore de fruto. Traziamo-la para o Mas, todos em fila, o mais velho a agarrá-la numa ponta, eu, o último que nascera, na outra; três vezes dávamos-lhe a volta na cozinha; depois, diante da laje da lareira, o meu pai, solenemente, espalhava sobre a fogueira um copo de vinho, dizendo:

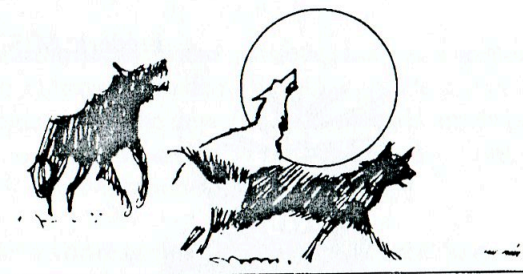
«Animai-vos! Animai-vos, meninos, que Deus nos cumule de alegrias!
Com o Natal chega todo o bem:
Deus dá-nos a graça de ver o próximo ano.
E, se não formos mais numerosos, que não sejamos menos».
E nós, gritando ao mesmo tempo «Alegria, alegria, alegria!», pousávamos a árvore na chaminé e, logo que a primeira chama brilhava: «Na fogueira, o fogo bom!».

(continua na pág. 108)

tício de inverno, em geral no dia dos Reis. Esta tradição existe sobretudo quando a «Befana» é representada por um ser vivo ou por um boneco. Estes fogos solsticiais são particularmente numerosos nas regiões de influência germânica do Trentino e do Friul. Vêm-se mesmo brandir aí discos inflamados. A tradição dos fogos em pleno inverno assemelha-se ao que sobreviveu no Tirol, na Caríntia e mesmo na Suiça francesa, principalmente no Valais.

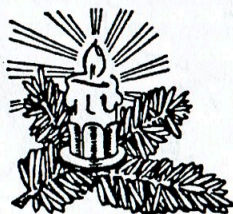
Na Espanha, o costume de um fogo de alegria nesta época do ano parece ser quase desconhecido. No entanto, assinala-se uma grande «fogata» que tem lugar na véspera de Natal em Gazeo, na província de Alava.

Em Portugal os habitantes têm o costume, em certas regiões septentrionais, de prender aos ramos das árvores diversas figurinhas a anunciar o Natal. São depois queimadas diante da igreja da aldeia. Na província do Douro, mais ao sul, é tradição queimar uma árvore inteira no fogão da cozinha. Nas províncias das Beiras (Beira Alta e Beira Baixa), onde se cantam as *Janeiras* (cantos de Natal), a árvore é queimada na praça da aldeia aos doze toques da meia-noite, e salta-se depois sobre o braseiro que lança as suas chamas na noite.

P. V.

(continuação da pág. 106)

dizia o meu pai, persignando-se. Todos, íamos depois para a mesa.

Oh! A santa reunião à volta da mesa, santa realmente, com a família completa a toda a volta, pacífica e feliz. Em lugar do candeeiro suspenso por um vime que durante todo o ano ilumina com a sua luz, neste dia, refulgem sobre a mesa três candeias; era um mau agoiro que o pavio se dobrasse diante de algum de nós. Em cada ponta, em cima de um prato, havia trigo verde, posto a germinar no dia de Santa Bárbara. Na tripla toalha branca, apareciam, cada um por sua vez, os pratos sacramentais: os caracóis, que cada um tirava da casca com um alfinete comprido; o bacalhau fino e a mugem com azeitonas, a alcachofra, a raíz de cardo, o aipo com molho de pimenta, seguidos de uma travessa de acepipes reservados para esse dia, como o pão cozido no primeiro dia do mês com azeite, passas, bolo de amêndoa, batata doce; depois, no fim de tudo, o grande pão calendal, que nunca se provava antes de, religiosamente, se ter dado a um pobre que passasse, uma quarta parte. A velada, à espera da missa da meia-noite, era longa neste dia; e longamente, à volta do fogo, falava-se dos antepassados e louvavam-se-lhe as acções.

Frédéric MISTRAL

A GRANDE PAUSA CRIADORA

Depois do tempo do Advento vem o ciclo dos doze dias que acompanham o Solstício de inverno.

Segundo uma crença muito antiga a roda solar que gira sem cessar no céu pára para repousar. Assim, as rodas dos homens devem parar igualmente. Nenhum veículo pode rodar nem alguma roca fiar. É preciso terminar todo o trabalho antes do fim do ano e não se pode levar para o ano novo nenhum resto do velho. O fuso deve estar vazio e a área da granja varrida. A roupa não pode ficar pendurada na corda, etc..

Só o indispensável pode ser cumprido durante este período sagrado do ano. A calma volta a esta terra. Todos podem reflectir e reentrar em si mesmos.

Ninguém, durante o ciclo do Solstício de inverno, não deve jurar nem zangar-se. Não se deve bater nas crianças nem abater animais. Numa casa pacífica, todos devem contemplar a realidade que se encontra atrás de cada uma das coisas.

É no ponto mais profundo do ano que deve situar-se a grande pausa criadora, logo que a terra respira de novo. Uma grande calma instala-se na casa, essa grande calma que deve penetrar em cada um de nós ao menos uma vez por ano, se queremos lançar um olhar novo — simultaneamente fiel e lúcido — sobre o mundo.

No decorrer destas doze noites sagradas renascerá a luz que vai iluminar um novo ano. Luz exterior e luz interior. Fogo de acção e chama do sonho.

FOGO DA ALEGRIA NOS NOSSOS CORAÇÕES

Chamas claras e deslumbrantes
A crepitar nas lareiras
Símbolo de ardentes alegrias
Dos nossos corações adolescentes.

Cintila, cintila
Sempre, no campo, cintila
Com alegria cintila,
Em nossos corações, Fogo da alegria.

Chamas rubras e douradas
Luminosas na noite
Doces alegrias inesperadas
Radiosas na desgraça.

Chamas puras e ascendentes
Que vos perdeis nos céus
Onde alegrias exaltantes
Correm ao seu encontro.

A DECORAÇÃO DA CASA

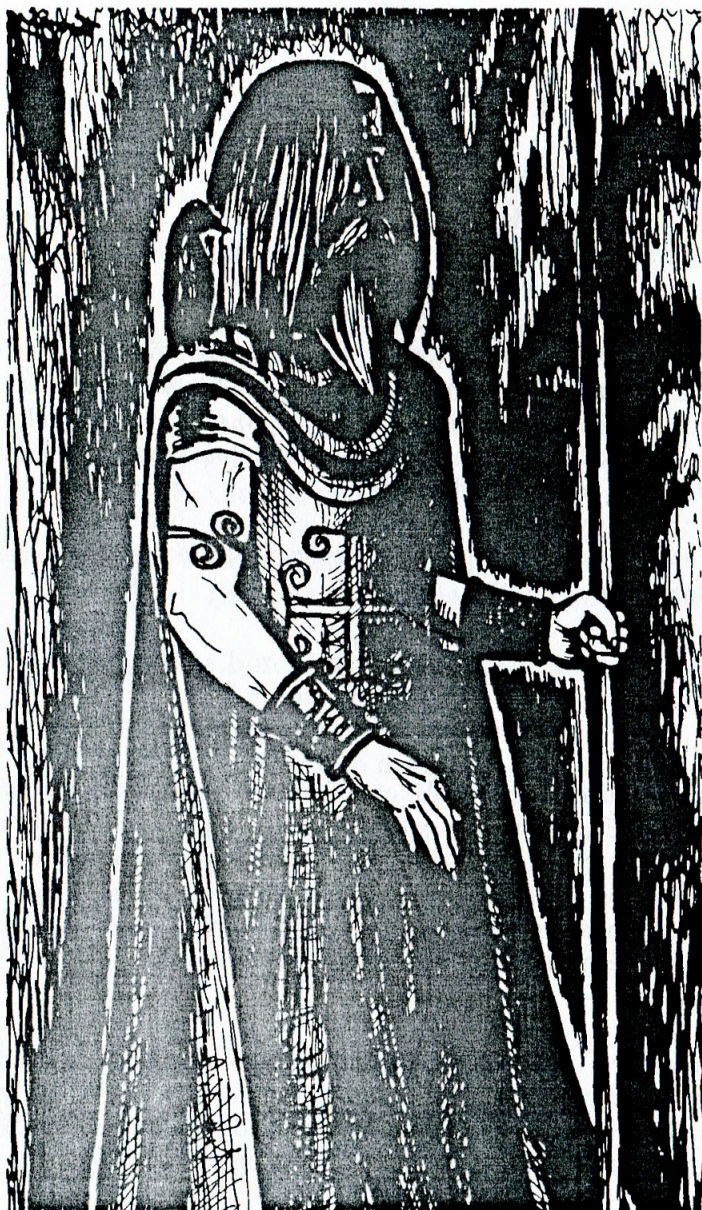
Na festa do Solstício de inverno que é, antes de tudo, uma festa familiar, a decoração da casa reveste-se de particular importância.

O azevinho

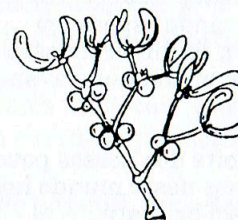
Presos no tecto, suspensos das paredes, dispostos sobre os móveis, os ramos trazem ao lar a presença viva da natureza. Convém escolher espécies que não morram durante o inverno: visco, abeto e, sobretudo, azevinho. As suas folhas luzidias e as bagas vermelhas são a decoração mais característica do período das festas.

Toda esta verdura simboliza a permanência da vida, apesar do assalto da estação má.

Coroas e grinaldas serão atadas com fitas de papel dourado, ou em seda de cor viva. É necessário respeitar a harmonia e limitar a dois o número de cores. O vermelho e o amarelo evocam o fogo e o sol. São também estas as cores da Normandia e da Ocitânia. Não esquecer que cada província tem as suas: branco e negro, a Bretanha. Negro e amarelo, a Flandres. Vermelho e branco, a Alsácia. Azul e amarelo, a Ilha da França, etc..

Para decorar a casa num quadro rústico, é possível confeccionar com achas pequenas de bétula runas inspiradas nas letras do «alfabeto» ou «futhark» germânico. Colocadas num fundo de verdura, podem dispôr-se também as doze runas dos meses, homólogas nórdicas dos signos do Zodíaco.

As folhagens podem, igualmente, ser levantadas por meio de objectos pequenos de palha entrançada e amarrada com fitas vermelhas à maneira sueca. Encontrar-se-á, desta maneira, a «trindade» dos animais sagrados indo-europeus, o cavalo, o javali e o bode.

O visco

Uma bola grande de visco decora a porta da casa, no exterior. Pode suspender-se por meio de fitas vermelhas, tentando dispor uma iluminação na sua proximidade ou, melhor ainda, atrás do visco. Pode também pendurar-se o visco no interior, num lustre, numa trave. Deve ser queimado no fogo, geralmente depois da última vigília do ciclo de doze dias, ou seja, na festa dos Reis.

Porquê esta honra prestada a um parasita vegetal? Procurámos a razão: na mitologia nórdica, o jovem deus Balder, deus da luz e da primavera, invulnerável a todos os assaltos, é morto entretanto pelo seu irmão cego que o atinge com uma vara de visco, ignorando que somente esta planta o podia ferir. Mas Balder será vingado e, depois da vitória provisória das sombras, inverno na claridade do dia, a primavera voltará e triunfará do frio e da morte.

O abeto

A tradicional árvore de Natal parece ser de importação relativamente recente na França. Originária dos países germânicos, remonta à antiguidade pagã na Alsácia (J. Lefftz, *Elsässische Dorfbilder*, Woerth, 1960). Foi introduzida na França «interior» depois da guerra de 1870 pelos refugiados alsacianos. Muitas províncias francesas não a adoptaram senão depois da última guerra. Mas acabou por impôr-se hoje em todos

Sonhas com um sol hoje desaparecido
Símbolo de vida, de eterno retorno.
Encurtaram os dias, o inverno chegou,
Mas no teu coração, sempre ficará a brilhar.

Na noite mais longa entraste na tua casa
A acender a coroa e preparar o fogo.
Vai começar uma longa velada
Com teus irmãos, irmãs, amigos, avós.

Sobre a mesa enfeitada há já três velas
Para os que estão longe, mortos, crianças a chegar.
O rito solsticial vai renovar-se
Em memória do passado, por um grande porvir.

Celebraram-se os nossos antepassados desde milénios
Esta noite consagrada à grande esperança
De um sol que regressará a iluminar a nossa terra
Um pouco mais cada dia, à medida que avançam as estações.

Temos de juntar-nos na noite dos nossos povos
Para mais nos fortalecermos neste mundo hostil.
Amanhã, já o sabemos, o sol brilhará
No fundo das nossas florestas, no coração das nossas cidades.

É na obscuridade, durante esta pausa
Que podemos forjar as armas de que necessitamos
Para o triunfo das nossas ideias, da nossa causa,
E oferecer à Europa um amanhã melhor.

À volta desta mesa, homens e mulheres livres,
Vêm recordar e reencontrar os seus Deuses.
Sente-se a alma que vibra através dos nossos cantos,
A alma da linhagem, a dos nossos avós.

Nesta noite portadora de grande promessa,
A nossa longa memória nos manterá firmes.
Porque, se Dionísio nos trouxe embriaguês,
Também sabemos que Apolo regressará.

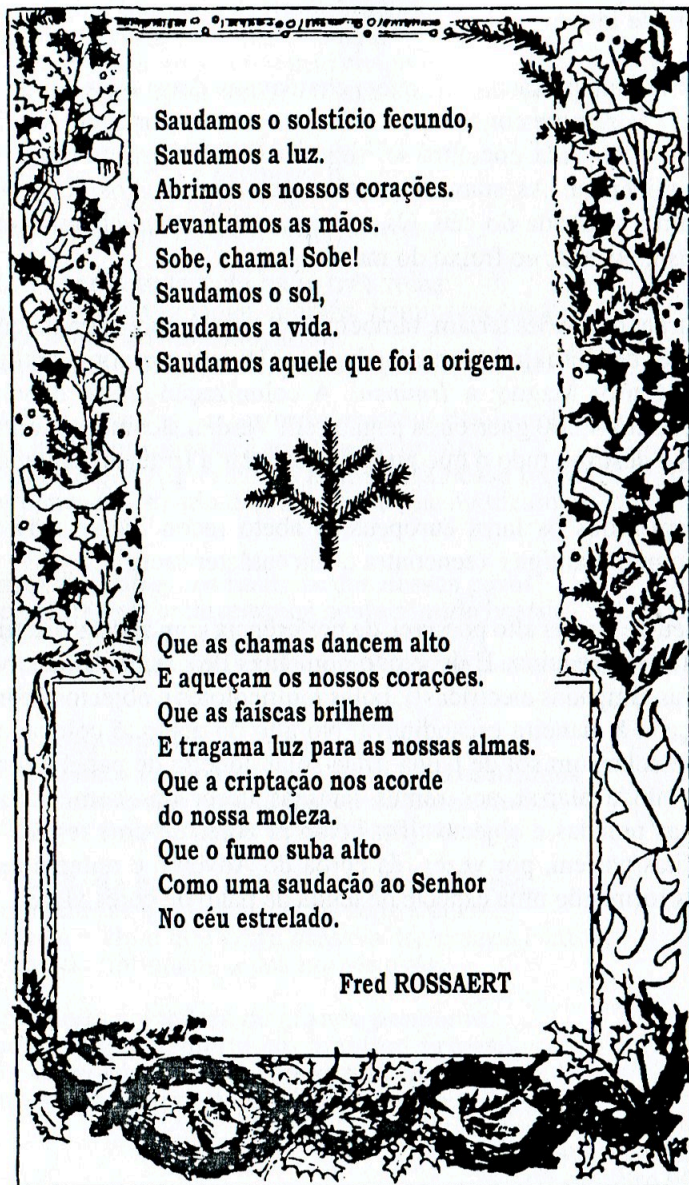
Robert PAGAN
(Dezembro 90)

os lares e constitui um dos símbolos populares mais representativos do Solstício de inverno.

Os nossos antepassados – que «chamavam deus ao segredo dos bosques» – sempre concederam à floresta uma importância religiosa. Na origem da vida encontra-se, segundo a mitologia nórdica, uma árvore poderosa. As suas raízes abraçam a terra e os seus ramos suportam a abóbada do céu. Os velhos escandinavos chamavam-lhe *Yggdrasil*, ou seja, «o freixo do mundo».

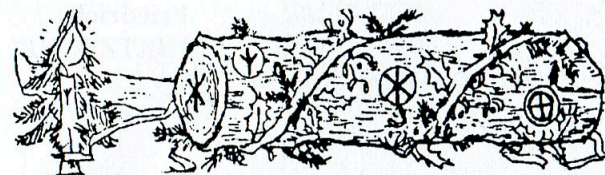
Mais tarde, os saxões teriam, também eles, uma árvore sagrada que os guerreiros de Witukind (o menino branco) levantaram como antítese à cruz de Carlos Magno: a *Irminsul*. A colonização cristã, depois do massacre dos 4.500 guerreiros pagãos em Verden, acometeu contra as árvores e destruiu tudo o que pudesse recordar a Irminsul sagrada.

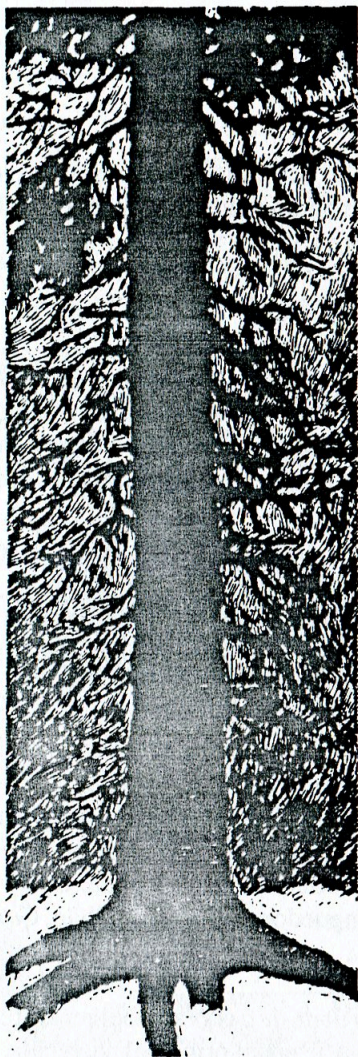
Hoje, em todos os lares europeus, o abeto reconcilia-se com uma tradição muito antiga e reencontra o seu carácter sacro.

Escolheu-se o mais alto possível, de preferência com as raízes, a fim de o plantar em seguida. É decorado com fitas de cor, grinaldas, velas (evitar as lâmpadas eléctricas!), bolas multicolores e objectos de palha entrançada à maneira escandinava. No alto do abeto, é colocado um símbolo solar: um sol de palha, roda solar coberta de papel dourado. Podem ainda atar-se aos ramos laranjas decoradas com cravinho, pequenas prendas e objectos, fitas com as cores de uma região, etc.. Estas fitas partem, por vezes, da coroa do Advento e reunem-se nas paredes formando uma espécie de tenda de pano de cores vivas.

POR UMA VELADA FAMILIAR DO SOLSTÍCIO DE INVERNO

O quadro normal da celebração do Solstício de inverno é o da célula familiar (que, hoje em dia, se tem muita tendência a esquecer). A festa deve ter lugar em 24 de Dezembro à noite.

A fogueira

A peça mestra da decoração do lar é a fogueira. Vamos encontrá-la na maior parte das províncias europeias. Chamada *Yul-Clog* na Inglaterra, tem, passada a Mancha, os nomes mais diversos. Na Normandia chama--se, curiosamente, *Trefouet*, visto que deve arder durante três dias.

Entre outros, são estes os nomes da fogueira: *Terfou* em Anjou e *Terfol* no Maine, *Kerstblock* na Flandres, *Choque* na Picardia e *Coque* em Champagne, *Hocke* na Lorena, *Holtzklotz* na Alsácia, *Souche* na Borgonha, *Tronche* em Franche-Comté e na Sabóia, *Kef an Nedelek* na Bretanha, *Nadalenco* na Guiana, *Catsaou* na Gasconha, *Calignaou* na Provença, *Turro de Nadal* no Languedoc, *Tio* no Rossilhão, *Cachafuec* em Nice, *Cippo* na Córsega, etc..

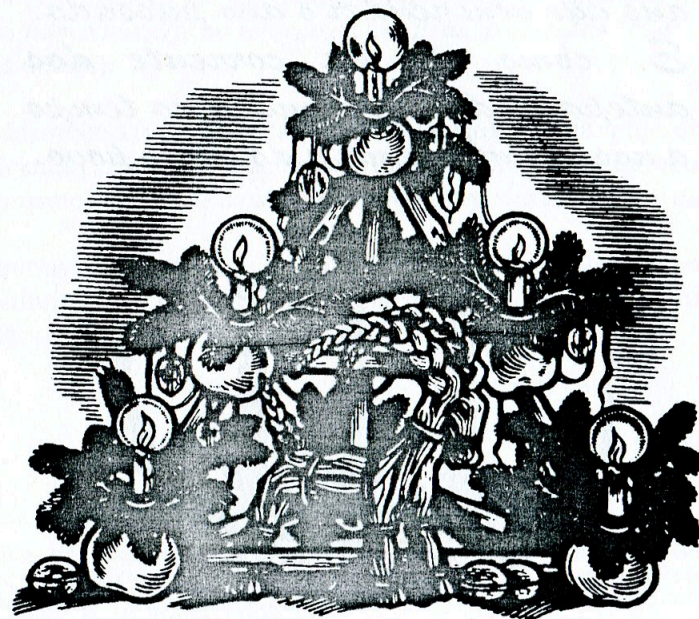
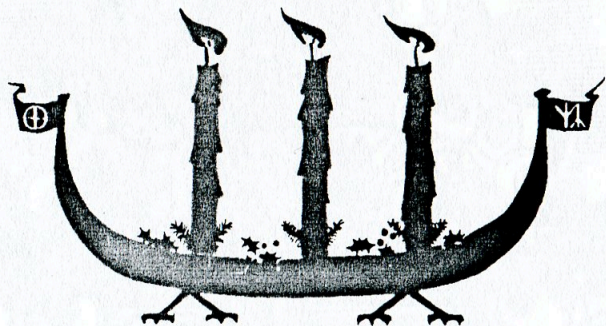
Na noite do solstício de inverno o dono da casa vai escolher entre a lenha o pedaço de madeira destinado a este papel principal na velada. A acha é decorada a seguir pela mulher com folhas de azevinho, de visco e de abeto e rodeado de fitas de cor.

Silencioso
céu de inverno
bordado
a neve.
Cabeça
branca
de olhos
alvos
sobre mim.
Oh!
divino
símbolo
da minha alma
e da minha
coragem.

Friedrich
NIETZSCHE

Podem gravar-se nesta acha divisas, signos ou runas em intenções particulares. Quando o fogo arder, os pensamentos e os desejos de toda a família serão assim consumidos e sublimados.

Precisamente antes de ser colocada na lareira, a acha deve ser regada com aguardente pela criança mais pequena da casa.

A mais velha das crianças coloca a acha sobre uma base cuidadosamente preparada com papel amarrotado, raminhos e gravetos. Deve em seguida atear o fogo com um tição proveniente do Solstício de verão precedente.

E dizer, então:
– *Que esta chama vinda do dia mais longo do ano nos ilumine durante a noite mais longa. Que, com ela, o sol volte à nossa casa.*

Assim o dia se segue ao dia para lá da noite sombria, o sol reaparece depois da obscuridade, a primavera regressa apesar do inverno gelado. Assim, corajosamente, devemos acolher o ano que vem render o ano passado. E, como elo na corrente dos antepassados, prolongar no tempo a nossa linhagem e a do nosso povo.

As três velas

Enquanto o fogo arde na chaminé vigiado pelo dono da casa, toda a família se reune em redor da mesa familiar e toma assento no lugar que lhe for designado pela dona da casa.

Convém então acender as velas simbólicas desta velada.

O pai acende primeiro uma vela vermelha, dizendo:
– *Acendo esta chama em recordação de todos os mortos da família que nos precederam nesta terra e sem os quais não seríamos o que somos. Principalmente...* (citar aqui, por exemplo, os defuntos do ano que termina).

A mãe acende a seguir uma vela azul e diz:
– *Acendo esta chama em testemunho de fidelidade a todos os familiares e amigos ausentes que não podem estar connosco esta noite mas que partilham a nossa fé no retorno da luz. Principalmente...* (citar aqui alguns nomes).

O mais velho da assembleia acende finalmente uma vela verde, dizendo:
– *Acendo esta chama na esperança de todas as crianças que nascerem na nossa comunidade e que perpetuarão, por sua vez, o fogo do sol*[1].

As outras velas que iluminam a mesa familiar e que devem, se possível, substituir toda e qualquer iluminação eléctrica, são todas brancas ou, melhor ainda, da cor da cera [2].

---

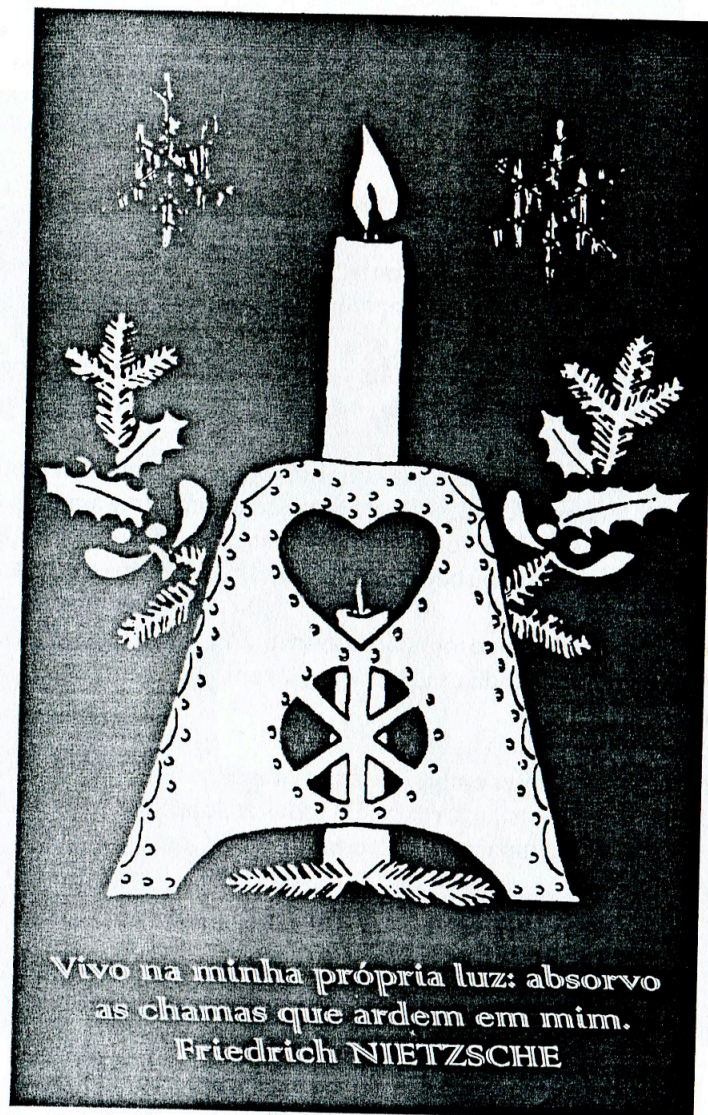
(1) Estas três velas simbólicas dos parentes desaparecidos, dos amigos ausentes e das crianças por nascer devem encontrar-se no mesmo castiçal, de preferência em ferro. Estes castiçais existem na forma de *drakkars*, fabricados por artistas locais da Normandia (ver desenho na pág. anterior).
(2) Para a confecção familiar das velas, ver indicações na pág. 94.

As prendas

Uma vez as três velas acesas, cada um pode desembrulhar a prenda que está sobre o seu guardanapo. Não se trata aqui dos presentes clássicos que é costume dar às crianças e aos adultos no dia 25. Nesta noite do Solstício de inverno não devem oferecer-se senão objectos simbólicos.

Cada uma das crianças deve receber o seguinte:
– Um pão pequeno, se possível redondo e em forma de roda solar.
– Um objecto em madeira: copo ou taça, argola de guardanapo, castiçal, etc., inspirados no artesanato popular, com motivos pirogravados ou pintados.
– Um objecto de ferro para os rapazes: faca, fivela de cinto, porta-chaves (com *drakkar* e roda solar, emblema heráldico, reprodução de velhos sinetes, etc.).
– Um objecto de fio para as raparigas: fitas ornamentadas com motivos folklóricos, lenços, avental, objectos de costura com porta-agulhas, etc..
Todos estes objectos deverão ser personalisados ao máximo. Pode mesmo terem gravados ou bordados os nomes de cada uma das crianças.

O pai e a mãe oferecem-se mutuamente um presente, cuja natureza é deixada à discreção de cada um, mas que devem inscrever-se no quadro desta festa.

Os presentes devem ser embrulhados em papel com motivos alusivos à época, que se encontram à venda em todas as lojas. Serão atados com fitas de cor e terão uma etiqueta com o nome de cada um.

A torre de Jul

Depois da descoberta por cada um do seu presente, vem o momento solene da iluminação da «torre de Jul».

É um candelabro de terracota muito rústico que é utilizado como castiçal unicamente na velada do Solstício de inverno. Esta tradição poderia comparar-se à do costume inglês da *Yule-Candle*, de tamanho extraordinário, que deve arder durante as doze noites do Solstício de inverno.

O modelo original da torre de Jul foi descoberto no século passado na província de Halland na Suécia, e vários museus do folklore sueco possuem exemplares. Nos nossos dias, as torres de Jul, inspiradas no modelo nórdico original, são executadas por artesãos oleiros.

A torre de Jul tem quatro faces, cada uma decorada com um coração sobre a runa de Hagal (runa da Vida e runa da Morte ligadas em conjunto, imagem de um sol de seis raios, símbolo do ano que começa, como do que acaba). Estes motivos decorativos abertos permitem ver uma vela colocada no interior da torre de Jul e que simboliza o ano que vai nascer no próprio coração do que termina. Esta vela deve estar apagada até à meia-noite.

No cimo do candelabro há uma cavidade que suporta uma vela já consumida em parte e que não deve durar mais que o tempo da velada.

O dono da casa acende-a antes do início da ceia dizendo:
— *Acendo esta última chama do ano que termina. Que ilumine com a sua luz e a sua alegria a velada do Solstício de inverno do ano...* (o milésimo) *entre todos os membros da família...* (nome da família).

RECEITA DO «GLOEGG» SUECO

A palavra «glögg» é a contracção da expressão «glödgad dryck» que significa em sueco «bebida incandescente», simultaneamente brilhante pela temperatura a que deve ser consumida e rubra pela coloração que lhe dá o vinho tinto.

Ingredientes:
– 1 litro de vinho tinto
– 1 cálice de aguardente
– 100 gr. de passas
– 100 gr. de amêndoas piladas
– uma pitada de noz moscada
– 3 figos secos
– 3 pés de cravinho
– 2 paus de canela
– 1 casca de laranja de compota
– um pouco de gengibre (facultativo)
– 250 gr. de açúcar.

Pôr a noz moscada, o cravinho, a canela, a casca de laranja e o gengibre num pano e fazer macerar tudo no vinho tinto. Juntar as uvas-passas e o açúcar directamente ao vinho.

Deixar repousar durante seis horas. Tirar então o pano e verter o conteúdo no vinho. Juntar a aguardente e aquecer ao lume até entrar em ebulição. Servir a ferver, juntando um pouco de figo e amêndoas em cada copo.

Para obter um «glögg» mais encorpado, pode substituir-se o vinho por conhaque.

A ceia

As festas através das quais queremos marcar a nossa vontade de nos religarmos aos nossos antepassados e de transmitir a sua herança aos descendentes são festas religiosas... Nunca poderão transformar-se em festivais gastronómicos.

Mas não há que recear, entretanto, no Solstício de inverno, os alimentos ricos, variados e tonificantes. Não faremos aqui nada mais que não seja imitar os nossos antepassados. A riqueza dos pratos, na origem, justificava-se pelo cuidado dietético de acumular o máximo de calorias nesta época do ano, em que a natureza pouco dispensa.

Animada e saborosa, a ceia do Solstício de inverno pode variar segundo as regiões. Mas alguns pratos e certas bebidas são tradicionais e, portanto, há que respeitar esses usos da mesma forma que os outros.

Convém, em todo o caso, propor uma ementa-tipo cuja qualidade só reforçará o simbolismo.

Durante esta ceia, é necessário que toda a família faça, segundo o uso antigo, os três brindes aos deuses escandinavos a Thor, a Freya e a Odin.

É da tradição comer ostras na noite de Natal. A nossa ceia de Jul não se concebe sem produtos vindos do mar, verdadeiro «berço» da civilização dos atlantes, dos vikings e dos conquistadores. As ostras furadas (portuguesas) não são as mais caras nem, sobretudo, as menos boas. Podem também comer-se ouriços do mar no Midi ou mariscos no Norte.

Depois desta entrada... marinha, à mesa familiar chega o primeiro brinde:
- Bebamos à saúde do deus Thor! Que ele nos dê força nos nossos combates.

Pode começar a festa do porco! A chouriça branca aparece para anunciar o prato de carne. Não é necessário evitar o perú e ainda menos a galinha,

RECEITA DO «PUDDING» INGLÊS

– 1/2 libra de uvas-passas cortadas em bocados pequenos
– 1/2 libra de uvas de Esmirna
– 1/4 libra de casca de laranja e de limão em compota, muito finas
– 1/4 libra de figos cortados em bocados pequenos
– 1/2 libra de gordura de boi cortada em pedaços
– 4 chávenas de pão ralado fino
– 1/2 chávena de farinha
– 1/2 colher de café de canela em pó
– 1/4 de colher de café de cravinhos
– 1/2 colher de café de sal
– 1/2 chávena de açúcar mascavado
– 1 chávena de cidra ou sumo de fruta
– 6 ovos

Misturar os frutos em conjunto e juntar-lhe a gordura, o pão ralado e a farinha. Polvilhar as especiarias e o sal. Adicionar o açúcar, o sumo de fruta e os ovos batidos. Encher a forma de pudim até cerca de 2/3 e tapa-la com papel embebido em azeite. Deixar cozer em estufa durante 5 ou 6 horas.

Este pudim é servido com um molho de Natal cujos ingredientes são: 2 gemas de ovo, 1/2 chávena de creme batido e 1 chávena de açúcar de pasteleiro.

Bater as gemas, juntar o açúcar, bater de novo até que toda a massa se torne homogénea. Enrolar tudo no creme batido e juntar-lhe depois licor de cereja ou rum, ou ainda baunilha e noz moscada.

mesmo com molho de vinho... Na noite do Solstício de inverno é necessário comer carne de porco!

A escolha põe-se entre o porco selvagem (javali novo, de preferência) e o porco doméstico (leitão). A melhor solução é assar o animal inteiro. Recheado, deve ser acompanhado com puré de castanha, puré de batata e puré de maçã (de preferência, do Canadá).

Depois de ter sacrificado assim à velha tradição do porco, faz-se então o segundo brinde:
– Bebamos à saúde da deusa Freya! Que ela traga fecundidade aos nossos trabalhos.

A ceia prossegue com uma salada de inverno: beterrabas vermelhas, endivas, nozes, fatias finas de maçã, tudo temperado com sumo de limão e creme. Juntam-se ainda pedacinhos de queijo da região ou queijo gordo sazonal. As maçãs e as nozes fizeram sempre parte da ementa do Solstício de inverno desde a mais alta antiguidade: no interior destes frutos esconde-se o nó da vida que continua...

Vem então o momento de fazer o terceiro e último brinde:
– Bebamos à saúde do deus Odin! Que ele nos traga sabedoria nas nossas empresas.

É o momento de chegarem as sobremesas, tão esperadas pelas crianças. O êxito do doce de Jul é o grande problema de uma dona de casa. O clássico «rolo» à base de castanhas e de chocolate não sofreu senão um aperfeiçoamento, mas continua a ter os seus apreciadores. Quanto aos doces com base nos frutos mais diversos (maçãs e nozes, castanhas e nozes, maçãs e limão), requerem esforços vivos de imaginação. Podem ser servidos sob a forma de tartes, ou com entremeios quentes ou gelados. A tradição britânica do «pudding», muito viva no país de Mr. Pickwick, tende cada vez mais a franquear a Mancha.

O repasto terminou. Nada mais resta que ficar a «debicar»... É o momento das tangerinas, dos frutos secos e da pastelaria miúda. Uma cozinheira

RECEITA DO «FEUERZANGENBOWLE» ALEMÃO

Ingredientes para seis a dez pessoas:
– 2 garrafas de vinho tinto
– 3 decilitros de rum
– sumo de 1 limão
– 1 pão de açúcar de 250 gr.

Verter as duas garrafas de vinho numa caçarola grande (ou, melhor ainda, numa cuba pequena de «Feuerzangenbowle», como as que se encontram na Alemanha) e levar ao lume. Deve evitar-se a ebulição, visto que se perde o aroma. Juntar o sumo do limão.

Colocar atravessada no recipiente uma pinça de pão de açúcar ou, na sua falta, um objecto metálico que possa servir de estrado, suficientemente longo para se apoiar nos dois bordos opostos da caçarola e colocar-lhe em cima o pão. Regar o açúcar com o rum pré-aquecido em banho-maria com uma concha de sopa, depois chegar-lhe fogo. Se a chama tender a extinguir-se, regar de novo. Com a última gota, o açúcar deve estar completamente fundido e terá caído na caçarola.

Mexer a bebida e servir quente!

Não convém escolher um vinho tinto muito encorpado nem, sobretudo, doce. Se não conseguir encontrar pão de açúcar, pode utilizar a mesma quantidade de açúcar em pedaços.

Atenção: é a qualidade do rum empregado que condiciona o sabor do «Feuerzangenbowle».

hábil deve, no Solstício de inverno, apresentar bolinhos muito simples, à base de leite, de manteiga e de açúcar. Alguns têm formas tradicionais: a do cavalo, do bode ou do javali. O mais curioso dos bolinhos de Jul é representado por três lebres em círculo que se mordem nas orelhas e que, pelos seus saltos, sugerem o curso do ano sob a grande rotação da roda solar.

Quanto à bebida, embora o hábito francês das misturas de vinhos se vá atenuando, pode muito bem consistir num vinho único, servido desde o princípio até ao fim da refeição. A tradição regional desempenha neste domínio um papel quase determinante. Pode igualmente beber-se, durante este repasto, chá diluído ou vinho quente.

A bebida raínha do Solstício de inverno é, no entanto, o «glögg» vindo da Suécia («gloegg» na Inglaterra), que desce do grande Norte para aquecer, nesta noite única, as gargantas mais exigentes.

Na Alemanha do norte bebe-se, na noite de 31 de Dezembro, antes da meia-noite, uma mistura açucarada de rum e vinho quente, o «Feuerzangenbowle» (a que os ingleses chamam «Krambambuli» ou «poção dos druídas»).

A velada

Terminada a ceia, a família reune-se à volta do fogo. A velada, propriamente dita, começa. Deve ser relativamente curta, pois que termina pouco antes da meia-noite.

De qualquer maneira, é preferível que as crianças possam assistir até ao fim; não deverão ficar com a impressão de que algo continua depois da hora de irem para a cama...

Durante esta velada, cada um pode lançar no fogo casca de árvores gravadas, geralmente com runas. Este gesto tem o significado de um voto e pode também comparar-se ao salto sobre o fogo no Solstício de verão, altura em que é costume pronunciar um desejo ou um desafio ao pular sobre as chamas.

O uso em certas regiões é de atiçar vigorosamente o fogo durante a velada. Na Borgonha existe mesmo uma cantilena que deve acompanhar este gesto, proferida pelo avô:
– *Evéyé, evéyé, eveyons autant de gerbes que de gerbeillons* (quanto mais as achas produzirem faúlhas, ou centelhas, mais molhos de cereais haverá nas colheitas) [1].

Noutras tradições, pelo contrário, recomenda-se não tocar no fogo durante toda a velada. Em certas regiões, nomeadamente em Tricastin, no Delfinato, o chefe de família verte vinho sobre a fogueira incandescente e diz:
– *Catcho-fio métèn, catcho-fio lévèn. Sé l'an que vin sian pas maï, fugèn pas mèn* («Põe a acha, tira a acha. Se no ano que vem não formos mais numerosos, que não sejamos menos numerosos»).

Durante a velada, qualquer um pode contar histórias.

(1) Não é possível traduzir esta frase, visto que se perderia o sentido e a rima originais. Preferimos deixá-la assim mesmo (N.T.).

Inverno, cor das velhas migrações celestes

SAINT-JOHN PERSE

Existem numerosos livros de contos e lendas, geralmente agrupados por região. Quanto mais curtos forem os contos, melhor podem ser retidos e compreendidos por todos.

Pode ler-se, igualmente, este texto:

Estamos reunidos esta noite, à volta deste fogo, nesta casa quente de janelas bem fechadas, como numa cidadela cercada por inimigos poderosos.

Impelidos por um receio, mas também por uma esperança, vindos os dois do fundo dos tempos, herdeiros dos nossos longínquos antepassados, sentamo-nos à volta destas chamas, símbolos da vida.

Sol, desde os dias radiosos do verão, regularmente foste declinando, atingido por uma fraqueza estranha, cada vez menos quente, cada vez menos brilhante, em cada dia recuaste um pouco mais diante da noite, diante do frio, diante da morte. A seiva retirou-se das árvores, as flores e as folhas murcharam, queimadas pelo gelo.

Mas nos sulcos cobertos pela neve, o trigo novo não está senão adormecido. O que parece morto hoje, não é senão a vida que dorme.

Sol, tu vais depressa reaparecer no horizonte, lá em baixo, para o sul. Em cada dia mais radioso, mais e mais alto sobre o horizonte, vais subir até ao coração do céu. A tua noite de repouso terá sido breve, recomeçarás amanhã a tua obra de vida e de fecundidade.

A tua noite de repouso! Esta noite única, noite mais longa que o dia, noite total para alguns, noite gelada, noite de gelo e de geada, noite de Jul, no mais escuro do inverno, durante a qual as tempestades geladas impedem o crescimento do menor germen de vida.

Noite tão misteriosa, apelo tão misterioso que, desde há séculos, homens se unem, como estamos aqui esta noite, à volta de um fogo, para a celebrar.

A CHAMA

Este fogo resume uma tradição viva. Não uma imagem vaga, mas uma realidade. Uma realidade tão tangível como a dureza desta pedra ou o sopro do vento. O símbolo do Solstício é que a vida não pode morrer. Os nossos antepassados acreditavam que o sol não abandona os homens e que volta todos os anos ao encontro da primavera.

Cremos, como eles, que a vida não morre e que, para lá da morte dos indivíduos, a vida colectiva continua.

Que importa o que será amanhã. É levantando-nos hoje, afirmando que queremos permanecer como somos, que o amanhã pode vir.

Levamos em nós a chama. A chama pura deste fogo de fé. Não um fogo de lembrança. Não um fogo de piedade filial. Um fogo de alegria e de intensidade que temos que acender sobre a nossa terra. Lá queremos viver e cumprir o nosso dever como homens, sem renegar nenhuma das particularidades do nosso sangue, da nossa história, da nossa fé, amalgamadas nas nossas recordações e nas nossas veias...

Tudo isto não é a ressurreição de um rito abolido. É a continuação de uma grande tradição. De uma tradição que mergulha as suas raízes no mais profundo das idades e que não quer desaparecer. Uma tradição em que, cada modificação, só deve reforçar o sentido simbólico. Uma tradição que a pouco e pouco revive.

Jean MABIRE

Para te celebrar, Jul! Festa da morte e da vida que renasce. Festa da morte do sol e da sua vitória. Festa do fim e do princípio de um ano. Festa da vida imutável na sua perpétua transformação. Festa da roda solar.

Jul, festa dos mortos, dos antepassados, em quem pensamos esta noite. Festa das crianças, das nossas crianças, a quem transmitimos, elos de uma longa cadeia, a chama que nos transmitiram os nossos avós.

Compreendendo a sua significação, orientando as nossas vidas no sentido do grande rio da Vida eterna, iluminamos a chama de Jul e que o seu cla-rão resplandeça nos olhos das crianças, nos olhos dos que sabem recor-dar-se que já foram crianças e que podem, por uma noite, voltar a sê-lo.

Assim, a acha inflama a acha, até que sejam consumidas. O fogo alimenta-se de fogo.

Assim, o dia segue-se ao dia, para lá da sombra da noite, o sol reaparece destruindo a obscuridade, a primavera regressa apesar do inverno gelado.

Assim devemos nós acolher alegremente o ano que vem substituir o ano que passou e, como elo na cadeia dos nossos avós, prolongar no tempo a nossa linhagem e a do nosso povo.

À meia-noite, o chefe da família retira a vela que arde no topo da torre de Jul e serve-se dela para acender a vela que se encontra no interior deste candelabro colocado no lugar de honra da casa.

E diz então:
– *Um ano morre. Um ano começa. Assim se encadeia o ciclo da vida sobre esta terra. Amanhã, o dia será mais longo e a noite mais curta. Amanhã o sol tornará a vir para honrar a sua promessa. Que a luz desta chama do novo ano brilhe nesta casa e nos nossos corações como uma imagem do sol que não morre; como um símbolo da marcha do mundo que continua, sob a grande roda das estações.*

J.M.

«Sou filho de rei». Isto significa: «Sou filho de um temperamento intrépido e generoso, estranho às sugestões ordinárias dos mortais comuns. Os meus gostos não são os da moda; sinto por mim mesmo e não amo ou odeio a partir das indicações do jornal. A independência do meu espírito, a liberdade mais absoluta nas minhas opiniões são privilégios inabaláveis da mais nobre origem...»

Arthur de GOBINEAU

OS REIS E O ENCERRAMENTO DO CICLO DE JUL

No duodécimo dia do ciclo do Solstício de inverno vem a festa dos Reis. A despeito da sua coroa, esta festa é mais solar que monárquica, e mais pagã que cristã, apesar da lenda dos Magos orientais.

Entre 25 de Dezembro e 6 de Janeiro, as famílias visitam-se. Admira-se a decoração da casa, compara-se o visco, o azevinho e o abeto, encontram-se sob a coroa do Advento que brilha com as suas quatro velas em cada noite.

Agora as noites são um pouco mais curtas. O ano novo chegou. Retoma-se o trabalho. Antes de deixar durante doze meses o mundo encantador e encantado das «festas» da grande passagem da estação má, convém reencontrar parentes e amigos durante uma grande refeição tomada em comum.

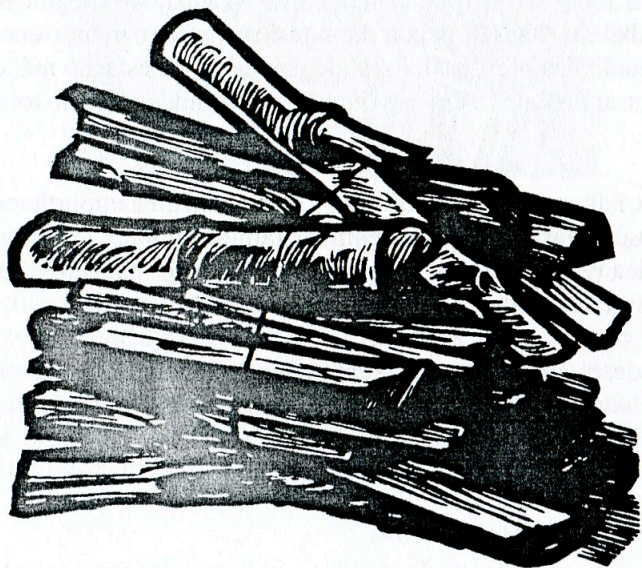
Outrora, nas nossas zonas rurais, os Reis tinham uma importância maior ainda que o Natal. Nesse dia, entre as famílias pobres, comia-se carne pela única vez no ano e o serviçal tinha uma licença para passar algumas horas com a família.

O povo deseja um chefe que assuma a função soberana. Os seus súbditos exigem somente, segundo um costume ancestral, e desde que o seu poder não seja efémero, que o seu chefe seja designado pelo acaso.

É o rei.

O rei de uma noite, o «rei dos feijões», pois que alcança a sua soberania na fava dissimulada num bolo.

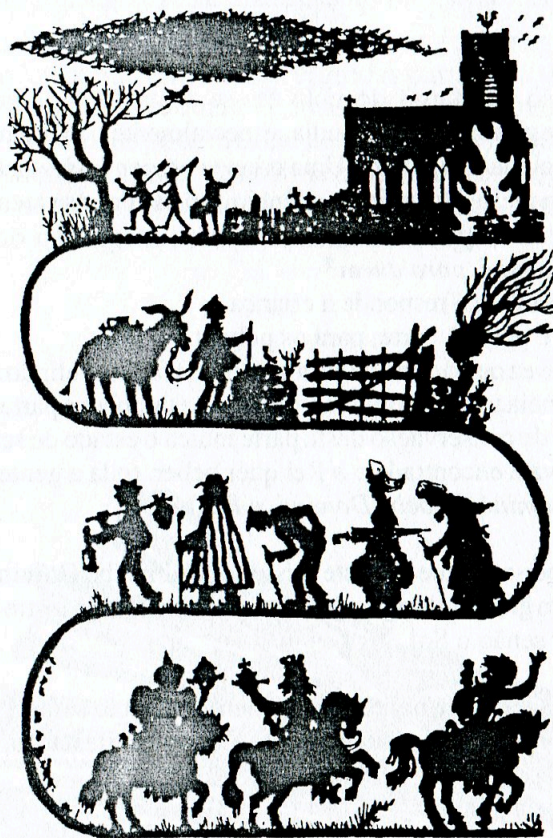
... Penso em grandes homens, em grandes épocas, recordo como se expandiram como fogo sagrado, transformando em chamas erguidas para o céu tudo o que o mundo produzia de madeira morta e palha. O que os homens podem dizer uns aos outros não é mais que madeira a arder que não se transforma em fogo, se este não for possuído de novo pelo fogo sagrado, como na origem nasceu da vida e do fogo.

HÖLDERLIN

A festa dos Reis reune, muitas vezes, uma vasta mesa. A família encontra-se então entendida no seu sentido mais largo. Por vezes mesmo, os Reis reunem os habitantes de uma aldeia, os membros de um coral ou grupo folklórico, os «velhos» de cabelos brancos ou ainda os «conscritos» do ano.

A distribuição das fatias do bolo faz-se segundo ritos que variam segundo as regiões. Na Normandia, especialmente no Cotentin, existe um costume ainda muito vivo. Uma criança «esconde-se», isto é, mete-se debaixo da mesa. No meio do silêncio, o dono da casa toca com uma faca ou um garfo a primeira fatia, dizendo:
– *Phoebé Dominé, para quem?*
– *Para o bom Deus*, responde a criança.
Este bocado é posto à parte, para os pobres.
Depois, cada vez que o dono da casa toca numa fatia repetindo a fórmula, a criança nomeia um dos convivas. Guarda-se também a parte do ausente, e o estado de conservação desta parte indica o estado de saúde deste. Quando a fava é encontrada e o Rei quer beber, toda a gente exclama:
– *Phoebé Dominé, Phoebé Dominé, o Rei bebe!*

Procurou saber-se o que era este misterioso «Phoebé Dominé». Não é preciso ser um grande clérigo para descobrir que este «Mestre Phoebus» não pode ser senão o Sol.

Os Reis ligam-se, pois, muito estreitamente, ao ciclo solar do Solstício de inverno e constituem a sua última e alegre manifestação.

Um outro costume normando ligado aos Reis vem confirmar a ligação entre esta festa e as cerimónias do fogo que marcam os cultos solares do Solstício de inverno e do Solstício de verão.

A tradição é o progresso no passado; o progresso, no futuro, será a tradição.

Édouard HERRIOT

No Bessin (1870) e no Cotentin (1890), na velada da Epifania, os donos, os serviçais e as crianças espalham-se «a montante» dos campos brandindo archotes acesos e cantando esta conjunção pagã:

Adieu Noé, il est passé
Couline-vaulot, guerbe au boissé.

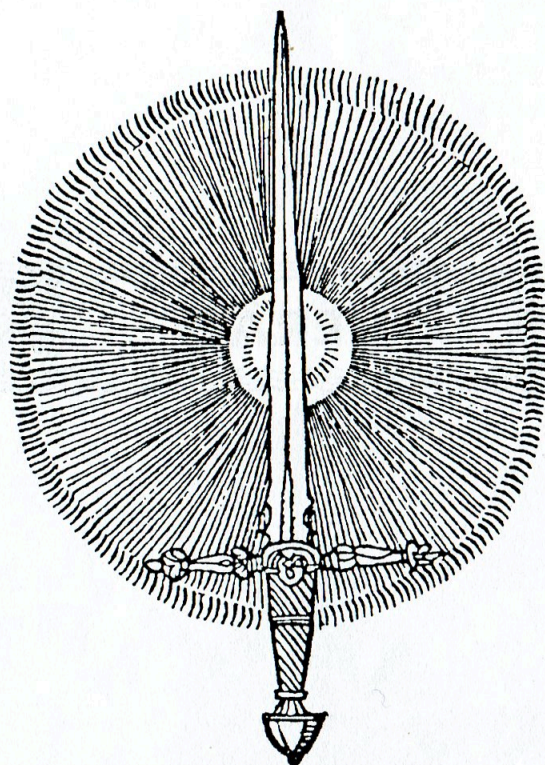
A «couline» é uma tocha de palha presa na ponta de uma vara (vaulot); passa-se ligeiramente sobre a casca das árvores para destruir insectos e líquens.

Depois de todos terem «cantado bem e corrido bem», juntam as tochas para fazerem um fogo de artifício. Depois sentam-se à mesa, e o repasto acaba muito tarde, noite dentro.

A origem «solsticial» da festa dos Reis não é própria só à Normandia. Encontram-se marcas dessa origem, incontestavelmente nórdica, noutras regiões, mesmo na Ocitânia e, com mais incidência, na Provença: em Perthuis, no dia dos Reis, acendia-se uma fogueira em cima de um carro. Enquanto o fogo ardia, o singular veículo era passeado pela cidade, puxado por mulas atreladas duas a duas e guiadas, cada uma, por um condutor. Precediam-no bedéis vestidos de branco, de espada à cinta e com um bastão branco na mão. O carro era seguido pelos «abades da juventude», os magistrados e as pessoas mais qualificadas. As ruas eram iluminadas por uma grande quantidade de «todes», pedaços de mdeira de árvores coníferas, que cada pessoa empunhava. Viam-se em todas as janelas e em todas as portas. A madeira crepitava e no ar pairava o cheiro forte da resina...

Tal era o costume que Millin relata na sua obra *Voyage dans le Midi*.

Em seis meses, encontramos «coulines-vaulots» normandas e os «todes» provençais: são as tochas que brandem, num longo serpentear de fogo, os rapazes e as raparigas que sobem em direcção às nossas colinas sagradas, onde vão acender os fogos do Solstício de verão.

VERÃO

No fogo
se tempera o ferro
e em aço se torna

Henri CONSCIENCE

DO SOLSTÍCIO AO S. JOÃO

Situado entre as sementeiras e as colheitas, o Solstício de verão é a contrapartida estival do Jul. Mas, contrariamente a este último, que tem um carácter de grande intimidade e não é celebrado senão excepcionalmente fora do quadro familiar, o Solstício de verão aparece como a festa comunitária por excelência.

Vindo de uma época em que os trabalhos agrícolas são particularmente absorventes, a festa do dia mais longo do ano não se prolonga durante um ciclo de doze dias como a do Solstício de inverno. Entretanto, entre os franceses de outrora, o ciclo do Solstício de verão estendia-se desde o S. João, 24 de Junho, até ao S. Pedro, 29 de Junho. O que exprime um ditado popular dos Altos Alpes: *S. João traz a lenha e S. Pedro acende-a.*

Jean de Vries pôs em evidência dois aspectos nesta festa. O fogo é, para começar, purificador. Durante os períodos de epidemias, os antigos nórdicos, até um período muito próximo do nosso, tinham o hábito de acender *Nodfyr*, cuja origem pagã foi qualificada como «demoníaca» pelos evangelizadores cristãos. Estes fogos procedem da medicina popular, devem purificar os estábulos, curar o gado e os animais domésticos. Da mesma maneira, no S. João salta-se por cima do fogo e guardam-se brasas que darão protecção contra o raio.

Mas, para lá das virtudes purificadoras da Chama clara, o S. João está ligado ao ritmo das estações. Os fogos que respondem entre si de colina em colina respondem, igualmente, ao fogo do céu. Estão em correlação mágica com o calor do sol, no ponto mais alto da sua trajectória. É uma festa da fecundidade. O salto por cima do fogo pode também ser compreendido neste sentido, porque os namorados querem ter nesse dia um lugar destacado. Lançam-se rodas inflamadas que deslizam pelas encostas das colinas e percorrem os campos. Estas rodas de fogo devem purificar os campos, mas simbolizavam também o curso do sol a fecundar os sulcos das searas que fará amadurecer.

FOGO E FÉ

Há mais de 6.000 anos os nossos antepassados passaram do estado da colheita à da agricultura. Operava-se uma grande revolução na maneira de viver: foi a «revolução neolítica». Os nossos antepassados saíam da vida errante para seguir o ritmo das estações. O sol e o fogo tornavam-se essenciais. Na ocasião do Solstício de inverno, no meio do frio e dos gelos, vemos o sol imobilizar-se no horizonte para voltar a subir no céu: é a festa da esperança!

Depois chega a primavera e o renascimento da vida, que conhece a sua vitória no Solstício de verão, no S. João.

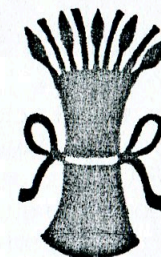
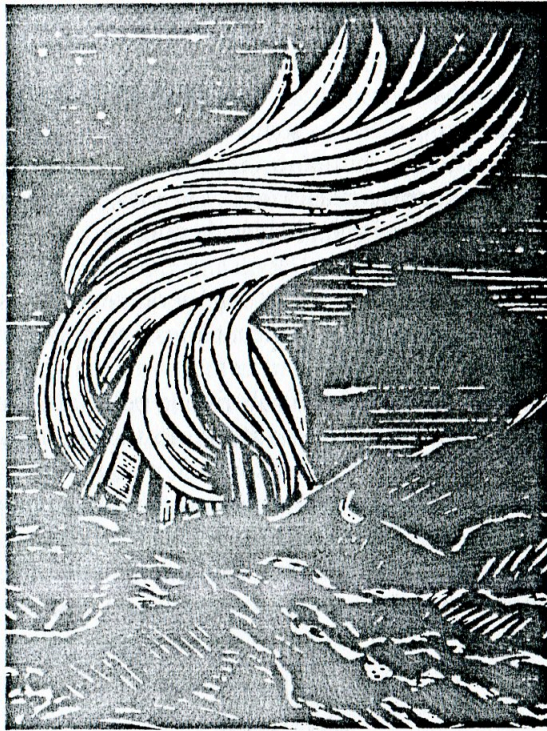
O ouro do trigo responde ao ouro do sol, as searas ondeiam docemente com o sopro benévolo de Balder. Antes do grande sono no inverno, as colheitas encherão os celeiros. O sol está no ponto mais alto da sua viagem. O S. João, a festa de Balder, é a festa da natureza em toda a sua glória, a festa das searas e das colheitas. A natureza está rica, os celeiros estão cheias, os homens e os deuses estão alegres.

Chama da fogueira, luz e calor na noite reaquecem os nossos corações. Nada substituirá estas chamas claras, a madeira que estala, as brasas incandescentes, o fumo que sobe no céu, esta comunhão com o universo inteiro que nos envolve no grande manto da noite. Esta chama clara e a do sol permitiram aos nossos antepassados que se alimentassem e subsistissem. Brilha como a nossa fé. Alma do universo, alma dos nossos antepassados, que vive em nós esta noite!

Georges BERNAGE

O SENTIDO DA FESTA

O homem moderno perdeu o sentido da festa. Arrancado ao seu ambiente geográfico e humano, isolado no meio das cidades «anorgânicas», esqueceu as suas origens e já nada conhece destas festas que puderam produzir as comunidades de outrora.

Em detrimento das tradições ancestrais, geralmente transformadas e justificadas como «folklore», é imposta a festa popular, isto é, a festa artificial, estrangeira. O ritmo regular das festas sazonais que reconduziam o homem ao seu meio natural, foi substituído pelo soluço das músicas exóticas. Os histriões da rádio e da televisão substituíram os grandes cria-dores do passado. São numerosos hoje os que têm que sofrer os divertimentos fictícios que o conformismo ambiente impõe. O sucesso do «folk-song», isto é, do canto popular, explica-se em parte pelo desejo confuso de certa juventude querer escapar ao entontecimento e de se reconciliar com as grandes liturgias colectivas do passado.

Celebrar o Solstício de verão é, antes de tudo, o reatar de uma festa ancestral e várias vezes milenária. Mas não se trata de proceder à maneira dos arqueólogos e dos etnógrafos. Esta celebração não é uma reconstituição. Deve ser viva e alegre, em harmonia com o tempo presente.

Havia as ervas de amor. Havia a carne negra da lebre a fazer o melhor das colinas. Havia a força do fogo. Havia o vinho espesso. A tudo isto se juntava o ar, que se mastigava ao mesmo tempo que a carne — um ar perfumado de narcisos, porque a brisa vinha do campo; o céu, a primavera, o sol que aquecia com insistência as flexibilidades do corpo.

Jean GIONO

Reatar é voltar a encontrar o fio perdido. É voltar às origens da nossa comunidade de cultura e de civilização. A este respeito o Solstício de verão possui um valor exemplar. Durante vários séculos sofreu as consequências da sufocação que o cristianismo lhe quis impôr, para acabar por ser tolerado sob a forma de festa de S. João. No entanto, um pouco por toda a parte, nas terras da Europa, os fogos solsticiais mantêm-se e renascem, testemunhando a dedicação dos nossos povos a uma certa concepção do mundo. A festa solar volta a inserir o homem no seu quadro cósmico. Reatar com esta festa da Europa mais antiga é afirmar a nossa fidelidade à herança ancestral e, através desta, à nossa identidade.

Nesta segunda metade do século XX, o Solstício de verão conserva uma dimensão fundamentalmente comunitária. Continua a ser o momento privilegiado para, junto da fogueira de chamas claras, o indivíduo voltar a encontrar o seu clã.

Philippe CONRAD

O «NÄCKEN»

Os habitantes do norte da Europa contam que é nesta época do Solstício de verão que o músico de aldeia vai ver o «Nacken», homem jovem, segundo uns, um velho, segundo outros, que toca violino com os pés mergulhados na água corrente dum ribeiro, encostado a uma cascata, no coração da floresta. O «Nacken» ensinar-lhe-á certas coisas, mas roubar-lhe-á a alma em troca. Regressado ao povoado, o músico brinca como um louco; está sob o encanto dum sortilégio: todos os habitantes se põem a dançar, possuídos pelo estranho poder do «Nacken».

TRADIÇÕES DO SOLSTÍCIO DE VERÃO ATRAVÉS DA EUROPA

Na Suécia, o «Midsommar» goza de uma enorme popularidade. Celebrado no momento mais luminoso do belo verão escandinavo, coincide com o princípio das férias. É erguido um mastro em todos os prados: é à volta deste «Majstang» decorado com folhas e flores, coroas e grinaldas, que se vai dançar. Outrora, esta árvore de Maio tinha a forma de uma mulher. Este costume foi interdito no século XVII porque dava lugar a «jogos selvagens e inconvenientes». Nesta noite única ninguém queria dormir. Beber-se-á muito. Serão inúmeros os pares amorosos. Cantam, dançam, banqueteiam-se, numerosos grupos aguardam o nascer do dia.

As jovens colhem em silêncio um ramo de flores formado por nove espécies diferentes e colhidas em nove prados. Este ramo é colocado durante a noite debaixo do travesseiro, a fim de que os seus sonhos possam realizar-se.

Na Noruega, o Solstício de verão é festejado por dois fogos acesos durante a noite que o precede. As casas são decoradas com ramos de bétula. Todos bebem e dançam o «springar» e o «gangar». Estas danças são inspiradas no tema tradicional dos torneios amorosos. Desenrolam-se, no princípio, com a participação das crianças, depois com a dos adolescentes dos dois sexos, e, finalmente, com a dos casais. Por vezes os dançarinos são dispostos em círculos concêntricos, outras vezes sucedem-se uns aos outros, deixando cada grupo lugar ao grupo seguinte. O acompanhamento destas danças é assegurado essencialmente por um violino rústico *(fele)* de som um tanto áspero, cujas cordas são metálicas ou de tripa.

Na Dinamarca acendem-se milhares de fogos na noite do Solstício. É costume, nalguns sítios, pôr uma bruxa de palha sentada num pau de vassoura no cimo da fogueira. Quando as chamas lambem as roupas,

Quando a flor florir
E a erva luzir com a vida maravilhosa dos insectos
E a seiva espessa das folhagens retribuir os cantos das aves
O ar que respires trará ao teu coração um sangue mais rico
mais rico do perfume da rosa, do zumbido da abelha
do santo calor que penetra a terra embriagada de fecundidade
Alegria do verão
Certeza do verão.

Eis que da fogueira sobe a chama triunfante
Que iluminará a noite até ao abrasar da manhã próxima
O mesmo calor arde nos nossos corações
A mesma luz brilha nos nossos olhos
A mesma vontade arde nos nossos corações
A mesma esperança brilha nos nossos espíritos
Alegria do fogo
Certeza do fogo.

A flor floriu
As aves cantaram
Sobe a grande chama de alegria
Sobem no céu do Ocidente as chamas da esperança
Sobe triunfante, do mais profundo do nosso ser, o sangue dos nossos antepassados
A sua fé exaltante e generosa
Alegria da vida
Certeza da vida.

Jean FAVRE

destrava-se um mecanismo de polias e a «bruxa» levanta voo. Não se dorme. Esta noite é chamada «noite branca». A noite mais curta e mais clara, a noite em que os amorosos se encontram nos bosques e nos campos.

Na Finlândia são acesos fogos de lenha um pouco por toda a parte nesta noite clara entre todas. À volta destes fogos, instalados de preferência nas margens de lagos, as reuniões, em que o acordeão ocupa um lugar de honra, são sempre muito animadas.

Na Letónia a festa de S. João é sobretudo uma festa da agricultura e da criação do gado. Há toda uma alegoria folklórica ligada a este dia solene durante o qual, segundo a crença popular, Janis, cavaleiro soberbo, cavalga através dos campos para animar a colheita.

A casa, a quinta, os animais, os próprios homens são ornamentados ou coroados com folhas de carvalho para atrairem a atenção do deus do sol; uma menina tece para ele um cinto com fios de uma infinidade de coloridos.

A noite de Janis está cheia de feitiçaria cândida. As cavalariças são cuidadosamente fechadas nesta noite, porque os maus espíritos podem prejudicar a fecundidade se os cavalos forem deixados fora.

Durante o «Dia das Ervas» que precede estas festividades (23 de Junho), instalam-se grandes mercados de verduras por toda a parte, onde as mulheres vão procurar as ervas de S. João que, segundo as crenças dos antigos letões, devem ser colhidas na véspera do grande dia, se querem dar a abundância e a fertilidade. Umas ervas trazem bençãos, outras a protecção contra os maus. No seu regresso do mercado, as mulheres cantam as melodias «Ligo» e cobrem com ervas, folhagens e flores entrançadas em coroas todos os membros da família; ornamentam, também da mesma maneira, toda a habitação.

Ao tombar do dia, quando os trabalhos primaveris do lavrador letão estão acabados, que tudo está preparado para a colheita que começa com

O fogo
faz-se mar
e, do mar,
metade faz-se
terra,
outra metade
núvem ardente.

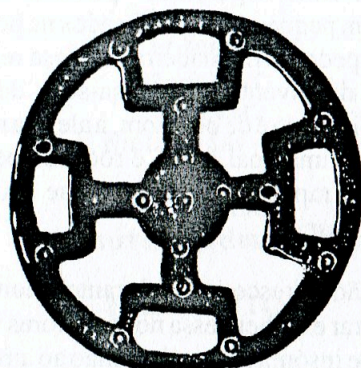
HERÁCLITO

a ceifa, eleva-se o canto «Ligo» entoado por coros e os fogos iluminam os campos em redor. Estes fogos, que aparecem em cada uma das granjas, são ateados em pequenos tonéis fixados na ponta de uma estaca cheios de cascas e de pedaços de madeira resinosa regados com pez. À sua volta, o círculo da juventude entrega-se à dança e aos jogos, estralejam os risos, a simpatia é de bom tom, a alegria reina... O lavrador, que nesta ocasião se chama «pai João» é rodeado pela alegria e a boa disposição dos jovens, rapazes e raparigas, que andam de quinta em quinta a cantar e a dançar.

A modesta *filicaria* não floresce senão durante a noite de Janis e o que tiver a sorte de encontrar e colher nessa noite as flores verá e saberá todas as coisas. Essa noite de insónia não acaba senão ao amanhecer. As vozes vão-se extinguindo à medida que as estrelas desaparecem no firmamento. «Quem tiver dormido, dormirá todo o verão», diz a crença. O seu trigo enfraquecerá e não terá boas colheitas.

Na Polónia, na região de Cracóvia, celebra-se em 24 de Junho a «Sobotka», com danças nocturnas à volta de fogueiras que duram até raiar o dia. Os rapazes defrontam-se durante toda a noite com saltos sobre as fogueiras, enquanto as raparigas cantam «canções da grinalda» *(wianki)*.

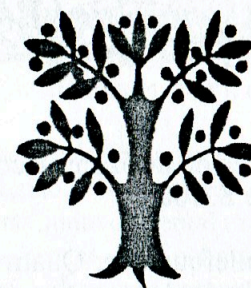
Na Alemanha os fogos do Solstício de verão comunicam entre si de colina para colina, como um sinal a transmitir uma mensagem. As tradições do Solstício de verão foram popularizadas desde o princípio do século pela associação dos jovens *Wandervogel*, «aves migratórias», que vão a pé, de região em região, recolher e, sobretudo, «repopularizar» as tradições folklóricas. Nas montanhas do Hartz, os aldeões soltam do alto das colinas rodas de carros guarnecidas de palha inflamada.

Na Inglaterra as tradições do Solstício de verão parecem menos vivazes que em muitos outros países europeus, embora os britânicos celebrem com exuberância particular a festa familiar do Solstício de inverno. Entretanto, todos os anos, na noite mais curta, peregrinos pagãos vão encontrar-se, ainda hoje, em Stonehenge para verem o sol levantar-se na direcção exacta do eixo do célebre monumento megalítico.

Solstício de Junho, instante ambíguo, marcado por uma espécie de mentira, como ele me perturba, me enerva, me agrada. Durante meses ainda, o ano vai parecer lançar-se para o seu zénite de calor e de esplendor, e, entretanto, tudo está pronto: os dias começam a encurtar. O sol inclina-se, o Sol morre.

A vitória da roda solar não é somente vitória do Sol, vitória do Paganismo. É a vitória do princípio solar, o que *tudo faz girar* («a roda gira», diz o povo). Vejo triunfar neste dia o princípio de que estou imbuído, que cantei, que com uma consciência extrema sinto governar a minha vida.

A alternância. Tudo o que está submetido à alternância. Quem o compreende, compreendeu tudo. Os gregos estão cheios disso.

Henry de MONTHERLANT

Na Flandres são acesas imensas fogueiras na época do Solstício de verão. O povo, com uma alegria enorme, queima no S. João (24 de Junho) um boneco representando um homem. A insólita cerimónia volta a repetir-se cinco dias mais tarde. Mas no dia de S. Pedro (29 de Junho), o costume é de entregar às chamas um boneco a representar uma mulher. Alguns pretenderam ver neste costume uma alusão à Inquisição, particular-mente marcante nas Flandres, longamente ocupadas pelos espanhóis.

Na Catalunha, a «sardane» é uma dança colectiva importada da Grécia, segundo reza a tradição, pelos colonos de Ampurias que rendem homenagem ao nascer do sol; é executada em rondas, umas vezes lentas, outras vezes muito animadas, mas sempre nobres e bem calculadas.

Em Portugal, especialmente em Tomar, a vinda do verão é celebrada por uma festa durante a qual desfilam raparigas que trazem «tabuleiros» à cabeça, constituídos por bandejas carregadas das primícias do verão. Estas pirâmides são compostas por trinta pães ligados por vimes e perfurados por espigas de trigo e flores. Uma canção popular dedicada a S. João diz: «Se as raparigas não correrem atrás de mim, santinho, bato-te com força».

P. V.

A noite. Todo o arco do horizonte é comido pelos fogos longínquos de S. João.

O planalto de Mallefougasse. Quatro fogueiras nos ângulos dum quadrado de terra rasa. Ao lado de cada chama está um homem de pé com um pesado ramo de folhas na mão. À volta desta área iluminada, a noite, e justamente à beira da noite, como as borbulhas da espuma, os pastores estão sentados nas suas cabanas, nos seus capotes.

Mallefougasse vive uma vida que não é vegetal; as árvores que lá estão aprenderam a calar-se. Vive livremente, a vida da terra e das pedras. Atrás da cortina ligeira de carne, rochedos azuis, argilas, palpitantes pálpebras de areia, pulsa o interior do mundo.

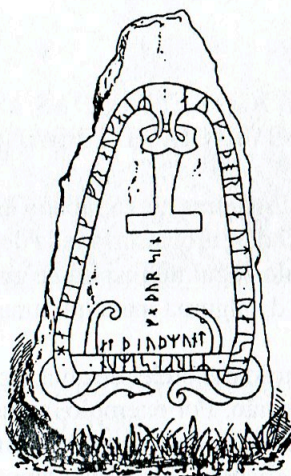
Tudo aqui é religião: eis, na erva calcada, a liteira dos deuses!

Jean GIONO

FOGOS EM TODAS AS PROVÍNCIAS DA FRANÇA

A tradição de acender fogueiras no «S. João» encontra-se em todas as províncias da França. O desenrolar da velada do Solstício de verão que descrevemos no capítulo seguinte inspira-se em numerosos costumes locais que constituem, de alguma maneira, uma síntese.

As tradições da preparação e acender de uma fogueira parecem-se muito de uma para outra região. Por exemplo, a que se faz ainda hoje em Vasteville, em Hague, no ponto ocidental extremo da península do Cotentin, na Normandia: «Espeta-se no chão uma estaca alta de madeira verde no lugar da fogueira, depois os homens começam a empilhar braçados de lenha com a ajuda dos mais novos. Chegados a uma altura de cerca de um metro, abrem uma espécie de chaminés para a tiragem do fumo diante de cada um dos pontos cardiais; a partir destas «chaminés», vão abrindo outra à volta da estaca e continuam a empilhar a lenha em pirâmide até acabarem os feixes (cerca de quatrocentos ou quinhentos). Durante todo este tempo as raparigas preparam uma coroa com flores naturais que irá ser colocada com uma pequena bandeira no ponto mais alto da estaca (...). O padre acende com um círio a «chaminé» voltada para leste, passa o círio ao presidente da Câmara que acende a do sul; o presidente da Câmara, por sua vez, passa o círio ao dador mais generoso de lenha, que acende no lado oeste e, finalmente, os que, na comuna, casaram em último lugar, acendem a que fica virada para norte. Depressa as chamas sobem para o céu encaminhadas pela chaminé, o que impedirá que a fogueira se abata (Lucien Bourdon, in *Parlers et Traditions Populaires de Normandie*, vol. II, fasc. 8, 1970).

Em Octeville-d'Avenel, no Val de Saire, sempre no Cotentin, a fogueira não é feita com menos de dois mil braçados de lenha.

Não se destrói uma civilização senão quando se destroem os seus deuses. Os cristãos não ousam atacar de frente o Império, agarram-se à religião. Deixaram-se perseguir para melhor o poderem fulminar e satisfazerem o seu irreprimível apetite de execração. Como teriam sido desprezados se não tivesse havido o propósito de os promover à categoria de vítimas! Tudo no paganismo, até a sua própria tolerância, os exasperava. Fanatizados nas suas incertezas, não podiam compreender os que, à maneira dos pagãos, se resignavam às verosimilhanças, nem que seguissem um culto em que os padres, simples magistrados encarregados das cerimónias do ritual, não impunham a ninguém o castigo da sinceridade.

E. M. CIORAN

Não se pense que a celebração do Solstício de verão é um fenómeno exclusivamente rural. Em tempos, Paris e todas as grandes cidades do reino da França celebravam o «fogo de S. João». Os soberanos tinham mesmo que partilhar nesta ocasião a alegria popular.

Durante muito tempo, cada bairro de Paris tinha a sua fogueira na festa de S. João e esta ocasião era partilhada com uma grande alegria pelos seus habitantes.

A fogueira da Praça de Grève era, de todas, a que brilhava com maior pompa. Eis como era regulado o seu cerimonial: em 22 de Junho os archeiros a pé e a cavalo de Hôtel de Ville iam, como corpo instituído, levar os convites dos magistrados municipais ao Chanceler, ao Governo de Paris e a todos os altos funcionários, o que, já por si, constituía um desfile solene.

Em 23 de Junho, os magistrados, os prebostes e uma infinidade de outros funcionários vinham, um pouco antes do anoitecer, dar três voltas em procissão à Praça de Grève. De seguida, lançavam o fogo à enorme pilha de lenha.

A cerimónia terminava com um fogo de artifício e cada um levava um tição ou um pouco de cinza de S. João, persuadido que possuía, assim, um talismã contra as desgraças.

O fogo de S. João foi. durante muito tempo, uma das grandes festas oficiais. A Corte participava muitíssimas vezes. O próprio rei tinha na mesma um papel activo. Luis XI, que se juntava voluntariamente às festas populares, honrou com a sua presença mais que um dos fogos da capital. O de 1471 foi aceso pessoalmente por ele.

A acha
inflama a
acha
até se consumir.
O fogo
alimenta-se
do fogo.

Em 1542 Francisco I acendeu a fogueira de S. João com uma tocha de cera branca ao som de doze canhões de artilharia.

Carlos IX acendeu a de 1572, com grande cerimónia. Foi a primeira vez que um fogo de artifício se seguiu à fogueira de S. João na mesma noite.

Henrique III acendeu a fogueira em 1579 na presença da Raínha-mãe e de toda a Corte. Este rei, que adorava as representações e as festas, não podia deixar de acender a fogueira de S. João.

Henrique IV presidiu o fogo de 1596. O maldoso Béarnais sabia aproveitar todas as ocasiões para agradar ao povo. Se veio acender o fogo em Paris, não foi para satisfazer um costume caro aos habitantes da capital mas para exercer, através desta cerimónia, um acto, tão evidente como incontestado, de soberania.

Luis XIII assistia, como os seus predecessores, ao fogo de S. João e, em 1620, a raínha Ana da Áustria dançou nesta ocasião em Hôtel de Ville; a que devia governar mais tarde a França com Mazarino procurava, assim, pela sua gentileza, excitar agradavelmente a fibra sensível dos bons parisienses.

Luis XIV, que tanto amava o fausto, não podia faltar ao fogo de S. João. Aí aparecia várias vezes vestido com os trajes mais imponentes. O «rei-sol» acendia o fogo com a mesma gravidade solene que dava a todos os actos da sua vida e, nesta cerimónia como nas outras, acertava minuciosamente o cenário adjudicando-se o papel principal.

Merecem ser citados alguns costumes particulares. Entenda-se, porém, que não são senão exemplos que se inscrevem entre milhares de outras tradições populares:

O LOBO VERDE

A península de Jumièges, numa das curvas do Sena, a jusante de Rouen, constitui o quadro duma manifestação folklórica bastante singular, que parece remontar à epoca pagã escandinava e evoca as antigas confrarias de guerreiros nórdicos.

Com o nome «Irmãos de Caridade de S. João Baptista» mantem-se activo um grupo de costumes originais, essencialmente orientados na celebração do Solstício de verão.

A confraria foi fundada, como todas as «caridades» tão numerosas ainda na Normandia, para cuidar dos doentes e sepultar os mortos.

A 23 de Junho de cada ano, todos os membros da confraria se juntam em casa de um particular designado na região com o nome de «Lobo Verde». Usam um capuz com a imagem de S. João Baptista.

(continua pág. 168)

Em Ile-de-France a gente nova e as raparigas da aldeia de Saintines no Oise tinham o hábito de se banharem nus numa fonte na noite do Solstício de verão. Na igreja da paróquia encontra-se algures uma relíquia: um dedo atribuído a S. João Baptista.

Na Picardia, especialmente em Cambrai, é costume lançar no fogo de S. João bonecos representando pessoas contra as quais se quer vingança.

Na Normandia celebra-se em Jumièges, na véspera de S. João, a festa do Lobo Verde. Assiste-se então a cenas semi-religiosas, semi-carnavalescas... Na noite de S. João, um rapaz e uma rapariga coroada de flores prendem lume a uma fogueira à volta da qual se dança e se executam cerimónias piedosas e burlescas.

Na Bretanha, os que assistem ao fogo de S. João dispõem pedras em círculo à volta da fogueira, a fim de que os parentes falecidos e até os mais longínquos antepassados possam vir repousar e aquecer-se.

Em Poitou, no S. João, envolve-se uma roda de carro com palha que é aceso de seguida com um círio benzido. Ressuscitando um antiquíssimo rito solar, os habitantes lançam depois a roda em fogo pelos campos que querem fertilizar.

Na Guiana faz-se em 24 de Junho uma peregrinação à «fonte miraculosa» de Bourricos, em Ponteux-lès-Forges. Esta fonte encontra-se adossada a uma capela consagrada a S. João.

Na Lorena os lavradores expõem às chamas das fogueiras de S. João paus de aveleira. Plantam-nos depois nos seus campos para repelir as tempestades e fazer que o cânhamo cresça mais que a vara.

Na Alsácia, os rapazes têm que saltar o mais alto possível por cima da fogueira. Pensa-se que o trigo crescerá tanto quanto mais alto for o salto. O fogo de S. João é chamado «Sungichtfeuer» (*Sungicht*: Solstício). No século XVI, Jaysersberg, Türckheim e Ammerschweier faziam rebolar a sua *Sunnig Radt*, a sua roda solar ou roda de fogo. As crianças

(continuação pág. 166)

O seu anfitrião veste um capote de cor verde e tem a cabeça coberta por um barrete ponteagudo sem abas e da mesma cor. O seu fato é recamado de fitas. Partem todos em procissão cantando um velho hino ao som de duas campaínhas levadas por um dos membros mais jovens da confraria.

A procissão, acompanhada por tiros de espingarda, dirige-se ao lugar chamado «Le Chouquet», em Jumièges, e entra na igreja, sempre ao som da fusilaria.

A confraria, depois de assistir às vésperas, regressa ao domicílio do Lobo Verde, onde a espera uma farta refeição.

No fim da jornada, acende-se uma grande fogueira, que o jovem e uma rapariga ateiam. Depois, todos os «lobos» dão as mãos e começam a correr à volta do fogo em perseguição do que foi designado como novo «lobo verde». Deve esforçar-se por escapar aos perseguidores que procuram tocá-lo por três vezes.

Quando o novo «lobo verde» é finalmente apanhado, um velho da região canta *Voici la Saint-Jean*.

Depois reunem-se para «temperar a sopa», no meio da algazarra dos petardos e dos tiros de espingarda.

Didier PATTE

atiravam ao ar (até uma época muito recente) malhas circulares de madeira com um furo no centro que mediam cerca de 12 cm. de diâmetro e um dedo de espessura. Estas «Schiwele» (*Scheibelein*, pequenas rodelas) ou «Zünradl» (roda iluminada) eram atiradas ao ar com a ajuda de um pau. Lançadas no fogo, voltavam a ser apanhadas depois de começarem a arder e de novo atiradas ao ar, onde descreviam arcos de fogo que perfuravam a noite, no meio da alegria popular.

Na Borgonha, um jogo de S. João que se tem lugar em Beurizot, consiste, para a gente nova reunida em círculo, em soprar num carvão incandescente suspenso numa trave por um fio metálico, à altura da boca. É de quem soprar mais forte, de modo a empurrar o carvão inflamado. Não se pode deixá-lo passar sem soprar e, quem for tocado, perderá a partida.

Em Franche-Comté, nas vésperas do S. João, como por altura do 25 de Dezembro, os jovens vão ao anoitecer para os cruzamentos e para os sítios altos com tochas de madeira resinosa, divertindo-se a brandi-las à força de braço, o que faz na obscuridade rodas de fogo.

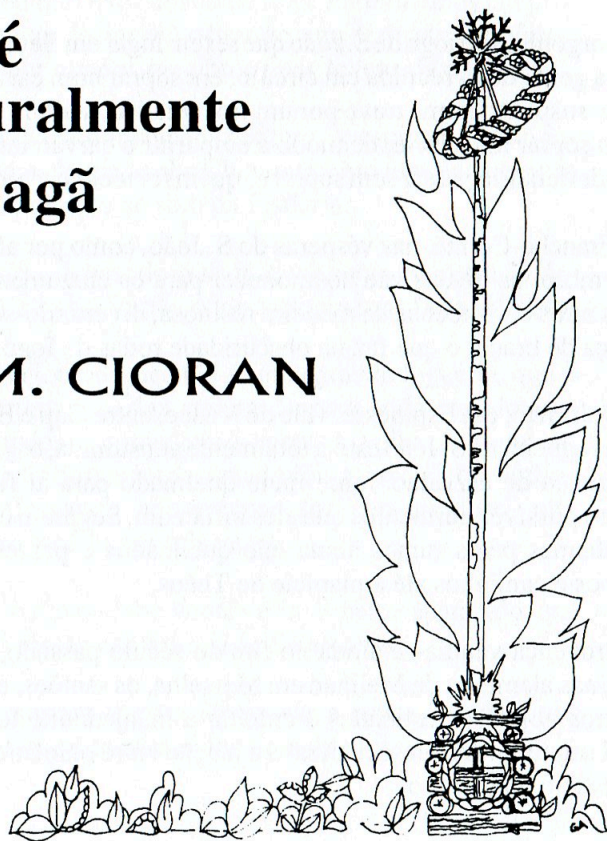
No Delfinato, em Espinasse, vale do Vance, entre Gap e Embrun, antes que a fogueira de S. João esteja totalmente consumida, os jovens retiram um tronco de carvalho verde meio queimado para aí fixar, tão bem quanto possível, sarmentos que eles inflamam. Seguram então o tronco em chamas pelos ramos ainda não queimados e passeiam-no pelos campos e caminhos até à planície de Théus.

Na Provença vendia-se ainda no fim do século passado, no dia de S. João, nas alamedas de Meilhan em Marselha, os santões, os brinquedos e outros objectos destinados a enfeitar a manjedoura do presépio do Natal seguinte. Assim se realizava a junção entre o Solstício de verão e o Solstício de inverno.

J. M.

(in *Manual de Folklore Francês Contemporâneo* de Arnold van Gennep)

A alma é naturalmente pagã

E. M. CIORAN

POR UM FOGO POPULAR DO SOLSTÍCIO DE VERÃO

Importa que o Solstício de verão seja, o mais largamente possível, aberto a pessoas que nunca tenham tido a ocasião de assistir a um. Nesta perspectiva, é desejável fazer participar ao máximo a população local. Deve ser encorajada toda a iniciativa no sentido de uma difusão da celebração do Solstício.

É para dar aos que desejariam tomar a iniciativa de organizar fogos solsticiais um exemplo do que é possível fazer, que escrevemos o que segue. Precisamos que estas sugestões sejam o fruto de experiências práticas, feitas com meios materiais reduzidos. Trata-se, bem entendido, de fazer um plano. Podem ser previstos acrescentos, mas, *rigorosamente na medida em que se inscrevam no espírito das tradições europeias do Solstício*. Em especial, cada região pode contribuir com a decoração (fitas para a coroa de folhas), com cantos, com a composição das merendas, enfim, com as suas notas particulares.

Data

É preciso notar que a festa do Solstício não dura mais que um dia. Para sermos rigorosos, uma noite. A razão é simples: é que tem lugar numa época em que as pessoas estão pesadamente sobrecarregadas com os trabalhos da terra. Se não coincidir com um feriado, a celebração pode ter lugar na noite do sábado mais próximo do dia 23 de Junho.

Organização

Agrupando a população da aldeia e apresentando o máximo de espontaneidade, importa que esta festa seja organizada. Convém designar um grupo muito reduzido de pessoas, cada uma delas com tarefas bem definidas.

EIS O S. JOÃO

Tradicionalmente cantada no Solstício de verão, esta cantiga está muito difundida nas províncias francesas e comporta diferentes versões.

«Evocação do Solstício de verão, tão ligeira como uma canção da Renascença», acha André Gaultier. O refrão precioso, a ordenação das quadras, tudo deixa adivinhar que «Va, mon ami, va» remonta provavelmente ao fim do século XVIII.

Voici la Saint-Jean, la belle journée (bis)
Où tous les amants vont à l'assemblée

Va mon ami, va, la lune se lève
Va mon ami, va, la lune est levée
(dernier refrain: s'en va)

Le mien n'y est pas, j'en suis assurée (bis)
Il est à Paris chercher sa livrée

Que t'rapport'ra-t-il, mignon, tant aimée (bis)
Un bel anneau d'or et sa foi jurée

Le mien chante et danse et m'a delaissée (bis)
Il est dans les champs là-bas à la maie

La chemise au vent, chevelure dépeignée (bis)
peut-être il me trompe avec une fee

Je cueille à minuit l'herbe des vallées (bis)
J'en veux faire un philtre afin d'être aimée

Mais il est trop tard, la belle journée (bis)
Et la belle nuit s'en sont allées

Et la belle nuit s'en sont allées (bis)
Des feux de Saint-Jean, voilà la fumèe...

Contacto com as autoridades: É a primeira coisa a fazer. Sendo o fogo público, é recomendável, uma vez obtida a autorização do proprietário do terreno, convidar o presidente da Câmara a assistir e a informar os concidadãos. O professor primário pode dar uma grande ajuda, interessando nisso as crianças nesta festa. Se existir um grupo teatral, pode conseguir-se o seu concurso para representar uma peça de circunstância. O objectivo é, bem entendido, fazer uma festa à qual todos possam assistir, em que possam divertir-se e reunir-se.

Organização do fogo: Será designado um «mestre do fogo». É ele que se encarregará de recolher a palha, as achas, os toros de lenha. Será ele a montar a pilha de lenha para fazer a fogueira, assim como assegurar a boa manutenção do fogo durante toda a cerimónia, quer regulando a intensidade das chamas, quer observando escrupulosamente as regras elementares de segurança. Será assistido por dois ou três rapazes ágeis e vigorosos.

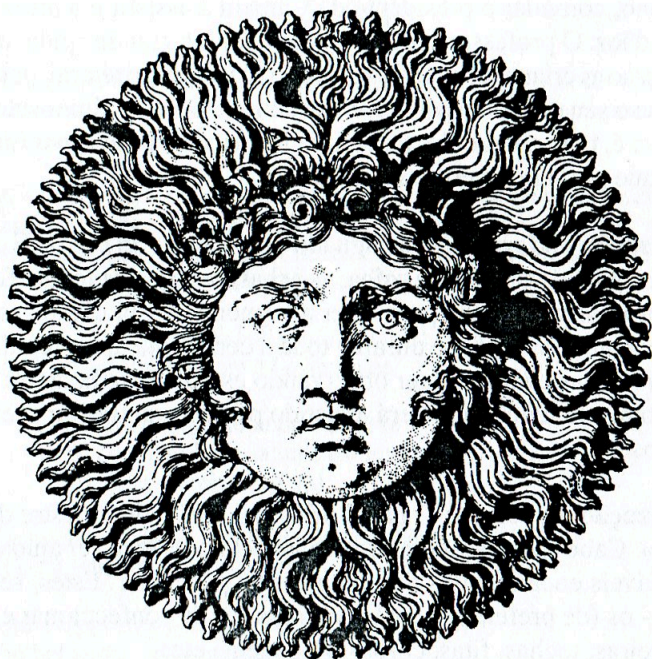
Organização da velada: O papel principal será o do «mestre de cerimónias». Cabe-lhe a tarefa mais pesada, pelo que deve ser ajudado por responsáveis encarregados das questões de pormenor. Estes, serão:

— os (de preferência, as) encarregados de confeccionar e reunir as bandeiras, tochas, fitas, coroas, folhagens, etc.

— os encarregados de dirigir e coordenar os cantores, os dançarinos, os narradores ou os músicos.

— o «tesoureiro», encarregado de fazer uma previsão das despesas (que deverão ser reduzidas ao mínimo e cobertas, por exemplo, com a venda ao domicílio de um programa da festa, simultaneamente instrumento de propaganda e uma recordação).

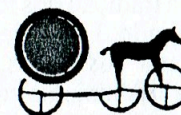
Lugar

O local será, de preferência, num sítio elevado, onde o fogo seja visto de longe e de onde se possam ver outros fogos nos arredores. Convém ter o cuidado de obter tão cedo quanto possível a autorização do dono do terreno. O lugar devia ser escolhido num local «legendário», como quase sempre existe em todas as aldeias (junto de uma pedra memorial,

Sol, vem aquecer-me
com os teus fogos
e iluminar-me com a tua luz,
coração do mundo, olho da natureza,
imagem viva da Divindade.

BERNARDIN
DE SAINT-PIERRE

de um campo de batalha, de uma ruína histórica). Nas comunas rurais, é preferível fazer o fogo em pleno campo. A menos que a praça da aldeia ou da vila seja um lugar propício para esta cerimónia.

Assistência

Toda a gente deve ser prevenida e convidada. Mas este fogo deve ser também uma festa íntima. Não devem deixar-se instalar carrocéis ou vendedores de quisquer espécie de artigos. Seria bom contactar nesta ocasião pessoas da aldeia que vivem fora para estarem presentes nesta noite.

Procura da lenha

A equipa, composta por rapazes e homens e chefiada pelo «mestre do fogo», deverá fazer uma previsão da madeira que será necessária para a fogueira e para a sua manutenção durante todo o tempo que durar a velada. O ideal é dar uma volta pelas quintas vizinhas, a casa das pessoas prevenidas com antecedência e que estejam de acordo em fornecer um pouco de lenha. Há uma tradição dizendo que se deve roubar a lenha àqueles que se recusarem a dá-la! E, de preferência, três achas, em vez de duas... A madeira recolhida é carregada numa carroça enfeitada com folhagens e fitas econduzida ao local do fogo. Os toros deverão ficar separados das achas.

Montagem da fogueira

A pilha de lenha terá sempre no seu interior palha e madeira bem seca que, sendo nenessário, se regarão inicialmente com um pouco de petróleo ou gasolina, uma vez que a chama deve ser muito alta. A melhor maneira de a montar, não só por ser a mais sólida como também a mais

SOLSTÍCIO NO PAÍS D'OC

O Natal e o S. João partilham o ano: *«Nadàu e Sent-Juàan ques partéchen edj an»*. Desde a antiquidade mais recuada que a periodicidade dos Solstícios de inverno e de verão suscitou uma emoção sagrada.

...Desde que a religião cristã instaurou o mistério da Natividade, a festa do Sol perdeu a sua significação original e foi substituída pela devoção a S. João Baptista. Longe de extinguir-se, todavia, a tradição dos fogos solsticiais manteve-se viva desde o fundo das idades até nós. Em toda a parte ainda, da Oceania aos Alpes, se acendem sinais luminosos, aos quais o cristianismo conferiu uma intenção diferente da primitiva, conservando embora o seu antigo prestígio.

É ao cair da noite, ao som de carrilhões, de rabecas tocadas pelos seus instrumentistas e com o clero à frente que os habitantes das cidades e das povoações se encontram solenemente na véspera de S. João, desde a igreja ao local onde se ergue a gigantesca pirâmide. Logo que a procissão chega diante da *halhole*, os assistentes dispõem-se em círculo à sua volta. Durante o trajecto e enquanto se efectuam os últimos preparativos, tem lugar a *bravàdo* (descarga de fusilaria).

...Quando a fogueira está semi-consumida, o clero abandona as suas ovelhas e retira-se. A juventude, então, entrega-se fogosamente às folias tradicionais. Saltar o fogo de S. João é um jogo, da mesma forma que é um ritual. O costume, quase sagrado, data de uma longínqua antiguidade. No sétimo canto de*Miréio*, Mistral exalta o ardor dos adolescentes que «três vezes com grandes impulsos desafiam as chamas».

Jean POUEIGH
Le Folklore des Pays d'Oc

estética, é fazer um grande cubo de achas à volta de um mastro central, árvore desfolhada e guarnecida de uma coroa de folhagem ornamentada com fitas.

Uma grande roda solar é colocada de um dos lados da fogueira, de preferência, se é possível, do lado norte. Nas numerosas regiões era costume no século passado pô-la na própria fogueira, além da palha, das achas,dos toros, das aparas acumuladas durante todo o ano pelo marceneiro e pelo carpinteiro, de roupas velhas, de silvas e de ervas daninhas.

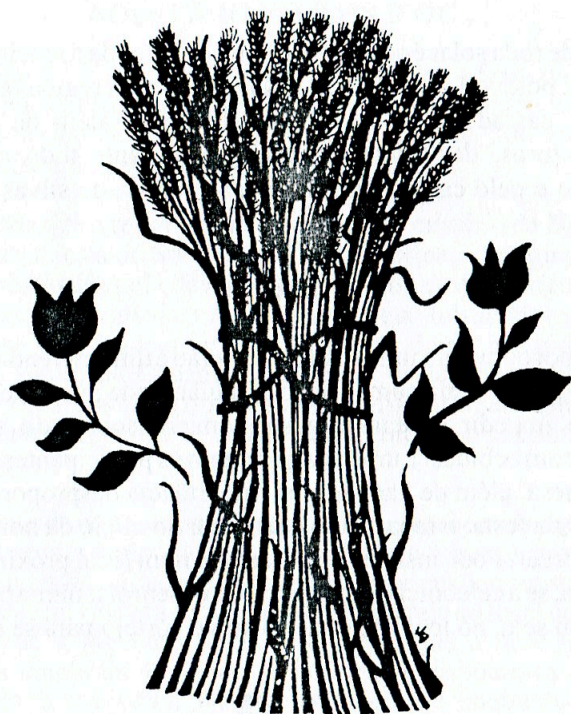
Merenda

O que melhor convém a um Solstício de verão é uma merenda campestre adaptada, quanto à sua composição, à região onde nos encontramos. É necessário impedir o repasto gastronómico (sobretudo se é muito «regado» com bebidas!), uma vez que retem os participantes demasiado tempo à mesa, além de ganhar uma importância desproporcionada no desenrolar da festa: o repasto deve ter lugar no início da noite, a fim de não a perturbar. Pode instalar-se a merenda num local próximo do local da fogueira, se a celebração do Solstício se desenrolar numa propriedade fechada, ou seja, no local de onde partirá o cortejo para se dirigir para lá.

Organização do cortejo

Far-se-á, de preferência, a uma certa distância do lugar do fogo (cerca de um quilómetro). O ponto de partida poderia ser a praça da aldeia.

Marcha para o fogo

À hora fixada, põe-se a caminho o cortejo. Este compreende o conjunto da população, conduzida por diversas entidades e escoltado por jovens

Então, num claro dia de verão
O grande Sol, cúmplice da minha alegria,
Fará, entre cetins e sedas,
Mais bela ainda a vossa beleza.

VERLAINE

empunhando tochas acesas feitas de madeira resinosa ou compradas em lojas de fogo de artifício. Os músicos precederão o cortejo, tocando os instrumentos mais usados na região. Podem enquadrar as bandeiras das províncias que se associarem, pelos seus representantes, ao mesmo Solstício.

A marcha para o fogo pode fazer-se com um só grupo que parte da praça da aldeia ou com vários grupos vindos de quintas afastadas ou de casas vizinhas. Deve ser combinada a hora de chegada de cada um desses grupos e de anunciar, sem engano de nomes, a sua entrada no local onde vai arder a fogueira. A barreira guarnecida de fitas que o fecha deverá ser aberta solenemente, subindo depois silenciosamente a colina. Apenas uma ária musical (ou um rufar muito lento de tambor) deve ritmar a marcha. Chegados diante da fogueira, os participantes são agrupados pelos respectivos organizadores num vasto círculo à volta daquela.

O acender da fogueira

É a parte inaugural da velada. Relativamente aos que devem acender o fogo, existem diversos costumes do passado. Os que tinham esta honra eram o governador, o presidente da Câmara ou o magistrado municipal; os membros das confrarias de S. João, o padre ou o homem mais idoso da paróquia; o último par casado, uma criança ou raparigas (a primeira que fizer brilhar as chamas casar-se-á no mesmo ano); os soldados (algumas vezes ao som de tiros de espingarda), o presidente da associação dos comerciantes (em Lyon), um homem chamado João ou uma mulher chamada Joana; um rapaz e uma rapariga coroada de flores (em Jumièges, na Normandia).

O método de acender que preconizamos, sem desconhecermos o interesse dos costumes precedentes, tem por objectivo restaurar o carácter simbólico europeu do Solstício.

Quatro pessoas portadoras de tochas são colocados nos quatro pontos cardiais, num raio de uma centena de metros. O animador da velada toma a palavra:

Há à volta dele boas árvores e ervas espessas como núvens, e ele vive uma longa manhã. As flores respondem-se de outeiro em outeiro e há sobre as colinas voos de pombas e fumo de madeira seca.

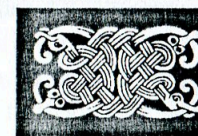
Eis à sua volta faias e robles e macieiras, com as maçãs verdes como os mundos.

Eis o belíssimo Sol, derramado como água, a espalhar-se aos seus pés.

Homem, escuta esta canção de tudo o que foi criado, de tudo o que está vivo, de tudo o que te rodeia. Se marchas, tudo marcha ao teu lado, e o teu caminho é seguido por rebanhos de colinas a ondular a espinha, agitando as suas fontes como campaínhas, roçando a lã espessa dos seus bosques entre os teus passos. Se páras, escuta o peixe que salta no lago; escuta esta água mansa que vem acercar-se dos juncos e cantar à flor dos lábios; escuta a beleza do vento encabritado nos pinhais, como um cavalo na aveia fresca.

Jean GIONO

«Há milénios, os indo-europeus lançaram-se à conquista do mundo e encetaram a longa marcha dos povos vindos da Hiperbórea. Nós, que somos os seus herdeiros, renovamos esta noite o rito antigo dos filhos do sol. Que o fogo vindo dos quatro horizontes do nosso mundo ilumine com uma chama única este Solstício... (indicar o ano)».

O que está colocado a oeste avança até à fogueira e pára na sua frente, levantando a tocha ao alto. E diz:
– *«Venho do Oeste, terras do rei Artur, e trago o fogo».*
O que está no sul procede da mesma maneira e diz:
– *«Eu venho do Sul, terra de Rómulo, e trago o fogo».*
Depois o de Este:
– *«Eu venho do Leste, terra de Siegfried, e trago o fogo».*
Finalmente, o do Norte:
– *«Eu venho do Norte, terra de Eric o Vermelho, e trago o fogo».*
No fim desta frase, os quatro baixam o braço de um mesmo gesto e lançam o fogo.

Plano da velada

É necessário distinguir duas partes diferentes nesta noite: uma parte «cerimonial» e a parte da «velada». Enquanto a parte cerimonial se deve desenvolver numa atmosfera de recolhimento e fervor, a da velada será animada e alegre. O animador deve ter previsto um cenário preciso, detalhado, da parte cerimonial. Em contrapartida, pode permitir um certo carácter de espontaneidade à velada, na condição de ser capaz de impedir todo e qualquer «deslize», proibindo tudo o que possa desnaturar a festa do Solstício. É vital que o animador distribua, entre homens e mulheres com quem possa contar, as diferentes tarefas nas intervenções

que forem necessárias no decorrer do Solstício (leitura de textos, cantos, danças). A responsabilidade do «mestre de canto», designado para lançar e dirigir os cantos é particularmente importante.

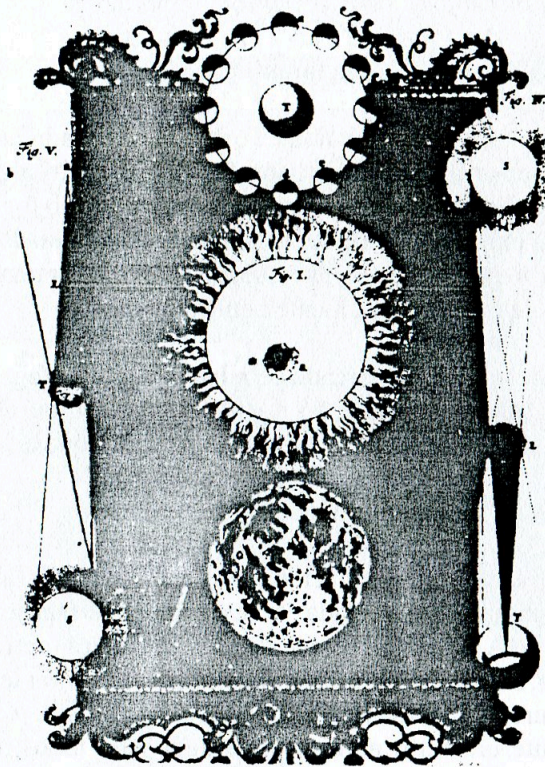
Cerimonial

O acender do fogo, evocado mais atrás, é o início do cerimonial. Ao mesmo tempo que sobem as primeiras chamas, o animador dirá algumas palavras, simples e breves, sobre o significado simbólico do fogo (o tema principal de tal exposição pode ser tirado do texto intitulado «Fogo e Fé», citado em anexo, pág. 148). Deve seguir-se um programa de textos de evocação e de cantos previamente bem ensaiados.

O último acto desta parte é marcado pelo lançamento ao fogo de achas marcadas com runas em intenção dos desaparecidos ou de amigos ausentes, achas que terão sido preparadas por aqueles que o desejarem.

Velada

O animador deve anunciar claramente que a parte cerimonial está terminada e que se passa agora à velada. Acrescentará que esta se prolonga até à meia-noite. A esta hora, os que desejarem poderão retirar-se. Os outros deverão, à volta do fogo, esperar pelo alvorecer e ver levantar-se o disco de ouro. O animador terá, em qualquer caso, convocado antecipadamente um certo número de amigos para todos montarem guarda ao fogo toda a noite. Os que ficarem até à alvorada terão o privilégio de poderem levar carvões que ficarão guardados nos seus lares e poderão ser colocados no fogo do ano seguinte.

A transição entre a parte cerimonial e a parte da vigília pode ser marcada por uma distribuição de vinho quente à volta da fogueira. Depois, desfilará à volta da fogueira uma parada de bandeiras das províncias presentes. O momento chega, finalmente, em que os audaciosos devem saltar por cima do fogo. Os namorados que vão casar-se nesse ano executarão o salto em conjunto, de mãos dadas. Os gritos alegres da assistência não deverão, no entanto, fazer esquecer o carácter sério de

Somos levados a crer que as almas mais perfeitas vão para o sol, astro cintilante de onde emana tudo o que há de mais belo na terra.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE

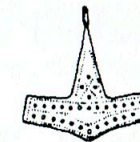
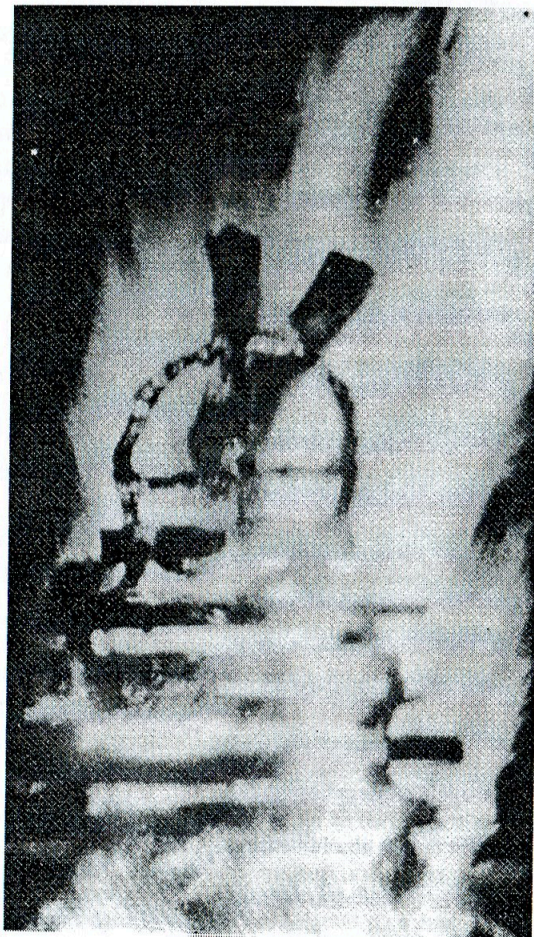
compromisso que está a assumido nessa noite, compromisso para a vida inteira e do qual a comunidade reunida será testemunha. Os casais encontrarão no salto sobre o fogo a promessa de uma descendência vigorosa!

O desenrolar da velada é marcado por cantos que os participantes poderão encontrar num caderno distribuído no início da festa. É necessário incluir o mais possível cantos regionais. Da mesma maneira, deverão ser contadas as lendas atribuídas à província onde nos encontramos por pessoas escolhidas pelo animador. Os amadores poderão executar sainetes, diálogos e coros. Quadros históricos podem evocar certos episódios da história do Ocidente. A participação de um grupo folklórico também é desejável: poderá executar cantigas, trechos de música e danças, esforçando-se (o que é muito importante) de fazer com que sejam interpretadas também por todos os assistentes.

Na preparação e execução da velada, o papel do animador é fundamental. Deverá saber improvisar e preencher os tempos mortos para que o interesse dos participantes não esmoreça um instante sequer.

É ele que deverá convidar os que decidirem permanecer à volta do fogo até ao nascer do sol e a saudar o retorno do sol com o velho grito nórdico de guerra lançado por três vezes: «Thor... aïe!».

Uma pequena equipa deverá ter o cuidado de deixar o terreno junto do lugar da fogueira limpo e sem nada ao abandono. O proprietário deverá encontrar tudo bem limpo – excepto o grande círculo de cinzas que lembrará, num canto de terra europeia, o poder que não morre nunca.

J. M.

A FESTA DO FOGO

No «plano» da Igreja, entre as duas alamedas de castanheiros cujas naves imponentes se enchem de mistério, a fogueira de S. João, na noite que começa, erige a sua silhueta um pouco inquietante.

Das casas do burgo escapa-se o quente e inconfundível cheiro do jantar e o entrechocar de grossas faianças. Pela porta aberta dos estábulos ouve-se o ruminar plácido dos animais e, com a impertinência dos moscardos, os coices que a palha amortece.

A toda a volta os campos repousam.

A planície — a planície feliz de Junho, enlanguescida pelo trabalho das suas germinações — adormece sob o manto do trigo novo.

A primeira estrela cintila no alto de um choupo. Uma outra, muito longe, responde-lhe. E o céu, lentamente, povoa-se de esplendor.

De todas as ruelas, agora, casebres agachados no encovado verde dos caminhos, como belas construções de uma banalidade nova, da escola, da junta de freguesia, do presbitério, sombras saem, juntam-se, agrupam-se. Vão ali três velhas curvadas sobre bengalas e outros, saltitantes, que correm à frente.

Todos se dirigem para o local da fogueira, muda e escura, que parece esperar uma vítima.

Como a tribo a reunir-se à volta dos chefes para cumprir os ritos que os antepassados transmitiram, o clã aldeão forma em círculo na praça. Em todas estas almas, frustres, restritas, ignorando que sugestão, vinda do mais insondável das idades, inspira-os, agregam-se numa só alma, ampla e tradicional.

O cura avança. Um petiz estende-lhe um círio que ele acende. O luar imperceptível na noite enorme palpita como um pirilampo. O padre aproxima-o das folhas secas de um ramo.

A chama, de início desconfiada, mas ávida, começa a lamber as aparas, apalpa a madeira, estende-se curta e dourada através do amontoado dos gravetos, depois num crepitar peremptório, agarra-se aos toros grandes, atinge o coração da fogueira, mergulha lá as suas mil lanças ardentes, projectando a toda a volta um halo de centelhas.

O Fogo, agora majestoso, soberano, eleva-se em colunas de ouro claro. A sua sumptuosidade reina nas trevas.

Todos olham em silêncio...

Na campina profunda não se espera senão a sinfonia rústica das noites de verão: estridências desenfreadas das cigarras lançadas sem descanso sobre o coro monocórdico dos ralos e, a intervalos, respondendo-se como apelo das sentinelas da planície, a nota de cristal dos sapos e a sua melancolia imensa...

Todos olham... E, sem que queiram, sem que o saibam, os olhares fixados na chama traz a reminescência de um êxtase receoso... uma vaga, indefinível e mística veneração...

O Fogo está ali, com todo o seu poder.

Perturbado, não compreendendo se é o dia que recomeça, um rouxinol, subitamente, arrisca um trinado e volta a calar-se...

Esta voz das belas noites quentes é como um sinal. As crianças, cheias de risos, as raparigas, os adolescentes, cheios de agitação, dão-se as mãos e giram, giram numa ronda ébria, cantando um refrão muito antigo, à volta do braseiro que cresce.

A pirâmide inteira já se inflamou. Já não há colunas de ouro, mas clari-

dades brutais e dançantes claridades. Tingem de reflexos sangrentos o rosto bonacheirão do presidente. O magistrado, gigante ossudo, e o carpinteiro, anão obeso e corcovado, parecem saídos desta fantasmagoria do fogo. O caseiro, de traços marcados pelo sono, encarquilha os olhos enquanto o seu cão, alternadamente, vai farejar o fogo e volta, com ar inquieto. A menina dos Correios vestiu um corpete de seda e o desalinho louro dos seus cabelos faz um contraste de símbolo com os toucados rurais. Para o lado dela, esgueirou-se o vagabundo. Tem quase cem anos, acolhe-se a um lado, acolhe-se a outro, desde a infância, sem nunca ter tido um tecto seu. Esta noite, o belo fogo ritual dá-lhe a sua chama. O velho estende as mãos abanando a cabeça, enquanto o pergaminho das suas faces se enruga em mil dobras debaixo do sorriso desdentado.

A praça, abrasada, brilha no espaço negro como um sol nocturno... Um intenso perfume eleva-se dos feixos de feno e de luzerna, sobreaquecidos todo o dia.

A ronda do Fogo continua alargando-se um pouco, porque o braseiro começa a abater-se.

As silhuetas dos dançarinos recortam-se, agudas e desmesuradas. A igreja, comprimida debaixo da sua abóbada atarracada e das telhas arruçadas pelos líquenes, reflecte como um espelho de pedra as sombras fantásticas, esta noite, assim como todos os anos, desde há séculos. Todos os que lá dormem, deitados debaixo das lajes ervosas dançaram, eles também, no desdobrar rápido das gerações, à volta do fogo de S. João...

A chama devorou a sua presa. Das achas, das quais cada um levará a sua esta manhã, não resta mais que uma incandescência ao nível do chão, uma toalha de brasas de um púrpura intenso, sobre a qual se contorcem, brancos e rosados como uma floração de coral, alguns ramos pequenos.

Um minuto ainda. A ronda pára. E cada rapariga, então, lesta e brava e risonha também, porque se trata para ela «de um casamento no fim do ano», salta por cima do montão de cinzas ardentes.

Nenhuma aí faltará, mesmo as que se retiraram para as grandes cidades onde conheceram o cepticismo. No profundo segredo inconsciente do seu ser, nas regiões durante muito tempo ainda misteriosas, onde os atavismos acumulados elaboram as suas ensinanças formidáveis, uma certez – incalculavelmente longínqua – convence-as do poder, da benevolência do Fogo.

Todos, à volta delas guiados pela mesma revivescência imemorial, recolhem um carvão avermelhado e, muito preciosamente, levam-no como penhor de felicidade.

Depois, lentamente, a aldeia volta a entrar em casa.

E é o silêncio. Florida de lenda, dominada de sortilégio, a noite retoma o seu império.

Baronesa Yvonne de BENOIST
Les Annales (24 de Junho de 1923)

Nasceu em 1927. Simultaneamente Normando e Europeu, é autor de mais de sessenta obras, incluindo numerosas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial e a Normandia (Vikings en Normandie, Histoire de la Normandie, Guillaume le Conquérant) e igualmente vários romances (Les Hors la Loi, Les Paras perdus, La Maôve).

Obras de J. Mabire sobre o Paganismo:

- Thulé, le soleil retrouvé des Hiperboréens (Le Trident)

- Les Dieux maudits, récits de mythologie nordique (Copernic)

Nasceu em 1942. Especialista de história da Idade Média é professor na Universidade de Lyon. Redigiu vários fascículos para as enciclopédias das edições Atlas (A la une, Troupes d'Élite, de A a Z) e colabora regularmente nas revistas Nouvelle École, Éléments, Identité e Terres d'Histoire. Autor de «La Bataille de Vercours 1943-44» (Presses de la Cité), «Pour une renaissance culturelle» (Copernic) e, em colaboração com Alain de Benoist, «La mort, histoire et actualité»

9 789728 310028